

MARIA MAIA DE OLIVEIRA BERRIEL

PRECONCEITO E PERCEPÇÃO

UM ESTUDO SOBRE A IDEOLOGIA RACIAL BRASILEIRA

Dissertação de Livre Docência na
área de Antropologia apresentada
à comissão designada pela
Universidade Federal Fluminense

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

— 1975 —

MARIA MAIA DE OLIVEIRA BERRIEL

PRECONCEITO E PERCEPÇÃO - UM ESTUDO SOBRE A IDEOLO-
GIA RACIAL BRASILEIRA

Dissertação apresentada para o con-
curso de Livre Docência da Universide
dade Federal Fluminense.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

- 1975 -

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS
BIBLIOTECA

"Somente em nome dos desesperançados nos é dado ter
esperança" (Walter Benjamin - Cit. Marcuse).

"Só os negros e as mulheres salvarão a humanidade"
(Retirado da entrevista de um ator negro).

AGRADECIMENTOS

Este estudo foi concretizado, graças ao apoio e estímulo dos meus colegas e amigos do INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA. A todos eles e de um modo particular aos professores da área de Antropologia, os meus sinceros agradecimentos pelo incentivo e sugestões recebidas.

Sou muito grata aos professores Maria Rosilene Barbosa Alvim e Wagner Neves Rocha pelos numerosos livros colocados à minha disposição, especialmente ao Wagner pela leitura deste trabalho e por suas valiosas observações.

Meus sinceros agradecimentos aos alunos do Departamento de Ciências Sociais, que realizaram entrevistas para esta pesquisa, entre os quais destacamos Laura Graziela Figueiredo Fernandes, Paulo José Ribeiro Magalhães, Mauro da Cunha Bastos, Marlene de Oliveira Cunha, Cezar Augusto de Paiva, Ana Maria Venturo, Ricardo Gomes Lima, como também ao professor Roberto Kant de Lima. À professora Marlene Veloso, pela revisão final deste trabalho, a minha gratidão.

Ao apoio moral de minha família, especialmente de minha mãe, que acompanhou de perto a execução deste trabalho, incentivando-me e lendo diariamente, com o máximo interesse, página por página desta dissertação, o meu profundo reconhecimento.

Aos nossos informantes, um agradecimento muito especial pela boa vontade demonstrada no momento das entrevistas, e pelas valiosas informações, decisivas na elaboração deste trabalho.

Cabe-me ainda registrar a dedicação e o desempenho da secretária do ICHF, Maria Helena Chaves Aragão e suas colaboradoras, assim como dos funcionários da mecanografia, por sua execução datilográfica e a impressão deste trabalho.

SUMÁRIO

	Págs.
INTRODUÇÃO	1
I CAPÍTULO: <u>DO TOTEMISMO ÀS NOSSAS IDEOLOGIAS</u>	7
1 - Construção do Imaginário na realidade.	14
2 - A legitimidade das Ideologias	23
3 - A noção de hierarquia em Ideologia ...	28
4 - Rutura das Ideologias	30
5 - Concepções sobre as Ideologias	32
ESQUEMA	39
II CAPÍTULO: <u>GÊNESE DA IDEOLOGIA RACIAL BRASILEIRA</u>	40
1 - Condições econômicas	42
2 - A ambigüidade do símbolo - Repercussão diversa de um mesmo símbolo	47
3 - Eixo relacional prevalecente	50
III CAPÍTULO: <u>COMO SE MANTÊM E TRANSMITEM AS IDEOLOGIAS.</u>	56
1 - A herança da escravidão	56
2 - Relações paternalistas	58
3 - Estereótipos, idealizações e artifí - cios	62
4 - A interiorização do preconceito	69
5 - Sub-sistemas ideológicos	76
6 - O processo de comunicação da Ideologia	88
IV CAPÍTULO: <u>RUTURA COM A IDEOLOGIA</u>	96
CONCLUSÃO	107
BIBLIOGRAFIA	115

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como ponto de referência modesto "Survey", realizada por nós há alguns anos atrás, objetivando detectar atitudes e artifícios preconceituosos, que reduzem o universo de atuação dos negros na estrutura ocupacional. O contato com a amostra de empregadores e agências de emprego e posteriormente a análise de discurso destes agentes e do grupo de cor em atividade profissional ou em nível de aspiração, propiciaram-me elementos e motivações para o tema.

Dando maior objetividade às entrevistas, reformulamos nossa técnica de coleta de dados, que passou a ser feita visando levantar representações significativas que permitissem testar o esquema teórico elaborado.

Sem as características nitidamente definidoras de agrupamentos sociais, a escolha de segmentos representativos, constituiu a primeira dificuldade na seleção amostral. A realidade empírica à nossa disposição não se configura delineada por contornos diferenciadores, integrados por laços comunitários ou identificados por sentimentos comuns, com exceção de um pequeno e ainda incipiente grupo.

A formulação teórica de um mesmo problema a que devem ser submetidos grupos raciais de características físicas aproximadamente comuns e de experiências vividas até certo ponto diversas, nos levou à elaboração de critérios que não só nos proporcionassem controle sobre a demonstração, como também nos permitissem distinguir e isolar maneiras e estilos diversos de pensar, relacioná-los com as condições de onde emergem e relativizá-los.

O nosso propósito é de intensificar uma observação especulativa, centrada no preconceito e na condição ideológica que o mantém, checando as percepções valorativas variáveis do a

gente discriminado e os diferentes modos de experimentar a mesma realidade.

Objetivando ordenar as categorias, a princípio bastante amplas, em dois grupos: o dos não conscientizados e o dos conscientizados da manipulação ideológica do preconceito, assim classificamos a amostra de que dispúnhamos:

1 - agentes que emergindo de determinada realidade nos permitiram identificar a dimensão ideológica de seu discurso e de como preservam a sua convicção.

2 - grupos provenientes do contexto onde o nível de interesses determina graus variáveis de percepção e permite desarticular a ordenação da realidade vivida. Como agem e como se situam a partir de suas novas convicções.

As categorias foram mobilizadas a partir da coerência dos seus universos, reveladas no conteúdo dos seus discursos: os representantes do primeiro grupo se situam aleatoriamente entre pessoas de classes mais humildes e outras de status e padrão de vida mais elevados. Quanto aos do segundo grupo, um certo grau de formação e de perspectiva os identificavam e de uma maneira geral procediam: a) do meio artístico (teatro, rádio, televisão e artes plásticas); b) de formação superior (universitários, alguns professores e outros de profissão liberal); c) uma representação reduzida de intelectuais e cronistas e alguns de procedência diversa, mas que, dado o conteúdo das entrevistas, foram selecionados para a segunda categoria.

Na amostragem do primeiro grupo o preconceito ou não é conscientizado ou se reflete por meio de deformações sistemáticas da realidade. O universo empírico restrito em que vivem, molda e restringe a visão perceptiva desta realidade. "A representação consciente que os atores têm de sua própria atividade em condições habituais, deforma ou obscurece os verdadeiros determinantes"¹. Aceitando como corretos e normais as normas

(1) Veron - Ideologia - Estrutura e Comunicação - p. 161.

institucionalizadas, cristalizam a dimensão ideológica justificadora da conduta e da ação.

Na construção de suas mensagens, a presença do conteúdo ideológico atinge o seu ponto crucial na negação de existência do preconceito em nossa sociedade, determinando mais uma ideologia: a da negação da ideologia. "O sentido objetivo da ordem institucional apresenta-se a cada indivíduo como dado universalmente conhecido, socialmente admitido como natural e certo enquanto tal"².

Compartilhando do mesmo sistema, o segundo grupo manifesta versões divergentes do universo simbólico, violentando o consenso social. Se não implica em autonomia para o grupo reavaliador, este ao trazer à luz as contradições do sistema, permite que se instale o primeiro "momento anti-dialético da experiência" (Sartre).

Ao longo de nosso itinerário de entrevistas, situamos alguns elementos participantes de uma organização grupal. Em condições incipientes e precárias e com contornos ainda não muito definidos, tal grupo tem como objetivo uma reavaliação do sistema de valores, substituindo um conjunto de regras por novas concepções. Estes elementos ao desmistificarem a trama de preconceitos estabelecida e o grau de comprometimento com a identidade de estigmatizados, assumem condições utópicas de condutas para o futuro. No conteúdo do discurso dos elementos deste grupo, insinua-se o processo de ruptura com a ideologia de onde pode emergir, a partir de uma representividade mais ampla, condições para o surgimento de uma contra-ideologia.

A análise do problema racial brasileiro através de sua dimensão ideológica vai nos dar conta dos mecanismos reguladores do comportamento social ocultos pelos sistemas conscientes de representação e de conduta.

(2) Peter Berger - A Construção Social da Realidade - p. 104.

Com o propósito de assegurar maior grau de precisão à nossa abordagem teórica, recorreremos aos textos que fundamentalmente se propunham a analisar a discutida teoria da ideologia. Sentidos os mais diversos são atribuídos ao termo "ideologia"; daí a dificuldade de caracterizá-lo com precisão. As recentes contribuições da Antropologia, principalmente as ligadas às perspectivas estruturalistas de Lévi-Strauss, quando da avaliação do pensamento classificatório dos povos primitivos, nos dão conta da significação desta análise, como fonte indispensável para o estudo das ideologias. As alterações sobre a concepção do totemismo e dos princípios classificatórios em geral, nos conduzem de Durkheim, Mauss, Van Gennep, Radcliff Brown. Boas entre outros, até atingir a teoria de Lévi-Strauss, que distingue e define o totemismo como uma das muitas modalidades de operar classificatoriamente o mesmo processo. Esta conclusão consubstancia a teoria marxista de ideologia e suas múltiplas derivações, principalmente as de Althusser e Poulantzas.

A debatida questão do totemismo atingiu o seu "clímax" com o pronunciamento de Lévi-Strauss através da especificidade de dois dos seus livros: Le Totémisme Aujour d'hui e O Pensamento Selvagem; o primeiro, criticando o conteúdo ideológico de Antropologia clássica, "submete o problema do totemismo, a uma "decoupage", a um verdadeiro "exorcismo", purificando-o de seus aspectos ilusórios ou de "illusion totemique"³. Já no O Pensamento Selvagem, o autor, seguro de sua análise e dos critérios de sua visão crítica expostos em sua obra anterior, absorve-se em reflexões teóricas sobre o material empírico à sua disposição e elabora análise minuciosa das estruturas do pensamento dos povos ágrafos e a sua operacionalidade em sistemas complexos de classificação. Talvez por isto, as conclusões e o método apresentados por Claude Lévi-Strauss, tenham tanto interesse ,

(3) R. Cardoso - Totemismo Tukuna? - p. 53 - "Mito e Linguagem"

não só para os estudos interpretativos das sociedades primitivas como sobre a nossa sociedade, desde que ambas tratam a realidade como uma configuração complexa de mensagens.

A operacionalidade classificatória de Lévi-Strauss, as teorias marxistas de ideologia e suas reformulações recentes, e a moderna teoria da comunicação, invocadas aqui, foram decisivas na seleção de nossa linha teórica.

Para apreender o nível ideológico nas representações do grupo negro se fez necessário um retrospecto das condições e conômicas⁴ e das relações inseridas nesta prática por um lado, e do comportamento sexual e suas condições determinantes por ou tro. Em distintos níveis de análise é possível estabelecer atr vés de um processo de integração teórica, uma validade relacional, extraindo unidade significativa dos dois níveis. A teoria marxista e a psicanalítica cobrem paralelamente fenômenos de significação relacionados com os processos econômicos e a condu ta sexual. Utilizamos as teorias freudianas e a de Marx objetivando estabelecer as condições básicas propiciadoras da casuís tica sexual de um lado e a econômica por outro, ambas fundamentais para o entendimento das representações conscientes que negros e brancos mantêm em suas relações. As deformações sistemáticas da realidade determinante, manifestadas em suas relações, só são postas a descoberto na medida em que se atingem os verda deiros níveis reguladores desta ação.

Os níveis considerados mais próximos do limite entre natureza e cultura, áreas onde a necessidade biológica começa a ser canalizada pelo processo de socialização, constituem o momento crucial de ordenação e demarcação do sistema. Tanto o mar

(4) "Desde os trabalhos inovadores de Mauss (1964) até o livro de Malinovski, consagrado ao Kule (1929) sua obra prima, to das as pesquisas mostraram que a teoria etnológica desco bre, graças à análise dos fatos econômicos, algumas das mais belas regularidades que ele pode registrar" - Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural - p. 337.

xismo como a psicanálise sustentam suas teorias nestes níveis de significação.

Também recorreremos à teoria da comunicação, certos de que a dimensão linguística é o fator preponderante nas transformações ocorridas na "infra-estrutura" determinante e nos conteúdos ideológicos da superestrutura. O distanciamento torna-se mais radical, notadamente na utilização do material linguístico pela sociedade, a partir de um certo grau de operacionalidade quando a locução se identifica com a razão e a verdade. O comprometimento ocorre em tão alto grau, que se transforma na própria essência da ção. Nesta identificação ambas se movem pela mesma lógica e racionalidade "a linguagem passa a ser ela própria a função".

Marcuse na Ideologia da Sociedade Industrial, demonstra o quanto as sociedades industriais modificaram os modos de operação dos fenômenos superestruturais, transformando a tecnologia da comunicação. E. Veron, em sua tese sobre "Ideologia Y Comunicacion de Massa" na obra Language Y Comunicacion Social, insiste que estas transformações agem em tal nível de profundidade que acabam por afetar a própria estrutura da comunicação dos conteúdos ideológicos.

"A lingua é o sistema de significação por excelência, não pode não significar, e sua essência se esgota na significação (...) outros sistemas também pretendem a significação, mas cujo valor de significação ainda permanece parcial, fragmentária ou subjetiva"⁵.

A utilização destes critérios é ainda de tal ordem complexa, que só os mencionamos em nosso trabalho por força de convicção da impossibilidade de ignorá-los, em qualquer estudo sob a denominação de "Análise da ideologia". Nesta circunstância nos situamos entre aqueles que anseiam pela confirmação dos planos de Lévi-Strauss, quando coloca à disposição da Antropologia o aperfeiçoamento das armas conceituais de semiologia.

(5) Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural, p. 66.

I C A P Í T U L O

D O T O T E M I S M O À S N O S S A S

I D E O L O G I A S

I CAPÍTULO

DO TOTEMISMO ÀS NOSSAS IDEOLOGIAS

Ao elegermos a análise ideológica para dimensionar o preconceito e suas manifestações na estrutura social brasileira, nos foi indispensável interrogar a respeito dos corpos conceituais existentes sobre ideologia, objetivando regras para posterior mobilidade e decisão no campo teórico.

Somente a partir de uma crítica radical ao pensamento clássico da Antropologia foi possível a esta ciência fundamentar os mais sérios trabalhos antropológicos, sobretudo aqueles ligados a uma preocupação metodológica, apoiada na moderna teoria da Linguística, abrindo novas perspectivas para a análise de ideologias.

Enquanto uma mentalidade tradicional ligada a Antropologia Clássica insistia em admitir uma dicotomia em termos qualitativos entre "o homem primitivo" e o "homem civilizado", enquanto aos primeiros era atribuída uma mentalidade pré-lógica e eram relegados à natureza, preservando a imagem cultural do homem de nossa sociedade de qualquer contaminação indesejável, que lhe tirasse a condição de primazia de símbolo cultural absoluto, um distanciamento inevitável rompia com a possibilidade de identificar polos tão marcados. Foi necessário que se estabelecesse a lógica do "pensamento selvagem" e o empreendimento analítico das estruturas mentais que operam na ordenação das sociedades "primitivas", principalmente em trabalhos apresentados por Lévi-Strauss, para que se eliminassem as diferenças qualitativas entre os modos de operar destes povos e os de nossa sociedade. "O pensamento selvagem é lógico no mesmo sentido e da mesma maneira que o é o nosso pensamento", diz Lévi-Strauss, "o que modifica é apenas a maneira de codificar a realidade"¹. A modali-

(1) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem, p. 98

dade diferente de codificação não difere da chamada razão analítica dos filósofos.

No reconhecimento, primeiro das condutas mentais lógicas daqueles povos e na posterior aceitação de um "modus operandi" comum a todos os homens, surgiu toda uma possibilidade de abordagem analítica, utilizando como modelo referencial a técnica classificatória (entre outros o chamado totemismo), possibilitando submeter às regras e à significação, outros níveis de culturas diversas.

"As representações totêmicas se reduzem a um código que permite passar de um sistema a outro, seja ele formulado em termos naturais ou em termos culturais (...). O totemismo não se contenta em ditar regras de compatibilidade entre signos, funda uma ética prescrevendo ou interditando condutas"². Consideradas como tabus, sanções protetoras se relacionam com estas condutas e linguagem, determinando uma variedade de repressões. Lévi-Strauss e Edmond Leach, em suas obras, nos dão conta da potencialidade de que são investidas estas proibições. Segundo Leach, a linguagem e o tabu são os elementos fundamentais da percepção socializada "a linguagem nos dá os nomes para distinguir as coisas; o tabu inibe o reconhecimento dessas partes do "continuum" que separa as coisas"³. O esquema pode ser visto assim:

coisas nominadas - elementos conhecidos e identificáveis.

não coisas - partes proibidas do meio.

A relação da nomenclatura das coisas com os elementos proibidos vai revelar a significação e a força do tabu e sua manifestação totêmica. Conclui-se, segundo Leach, que "entre cate

(2) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 121

(3) Ed. Leach: Aspectos antropológicos da Linguagem - (Categorias animais e tratamento verbal). p. 1

gorias opostas e claramente definidas se coloca uma terceira que mediatiza esta distinção e que apresenta condições anômalas e ambíguas identificadas como tabu" dispostas, ordenadas e vividas nas classificações (totêmicas por exemplo), cuja significação pode ser concebida sob a forma de textos mitológicos que circulam nessas sociedades. Lévi-Strauss também nos fala de "ordenação das diferenças". "Até o presente não levamos em conta senão as ordens "vivas", ou seja ordens que são funções, eles mesmos, de uma realidade objetiva e que se podem abordar do exterior, independentemente da representação que os homens delas se fazem. Observa-se agora que tais ordens "vivas", supõem sempre outras, que é indispensável ter em conta para compreender não somente as precedentes, mas a maneira pela qual cada sociedade tenta integrar a todos numa totalidade ordenada"⁴. Ao denominar estas outras ordens de "ordem concebida", Lévi-Strauss atribui a estas condições de mediação em nível abstrato a finalidade de articular -se às "ordens vividas" ou melhor a de circular como sistema de significação fechando e ordenando a totalidade social.

As demonstrações de Lévi-Strauss em suas obras, determinam a renúncia da persistente atribuição de antropólogos clássicos ao totemismo como realidade institucional. Apresentado como um sistema classificatório, o totemismo liberta-se de domínios pré-fixados e ultrapassa estes limites, constituindo-se como força lógica operacional que integra domínios diferentes uns dos outros. "Tudo que se pode conceder, pois, aos partidários do totemismo é o papel privilegiado outorgado à noção de espécie, considerado como operador lógico"⁵. "Esta mediação entre natureza e cultura, que é uma das funções distintivas do operador totêmico, permite compreender o que pode haver de verdadeiro, mas também de parcial e mutilado na interpretação de Durkheim e de Malinowski

(4) Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural - Cap.XV - "Ordem das ordens". p.357

(5) Lévi-Strauss - Pensamento Selvagem - p. 192.

nowski, que tentaram cada um alojar o totemismo em um só desses dois domínios, quando ele é acima de tudo, meio ou esperança de transcender sua oposição"⁶.

Quando natureza e cultura são consideradas como condições polares, e cada sistema tem o seu domínio particular, o nível de solidariedade e de analogia entre ambos, tem que ser apresentado em caráter sistemático para conciliar esta oposição e se constituírem parte de um todo. O dilema que se instala é esta: ou os arranjos do sistema ou a ordem sociológica os ordena e os concilia ou a diversidade de cada domínio sobrepujará a pretendida unidade. "Não existe, com efeito, mais que dois modelos verdadeiros de diversidade concreta: um no plano da natureza, é a diversidade concreta, outro no plano da cultura, é oferecido pela diversidade das funções"⁷. A reciprocidade perfeita vai resultar do grau de articulação destes dois níveis: os modelos vividos mais na base da estrutura, refletem o plano da natureza, os manifestados na superestrutura refletem primordialmente o plano da cultura.

O sistema de parentesco, as estratificações de classes, conjuntos estruturais ordenados de formas diferentes, são modelos especiais de ordenação que não chegam a ser determinadas pelo funcionamento de leis internas do pensamento. "Todas estas estruturas de ordem podem ser elas mesmas ordenadas"⁸. As estruturas de ordem são as "ordens vividas", mas são as "ordens concebidas" que as unem, e as relacionam entre si, possibilitando uma ordenação de totalidade, viável numa análise sincrônica. Trata-se de uma análise extremamente abstrata das relações que vão revelar uma espécie de entendimento entre os diferentes níveis da estrutura até atingir a uma relação de homologia ideal.

(6) Lévi-Strauss - Pensamento Selvagem - p. 114.

(7) " " - " " - p. 150.

(8) " " - Antropologia Estrutural - Cap. XV - p.356

"As ordens concebidas correspondem ao domínio do mito e da redução"⁹. O estudo da mitologia pode proporcionar o reconhecimento da existência de leis que atuam em níveis profundos da estrutura. "O sistema mítico e as representações que proporciona servem, portanto, para estabelecer relações de homologia entre as condições naturais e as condições sociais, ou mais exatamente para definir uma lei de equivalência, entre contrastes significativos, que se situam em vários planos: geográfico, meteorológico, zoológico, botânico, técnico, econômico, social, ritual, religioso e filosófico"¹⁰.

A importância do trabalho antropológico de redução é permitir que da posse de um modelo simples ordenado logicamente seja possível resolver as contradições do modelo complexo, os artifícios e as dissimulações que a ele recorre. "Sem levar tão longe o raciocínio, bastará termos adquirido a convicção de que se o espírito humano aparece determinado mesmo em seus mitos, então a "fortiori" assim deve estar em todas as partes"¹¹.

Ao apreender a importância da diversidade das espécies, em seu modelo mais simples, o homem ficou de posse de uma "combinatória objetivamente dada pela natureza". Esta noção de espécie surgirá indefinidamente em novas taxinomias, mas conservando sua potencialidade operacional. "A diversidade da espécie dá ao homem a imagem mais intuitiva de que ele dispõe e ela constitui a mais direta manifestação, que ele possa perceber, da descontinuidade derradeira do real: é a expressão sensível de uma codificação objetiva"¹². Através da percepção o apreendido torna-se responsável pela ordenação das sociedades humanas.

(9) Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural - Cap. XV - p. 356.

(10) " " - Pensamento Selvagem - p. 117.

(11) Veron - Ideologia, Estrutura e Comunicação - p. 35.-cit. L. Strauss.

(12) Lévi-Strauss - Pensamento Selvagem - p. 163.

O mito, tal como a ideologia de nossas sociedades, tem precisamente por função dar forma às representações vividas através de um plano imaginário que se manifesta em função da coerência relativa das ações e do discurso nas relações reais. Os mitos totêmicos constituem as primeiras manifestações de reconstrução num plano imaginário buscando a eliminação crucial entre natureza e cultura. Na identificação de plantas, animais e homens, tornam este universo relativamente coerente em relação às suas condições de existência. Ao integrar o sujeito ao nível do suporte classificatório (neste caso, ao Totem), oculta as contradições reais e reflete a unidade de uma formação social em um plano imaginário.

O totemismo em sua condição articuladora, refletindo mais o plano natural, garante a convertibilidade ideal dos diferentes níveis da realidade social. As ideologias instaladas no plano da cultura apresentam-se como mediadoras entre diversas áreas de atividade, possibilitando o funcionamento da sociedade global. "Assim sendo, explicar o sistema de codificação que o ator social, ou uma certa classe de atores sociais, utiliza para organizar significativamente a realidade, equivale a descrever, do ponto de vista da comunicação, as condições que definem a relação desses atores com o seu mundo"¹³.

A formulação de Althusser expressa no nível ideológico esta perspectiva: "A ideologia concerne à relação vivida dos homens com o mundo ... e o modo em que vivem as relações com suas condições de existência"¹⁴. As condições reais de existência não são manifestadas na ideologia, o que conta é a maneira como são vividas suas relações. "A ideologia está a tal ponto presente em todas as atividades dos agentes que não pode diferenciarse de sua experiência vivida". O sistema social integra

(13) E. Veron - Ideologia Y Comunicacion de massa - Language Y Comunicacion Social. p. 35

(14) Althusser - Pour Marx - p. 239.

do e relacionado entre si só existe na consciência dos homens , revelado através de suas representações.

Na ideologia, a relação real é inevitavelmente investida de uma relação imaginária.

Isto não quer dizer que a ideologia seja uma falsa consciência ou reflexo deformante das condições de existência segundo descrições marxistas, seu plano real se consubstancia ao integrar o nível mais expressivamente básico das estruturas às atividades práticas que sustentam a dita estrutura. "A ideologia é um sistema de representações (...) é sobretudo como estrutura que se impõem à imensa maioria dos homens sem passar por sua consciência"¹⁵. Destituída de sua condição de conteúdos ou conceitos, a ideologia se apresenta como um corpo de regras que ordena os conceitos; não admitindo contradições, ela se instala como mediadora, legitimando-se no controle da coerência.

"A ideologia cimenta (Gramsci)¹⁶ deslizando em todos os pisos do edifício social, tem uma função particular de coesão estabelecendo no nível dos vividos dos agentes, relações evidentes-falsas que permitem o funcionamento de suas atividades práticas - divisão do trabalho - etc. na unidade de sua formação"¹⁷. A ideologia tem por função refletir um grau de integração das condições de existência dos seus agentes, de tal forma aderida aos suportes que a estrutura se mantém coesa. "Sua função não é oferecer aos agentes um conhecimento verdadeiro da estrutura social, mas simplesmente de enxertá-los, de certo modo, em suas atividades práticas que sustentam a dita estrutura"¹⁸.

(15) Althusser - Pour Marx - p. 240.

(16) Quem primeiro rompeu com a concepção conceitual de ideologia foi Gramsci, quando utilizou a metáfora de "ideologocimento", apresentando uma ruptura teórica com a história do pensamento marxista.

(17) Poulantzas - Poder Político Y Classes Sociales. p. 265

(18) Poulantzas - " " " " p. 264.

A idéia do modelo social como contínuo garante a ideologia posicionamento relacional entre diferentes categorias, apreendidas no núcleo de significação do discurso e da ação. "Da mesma forma que as classificações dos eruditos, as coisas são sistemas de noções hierarquizadas, não se encontram dispostas simplesmente sob a forma de grupos isolados uns dos outros, mas estes grupos mantêm, uns com os outros, relações definidas de seu conjunto formando um só e mesmo todo"¹⁹.

No mito, não é a explicação da ordem natural ou dos fenômenos naturais, que eles buscam; o que conta é a possibilidade de se apossarem de esquemas lógicos e inteligíveis para solucionar as "estruturas das contradições". O ritual e o mito em suas representações têm por função unificar as contradições. Lévi-Strauss nos diz em O Pensamento Selvagem que para se chegar a esta conclusão "basta procurar por trás da linguagem mítica, o esquema feito de oposições descontínuas que preside à sua organização".

No ato ou na ação de determinar compatibilidades ou incompatibilidades (unidas pelo referencial), as representações totêmicas determinam regras práticas que funcionam como um operador, proibindo ou prescrevendo condutas. Ora, mesmo que os elementos concretos de várias culturas, sejam muito diferentes, e que diversos sejam também os meios utilizados para a sua aproximação, o denominador comum que os identifica é o de pertencerem todos à "estrutura das contradições".

1 - Construção do imaginário na realidade

A forma ideológica, concebida em termos de mitos e condições totêmicas, pelas sociedades simples, é elaborada por uma "sabedoria particular" eminentemente preservadora de suas dimensões e possibilidades, considerando que "O modo como eles

(19) Durkheim e Mauss - Algumas formas primitivas de Classificação - p. 35.

exploram o meio garante ao mesmo tempo, um nível de vida modesta, a proteção dos recursos naturais e a conservação constante da taxa de natalidade"²⁰, e toda uma condição de equilíbrio entre o meio e o seu nível de ação. A vida só é viável a partir da aceitação do "estatuto" pré-estabelecido pela natureza. O nível de ação não pode perder de vista as possibilidades e a fronteira do seu meio ambiente. Daí o poder e a força da natureza na totalidade de suas representações. Voltados inteiramente para a natureza, é nas condições de concretude do seu meio natural que eles sustentam a autenticidade de suas relações. Ao contrário das sociedades complexas, que relacionando a concretude, se expandem em esquemas relacionais de "conveniência" entre dominadores e dominados, governo e oposição, pretos e brancos e outros polos referenciais.

"Os indivíduos do clã, os seres da espécie totêmica, os das espécies àquele ligadas não são todos mais que aspectos diversos de uma mesma e única realidade (...) são considerados da mesma natureza, não há entre eles linhas de demarcação definidas"²¹. Uma necessidade lógica determina aos primitivos a motivação para implicarem e integrarem umas às outras. "Tudo na natureza se reparte entre duas frátrias: o vento pertence a uma, a chuva a outra"²². Os animais são envolvidos por prescrições que os impossibilitam de serem caçados ou comidos pelos respectivos membros dos grupos totêmicos. "Proibir certas espécies, não é mais do que um meio, entre outros de afirmá-las como significativas e a regra prática aparece, assim, como um operador a serviço do sentido, numa lógica que, sendo qualitativa, pode trabalhar com o auxílio do comportamento tanto quanto com o da imagem"²³. Numa sociedade em que preocupações e escrúpulos en-

(20, 21, 22) - Durkheim - Algumas formas primitivas de Classificação. p. 17 - 9.

(23) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 126.

volvem alimentos, animais e vegetais, identificando indivíduos das espécies totêmicas com os da espécie ligada a elas, compreende-se a necessidade de manter integrada a realidade de aspectos tão diversos, "porque lhe é preciso assumir os caracteres simbólicos com o auxílio dos quais eles distinguem os animais uns dos outros (e que lhes fornecem um modelo natural de diferenciação) para criar a diferença entre eles"²⁴, ou "foi porque os homens estavam agrupados e se concebiam a si mesmos sob a forma de grupos que agruparam idealmente os outros seres e as duas modalidades de agrupamento começaram por se confundir ao ponto de serem indistintas"²⁵.

O fato de dividir os grupos humanos associando-os a espécies diferentes de animais e vegetais a partir de características a eles atribuídas, supõe-se distribuir os atributos primeiro, e em seguida, captá-los para a cultura, dando condição de funcionalidade.

A condição inicial do vínculo se prende ao domínio do parentesco, a evidência dada pelo vivido biologicamente torna-se determinante em termos de relações lógicas. "As coisas de uma mesma classe eram realmente consideradas como parentes dos indivíduos do mesmo grupo social, e por conseguinte como parentes umas das outras (...) as relações lógicas são, então, em certo sentido, relações domésticas"²⁶. Na integração do grupo ao totem, o elo de contigüidade persiste no mesmo grau que o da afinidade biológica.

Devemos ressaltar que o Totem não é absorvido aqui como entidade biológica ou pelo seu caráter de organismo. O Totem é invocado pelos seus atributos, o animal aparece como um instrumento simbólico passível de esclarecer certas propriedades

(24) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 133

(25) Durkheim e Mauss - Algumas formas primitivas de Classificação - p. 65

(26) " " - " " " " " p. 66.

gerais, tornando-se principalmente um "instrumento conceitual de várias possibilidades." "As relações são imaginadas sob a forma de relações entre possuidores e coisas possuídas"²⁷. Sem a evidência constatável do ato biológico, só a posse legítima o vínculo.

Mesmo que uma infinidade de distinções e denominações escapem às mais arduas tentativas dos arranjos lógicos, e que a potencialidade do Totem se exprima de forma mais arbitrária possível, o que é fundamental nesta circunstância é o sentido de propriedade que o ato dá à adoção do Totem, permitindo uma inconfundível dimensão de apoio na relação entre natureza e cultura.

As primeiras categorias lógicas, conseqüentes da evidência dada pelos grupos humanos, foram integradas às espécies, agrupando-as idealmente, possibilitando posteriormente a identificação dos dois grupos de modo inconfundível.

Os homens ao buscarem na natureza o modelo real para se ordenarem, conceberam as relações deste modelo objetivo em função de suas próprias relações sociais.

No aproveitamento da heterogeneidade natural "grupos totêmicos culturalizam verdadeiramente uma natureza falsa"²⁸. Falsa no sentido de que projetam na natureza atribuições idealizadas, mas com o objetivo de captá-las para as suas representações, sem astúcia e sem segundas intenções, apenas para sobrepujar a oposição entre natureza e cultura, recriando a totalidade indispensável para as suas relações e entendimentos. Para atribuir aos seus atos a eficácia e o poder, comparáveis aos fenômenos naturais, torna-se necessário modelar escrupulosamente no concreto, pois só a impregnação "honestas" de uma realidade dá força vital à ação. Transpondo a natureza para a cultura, sem

(27) Durkheim e Mauss - Algumas formas primitivas de Classificação - p. 20.

(28) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 153.

retoques (a falsidade ou o imaginário foram atribuídos ao nível da própria natureza), impregnando o social da autenticidade espontânea do modelo, determinam o grau de segurança de sua percepção no apoio da concretude.

A contigüidade com a natureza, ou melhor, a ausência de interferências ou de múltiplos intermediários entre o cultural e o natural, permite ao modelo classificatório do totemismo assumir um maior grau de fidelidade à ordem natural (a intrinca da elaboração simbólica, dos mitos e dos ritos, não compromete o nível da fidelidade do modelo). A propósito da contigüidade, E. Veron no Cap. V. de Ideologia, Estrutura e Comunicação, observa que a regra da contigüidade pode ser determinada através da codificação de signos, que deriva da função simbólica entre o elo empírico e as coisas que representa. Um "elo existencial" entre o signo e o referente possibilita uma relação substitutiva com a realidade.

Na ideologia tal condição já não ocorre, é como se exatamente tivesse implícito, em sua intenção classificadora, legitimar uma ordem desvirtuada e deformada da matriz mais básica ou da infra-estrutura propiciadora. Não mudou o "instrumento intelectual" ou a função do operador lógico, a finalidade relacional é sempre mantida, apenas na proximidade com o modelo natural, os níveis de classificação mais primitivos se comprometem em sua ordenação com a "integridade desinteressada" do modelo natural. Já nas condições classificatórias da nossa sociedade, a ampliação dos campos semânticos, afrouxa e decresce o determinismo do nível básico, à medida que unidades maiores das estruturas sintáticas complexas aí se instalem.

Mesmo afastada do nível básico, as estruturas mais distantes mantêm-se contaminadas por aquele nível. A motivação nunca deixa de ser operante. Lévi-Strauss ilustrou com o crescimento de uma árvore as transformações que ocorrem nos sistemas de classificação. "Nas suas partes inferiores, uma árvore é, se

assim se pode dizer, fortemente motivada: é preciso que tenha um tronco e que este tenda a vertical (...) mas à medida que a atenção se desloca para as partes mais elevadas, a parte da motivação enfraquece e o arbitrário aumenta: não está mais ao alcance dos galhos terminais comprometer a estabilidade da árvore, nem modificar sua forma característica (...) Inteligível no começo, a estrutura atinge, ao ramificar-se, uma espécie de inércia ou de indiferença lógica. Sem contradizer natureza primeira, pode, daí em diante, submeter-se à influência de incidentes múltiplos e variados"²⁹.

O afastamento da realidade modeladora não implica no desaparecimento de sua influência; ela será sempre o suporte básico que orienta e coordena as suas diretrizes, o grau de comprometimento é que altera. A distensão e mesmo a negação do modelo original, não rompe o "elo existencial". "As classificações totêmicas repartem, sem dúvida, seus grupos entre uma série original e uma série surgida: a primeira compreende às espécies zoológicas e botânicas, sob seu aspecto sobrenatural; a segunda aos grupos humanos sob seu aspecto cultural, e afirma-se que a primeira existia antes da segunda, tendo-a, de qualquer forma, engendrado (...) A série original está sempre pronta a servir de sistema de referência para, interpretar ou retificar as mudanças que se produzem na série surgida"³⁰.

Apesar do distanciamento, através de uma sequência, não anular a contaminação com sua condição originária, a alteridade observada pela aglutinação de núcleos estruturais diversos, determina um relacionamento cada vez mais convencional com as coisas significadas. Quanto maior for a articulação com diferentes níveis estruturais, tanto mais se evidencia o caráter ambíguo da série cultural.

(29) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 187.

(30) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 267.

À medida que o homem se distancia do nível básico determinante, mais a sua codificação, dependente de um sistema complexo de signos e de sua simbolização, se afastará do controle das ordens das espécies naturais, diminuindo a percepção es-
crupulosa da concretude. As regras do jogo passam a situar-se em outros níveis, tornando-se cada vez mais comprometidas com o cultural. Sem o controle imediato do referencial autêntico e sem as segundas intenções da série natural, o homem assume, em face de sua própria experiência culturalizada, o domínio por conta própria de suas determinações. O eixo relacional passa a ser esquematizado na força e no poder. "Tudo ocorre aqui como se a região de ideologia, que é a melhor situada para ocultar o índice real, aglutinando a coesão das relações sociais em um plano imaginário" propicia a unidade entre a ideologia dominante e a classe dominada. "O papel de ideologia dominante (...) é o de se apresentar como detentora das chaves do universal frente a "indivíduos privados (...) as classes dominantes que se consideram a própria encarnação da vontade popular"³¹.

As ruturas históricas da ideologia provavelmente de-
correm do suporte idealizado em que se apoiam; sua impotência está em afirmar sua autonomia na escolha das ordens humanas. A sociedade parece perder sua condição de mediadora entre natureza e cultura. "A sociedade moderna pretende ser "racional", se destaca da natureza para instaurar uma ordem humana autônoma (...) tal como um projeto de engenharia a representação criará o real (...) o homem tirará dele mesmo uma ordem".

A segurança e a integridade do pensamento classifica-
tório das sociedades simples advêm do apoio escrupuloso ao modelo natural. "As sociedades do passado acreditavam fundamentar -
se na ordem das coisas, pensavam copiar ou delinear suas conven

(31) Poulantzas - Poder Político Y Clases Sociales - p.274/276

ções a partir dos princípios da vida e do mundo"³².

Na realidade, o grau de afastamento destes níveis não rompe a relação natureza e cultura, ele se mantém no elo significativo de sua negação. Lévi-Strauss, no Posfácio ao cap. XV, afirma, como apoio a este argumento: "Não postulo uma espécie de harmonia pré-estabelecida entre os diversos níveis da estrutura. Eles podem estar perfeitamente e muitas vezes estão em contradição uns com os outros, mas as modalidades segundo as quais se contradizem pertencem todas a um mesmo grupo". Esta concepção se afirma na moderna teoria da comunicação. "O mecanismo de negação é, em geral, a função metalinguística (que sem dúvida tem grande importância para toda transmissão de conteúdos ideológicos) e só são possíveis em mensagens codificadas digitalmente"³³.

O distanciamento não anula a técnica do sistema classificatório inicial. Persiste o primeiro aprendizado da operacionalidade da ordenação e a técnica de integrar as diferenças. É que as diferenças entre os homens cresceram tanto que o modelo simples natural já não tem o estatuto adequado para seu controle. Mas, a técnica operacional primeiro se mantém, é uma regra de ouro, hereditária e eterna, o homem continua a ocultar as contradições reais, relacionando-as, mas a coerência não é mais legitimada na percepção imediata da concretude desinteressada. A sociedade deslocou o primado referencial da natureza para si própria e passou a fornecer "os sistemas classificatórios para agrupar pessoas e objetos (...) as imagens do real que provêm da sociedade, também possuem uma realidade própria, também são palpáveis. Elas emergem em momentos de atividade coletiva e são portadas pelos indivíduos. Podemos analogamente referir-nos

(32) Louis Drumont - "Casta Racismo e "Estratificação" do livro Hierarquias em classes de Neuman Aguiar - p. 113.

(33) Bateson e Jakson - Disorder of Communication- p. 240.

às ideologias de classe, à consciência de classe e à inconsciência de classe relacionadas com a vida econômica dos indivíduos grupados em classes sociais"³⁴.

A presença da infra-estrutura na superestrutura, do concreto no abstrato, da natureza na cultura, pode ser extraída na força do posicionamento das segundas em relação às primeiras. Na negação da realidade cognitiva, contraída por esta posição, a ideologia não perdeu a potencialidade aglutinadora que persegue e oculta as contradições onde quer que elas ocorram. E quando a articulação se instala entre atributos admitidos diretamente pelo homem, pode-se imaginar o requinte conceitual e os artifícios intelectados para manter a supremacia de um grupo sobre o outro.

Se as representações da realidade vivida, entre o nível básico da cultura e o das sociedades atuais estão afetados profundamente pelo distanciamento ocorrido entre as formas primitivas e as de nossa civilização, no modo de codificar a realidade. Um ponto comum as aproxima, além da característica articuladora de seu modo de pensar. Ele se manifesta no nível de identificação imediata e automática das sociedades simples com a natureza, e das sociedades industriais com a sua própria sociedade. Nas duas circunstâncias, os indivíduos se identificam com o vivido e incorporam à sua consciência a realidade experimentada. O sobrenatural atribuído à natureza pelos povos simples e captado para sua existência, dimensiona os hábitos de pensar, e todas as suas justificativas cosmológicas estão adequadas a essa absorção. Não menos introjetável é a civilização industrial, possuindo as consciências, redefine, pela racionalidade assim gerada, padrões de comportamento e fórmulas de pensar. Neste ato a ideologia torna-se absorvida pela realidade social. O ato de

(34) Neuma Aguiar - Hierarquia em classes - p. 20/21.

posse" dos modelos propiciadores torna mais próximos do que nunca os dois níveis extremos das sociedades humanas que se identificam pelo grau de submissão da Razão aos fatos.

Os afastamentos e aproximações entre os dois níveis da cultura, ocorrem inevitavelmente. O afastamento pela transformação física do mundo, de suas idéias e de seus símbolos (é o caráter temporal obviamente percebido), e a sua aproximação nos pontos mais básicos de suas estruturas. E é daí que se extrai a fundamental dimensão do "logos" que está centrada na contradição, a única capaz de estabelecer o confronto do "ser" e o do "não ser". Quando a natureza já não proporciona à experiência do homem sua medida de diferenças, ele terá que procurá-la em seu mundo vivido, daí recolocar em si mesmo a exigência do "logos", manifesta na contradição imposta ao seu próprio grupo. Em como legitimá-la e mantê-la, reside toda a força do aparato conceptual e dos arranjos ideológicos para remover e suprimir junto às consciências a percepção imediata da origem das diferenças o que seria o "impossível" fim das ideologias.

2 - A legitimidade das ideologias

São as "ordens vividas" que vão condicionar, controlar e restringir as "ordens concebidas". O seu corpo de regras está relacionado à realidade empírica e se manifesta prescrevendo ou interditando condutas e determinando as regras de relações entre os signos. "Estas estruturas de ordem "concebidas", e não mais "vividas", não correspondem diretamente a nenhuma realidade objetiva; diferentemente das primeiras, não são suscetíveis de um controle experimental, posto que chegam até invocar uma experiência específica com a qual, aliás, às vezes se confundem. O único controle a que podemos submetê-los, para analisá-las, é, pois, o das ordens do primeiro tipo, ou "ordens vividas"³⁵.

(35) Lévi-Strauss - Antropologia Estrutural - Cap.XV - p. 357.

Para que o ponto de vista da unidade se imponha sobre a diversidade, são necessárias leis que ofereçam meios de conciliar as oposições, caracterizando-as e confirmando-as em função de dependências mútuas. O limite se encontra na disponibilidade de convertibilidade das diferenças. "As unidades constitutivas só se estabelecem com a condição de serem definidas de maneira não equívoca, isto é, fazendo-lhes o contraste aos pares para, em seguida, por meio dessa unidade constitutiva, elaborar um sistema que representará enfim, o papel de operador sintético, entre a idéia e o fato, transformando este último em signo"³⁶.

"O que permanece sociologicamente essencial é o reconhecimento de que todos os universos simbólicos e todas as legitimações são produtos humanos, cuja existência tem por base a vida dos indivíduos concretos e não possui status empírico à parte dessas vidas"³⁷.

O totemismo, ou o pensamento classificatório, os mitos e as ideologias existem em função das espécies concretas; eles se situam onde houver necessidade de sua função mediadora. Deslizam nas "caselas abertas" da descontinuidade, nos interstícios ainda por compor entre as coisas antagônicas. Onde houver "suportes" não conciliados a ideologia construirá o elo de significação. Sua legitimidade é reconhecida na realidade concreta das diferenças "As instituições e os universos simbólicos são legitimados por indivíduos vivos que têm localizações sociais concretas e interesses sociais concretos"³⁸.

As diferenças à espera de coesão são os suportes indispensáveis para a confirmação de sua existência. São, portanto, os pré-condicionamentos que vão determinar a modelagem do nível de coesão. "Nesta perspectiva, as "idéias" são sistemas de relações que devem ser explicadas em termos de sistemas de

(36) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 157.

(37) P. Berger - A Construção Social da Realidade - p. 172.

(38) P. Berger - A Construção Social da Realidade - p. 173.

operações. Sugerimos a possibilidade de considerar a chamada su perestrutura como um complexo processo de circulação (emissão, transmissão-recepção) de "textos"³⁹. A extensão deste objetivo relacional é praticamente ilimitada "para só de classificar quando chega o momento em que não é mais possível opor (...) E quando o sistema se imobiliza, não é nem por um obstáculo imprevisto, resultante das propriedades empíricas dos seres, ou das coi sas, nem porque seu mecanismo esteja emperrado: é que percorreu o seu caminho e realizou plenamente sua função"⁴⁰.

Ora assumindo a forma de um tabu, prescrevendo ou con sentindo, ora se apoiando no sobrenatural (mitos e religião) ou no poder político, as "idéias" detêm o selo da unidade. As idéias assim concebidas adquirem potencialidade de comando e a força das regras e das leis têm que ser executadas ou o seu uni verso permanece fragmentado e não se solidifica a Razão. A mente só é humana porque une o desunido. Na elaboração dos mitos e das ideologias, confirma-se no homem a cristalização da diferen ça entre ele e a espécie animal. É o seu definitivo posicionamento na série cultural ao identificar um papel específico.

Somente no controle da coerência é possível apreender a legitimidade da ideologia. Na conquista e na unificação das contradições, a ideologia só adquire confirmação quando coordena os meios de expressão, possíveis e imprescindíveis, para uma apreensão lógica e espontânea e que possibilite uma visão unidi mensional. O universo operacional proclama a realidade existente e confirma-se na dialética unificadora das realidades antagônicas. Só a multiplicidade coerente de todo o conjunto caracteriza a legitimidade ideológica.

A racionalidade deste universo será tanto mais convin

(39) E. Veron - Ideologia, Estrutura e Comunicação - p. 156.

(40) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 250.

cente quanto melhor absorver os níveis mais distantes das diversidades, chegando até ao plano individual. "A força lógica do operador, específica, pode ser também ilustrada de outras maneiras. É ela que permite integrar ao esquema classificatório domínios muito diferentes uns dos outros, oferecendo, assim às classificações, um meio de ultrapassar seus limites, seja estenden-do-se a domínios exteriores do conjunto inicial, por universalização, seja por particularização, prolongando a margem classificadora além de seus limites naturais, isto é, até a individa-ção"⁴¹. No bloqueio de toda a fuga, fechando exaustivamente os quadros referenciais ainda em aberto, ou os indícios de rutura, as ideologias, na busca de sua legitimação, não só encampam as referências concretas, mas incorporam também os valores, a mente e os sentidos dos indivíduos e o "modo de vida" em geral.

Na legitimidade do campo ideológico, a opinião pública sob a forma de um consenso, é fundamental como comprovação da ideologia dominante. Quando a validade deste universo se confirma na interação com o sujeito coletivo, fica aprovada a bem sucedida manipulação do sistema na força da interiorização e do controle no plano individual. Portanto, este consenso só é possível à medida que a eficácia do sistema se confirma, graças ao "processo pelo qual o mundo socialmente construído se interioriza na consciência individual"⁴². É como se as consciências es-tivessem precondicionadas para a receptividade dialética do que lhes seja oferecido, confirmando que "não é a consciência do homem que determina a realidade social, e pelo contrário a realidade social é que determina a consciência"⁴³.

A integração do universo simbólico na consciência do

(41) Lévi-Strauss - O Pensamento Selvagem - p. 193.

(42) P. Berger - Obra cit. p. 102.

(43) Gurvitch - Dialética e Sociologia, p. 185.

indivíduo atinge o encaixe perfeito na identificação do sujeito com o papel social, é o selo da sua legitimidade. "Apreender um papel não é simplesmente adquirir as rotinas que são imediatamente necessárias para o desempenho "exterior". É preciso que seja também iniciado nas várias camadas cognoscitivas e mesmo a fetivas, do corpo de conhecimento que é diretamente adequada a este papel"⁴⁴.

A partir da interiorização do papel, o nível de identidade passa a se manifestar em condição dialética com a realidade. A identidade torna-se o "teste bem sucedido" da eficácia do poder simbólico. A identidade só é constatada quando localizada no quadro referencial, ela se manifesta como um contínuo de relações tendo como pano de fundo geral a estrutura concreta.

A linguagem tem função específica na aquisição da identidade "na interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina, que é a essência de institucionalização"⁴⁵.

Passando de um conceito representacional para uma concepção operacional, configura-se a importância da análise ideológica ao nível da comunicação. A transmissão dos conteúdos ideológicos sob a forma de textos linguísticos, se legitima na fidelidade da estrutura semântica de informação transmitida com a realidade objetivada. A manutenção da realidade tem no poder da comunicação sua força vital.

Para a defesa da realidade estabelecida são mobilizados os meios de comunicação que passam a ter um sentido próprio só transitável num sistema de operação sintático-semântico que define a recepção por parte do destinatário. A comunicação aderida às exigências sociais permanece controlada pela sociedade

(44) P. Berger - obra cit. p. 107.

(45) P. Berger - obra cit. p. 62

e perfeitamente lógica em função da ordem existente. "No estabelecimento desta ordem, a linguagem realiza um mundo, no duplo sentido de apreendê-lo e produzi-lo". "A realidade subjetiva, como se vê, depende sempre de estruturas específicas de plausibilidade"⁴⁶.

3 - A noção de hierarquia em Ideologia

Para que o universo simbólico seja admitido como certo, existem condições, cujo teor de validade variam em grau no seu poder legitimador. A aparelhagem legitimadora trabalha incessantemente para manter o domínio dos seus respectivos universos; a supremacia de um sobre o outro vai depender "mais do poder do que de engenhosidade teórica dos respectivos legitimadores". "O desfecho histórico de todo choque entre deuses foi determinado por aqueles que empunhavam as melhores armas e não por aqueles que possuíam os melhores argumentos"⁴⁷.

O papel da ideologia é exatamente o de ocultar a região dominante da ideologia. Aquela que melhor se incumbe de mascarar a realidade é a ideologia dominante, ou melhor dizendo, a região predominante de uma ideologia é a que está em situação de poder desempenhar da melhor maneira possível, o papel particular de uma ideologia. "Tudo ocorre como se a região da ideologia, que é a melhor situada para ocultar o índice real de determinação e de predomínio da estrutura, é também a melhor situada para aglutinar a coesão das relações sociais, reconstruindo a unidade em um plano imaginário"⁴⁸.

Ao refletir a unidade, de contradições reais, a ideologia a reconstrói de uma forma imaginária. "Assim, a ideologia dominante de uma formação social engloba sem dúvida a totalidade

(46) P. Berger - obra cit. p. 60

(47 e 48) - Poulantzas - Poder Políticos Y Classes Sociales - p. 276.

daquela formação, não porque constituísse a "consciência de classe" de um sujeito histórico-social, mas porque reflete, com os aspectos de inversão e de ocultação que lhe são próprios, o índice de articulação das instâncias específicas da unidade daquela formação"⁴⁹.

Desde o momento em que a hegemonia de uma ideologia torna-se manifesta, a noção de hierarquia se impõe, no sentido de classificar os níveis de predominância ideológica.

As chamadas ideologias dominantes são mantidas por sub-conjuntos ideológicos que funcionam "com uma autonomia relativa em relação a ideologia dominante"⁵⁰.

O predomínio de uma ideologia sobre a outra é muito complexo, devido à interpenetração entre elas. De qualquer forma há sempre uma implicação de poder e dominação na ideologia que predomina sobre as demais, pela razão simples de que a lógica do pensamento é a lógica da dominação. Daí o "predomínio da região ideológica jurídico-política sobre as outras, que se manifesta não só por sua distinção de ideologia filosófica, moral e religiosa, como também pelo empréstimo de noções que estas últimas fazem à primeira e que utilizam como ponto de referência para estabelecer as suas"⁵¹.

Poulantzas, ao conferir ao nível político toda a supremacia ideológica, se prende à eficácia causal deste nível, que internalizada pelos indivíduos coordena e dirige idéias e comportamentos. Consideramos que só os dados empíricos, que constituem seus suportes, podem determinar a seleção do nível dominante de um sistema ideológico. Atribuir um caráter de supremacia a certa construção ideológica e, a partir daí, hierarquizarla de forma definitiva, possibilita avaliações controverti-

(49) Poulantzas - obra cit. P. 266.

(50) id. ibid., P. 270.

(51) id. ibid., P. 271.

das, quando se insiste em situá-la em posição de relevância e o peracionalizar um sistema em função dela. Somente da evidência de um contexto, dos padrões concretos de comportamento, pode-se extrair a predominância de uma construção ideológica. Um modelo dominante de construção de ideologia não pode ser utilizado a - prioristicamente, quando da análise de um determinado sistema. A hierarquização da ideologia é imediata e pertinente ao momento da investigação.

4 - Rutura das Ideologias

A legitimidade da ordem pode ser avaliada, quando versões diferentes do universo simbólico passam a ser compartilhadas por grupos em um mesmo sistema. Valores contestados podem prenunciar e diagnosticar processos de rutura com as ideologias, possibilitando, quando manifesto por ampla representatividade, uma configuração contra-ideológica.

Quando grupos, ocupando posições diferentes, se subordinam uns aos outros, estabelecem-se relações centradas na dimensão do poder. Sendo este eixo relacional apoiado em falsas conceituações, novas possibilidades de relação podem romper o eixo prevalecente, gerando no grupo dominado uma contra-ideologia.

Quando nos esquemas conceituais a realidade não foi levada em conta, deixa de ocorrer a consolidação necessária e propicia-se o aparecimento de ruturas, possibilitando o confronto entre dois grupos, permitindo que se manifestem as contradições entre a situação real e a realidade imaginária.

As ruturas ocorrem nos pontos cruciais da relação entre as estruturas e a representação ideológica, quando manifestam acentuado grau de ambigüidade. Na ambivalência aguda entre símbolos e simbolizados, se instala o momento revelador do caráter mistificador da realidade.

A contra-ideologia tem três dimensões distintas: 1º) o de "exorcisar" a realidade imaginária, dissimulando o universo simbolizado. Será tanto melhor sucedida quanto mais explicitar as contradições existentes entre as representações ideológicas e o sistema de condutas e de locução e quanto mais longe estender o seu universo de reavaliações; 2º) o de se constituir em uma nova ideologia, à medida que, na substituição do sistema dominante, pode ser conduzida para uma idealização utópica, contrariando as perspectivas dialéticas desejáveis. É certo que a dimensão utópica é sempre o ante-projeto necessário de uma consolidação futura de proposições, mas o perigo reside nas distorções sempre prováveis da redefinição da realidade; 3º) o de tornar-se um dado científico no momento em que se propõe a reorientar a busca de novos níveis da realidade.

A contra-ideologia que busca uma ampla reorientação do pensamento aprovado não pode ser confundida com um desvio da conduta social, pois seria conceder-lhe suporte na mesma ideologia dominante, o que anularia sua condição de contestação autônoma e reflexiva da realidade. A grande diferença entre um desvio da conduta social e a contra-ideologia de oposição real é que a primeira "não revela ou manifesta as contradições inerentes à ideologia a qual se opõe, pelo contrário, cria condições para os que a sustentam"⁵².

O momento perceptivo da falsidade das representações ideológicas pode ser fatal na conduta e no posicionamento do grupo conscientizado, quando lhe falta cobertura instituída ou aprovação representativa, gerando neste grupo níveis de inconformismo e insegurança, que reduzem a percepção a uma "dialética impotente de contra-ideologia"⁵³.

(52) E. Veron - Ideologia, Estrutura e Comunicação - p. 225.

(53) Sartre - Citação Gurvitch-Dialética e Sociologia - p. 226.

Na redefinição de uma realidade, as reflexões teóricas dos peritos em reconstrução da realidade exigem um campo pragmático para sua confirmação. As provas práticas são melhores sucedidas que a argumentação abstrata. P. Berger em sua obra A Construção social da realidade, em excepcionais observações sobre a importância dos especialistas da tradição "engenhheiros sociais" e confirmadores de contextos estabelecidos, destaca a significação destes peritos na legitimação do universo social. Novas definições da realidade exigem novos especialistas, mas desde que conservem a mesma potencialidade dos peritos anteriores.

A concretude operante em funcionamento é muito mais resistente à mudança que à visualização da realidade desmitificada "todas as definições da realidade, socialmente dotada de sentido, têm de ser objetivadas por processos sociais"⁵⁴. À medida que se acumulam evidências a favor de uma teoria, e que as condições indispensáveis de sua estruturação se legitimam, o novo sentido torna-se pragmático com o apoio do nível da ação.

A contra-ideologia é um processo consciente em sua visão crítica da realidade. A diferença entre ideologia e contra-ideologia decorre da região da mente em que se instalam. A ideologia pertence à região do inconsciente, e a contra-ideologia se apresenta sob uma forma reflexiva, ao nível do consciente.

5 - Concepções sobre as ideologias

Na medida em que a ideologia deixa de ser um conceito e torna-se uma operação, amplia o seu campo de ação e se enriquece em indicadores e variáveis.

Quando conceito, a ideologia torna-se difícil de caracterizar, o alto grau de ambigüidade que ela manifesta, im-

(54) P. Berger - Obra cit. p. 171

possibilita uma definição precisa do seu campo conceitual.

A maior parte dos conceitos refere-se à ideologia como o domínio ideativo de uma cultura. Vulgarmente caracteriza-se a ideologia como um sistema de idéias tendenciosas. As clássicas abordagens sobre o papel das ideologias são quase sempre conduzidas para as áreas da cultura que se manifestam por elementos de afetividade e de emoção.

Numerosas tentativas da conceituação de ideologia atestam esta dificuldade. O significado de ideologia altera-se não só ao longo da história, como também de um autor para outro em uma mesma época. Os textos em geral, fundamentados em ideologia, tornam-se rapidamente superados; haja visto as diversas interpretações atribuídas à democracia.

Quem primeiro introduziu a palavra ideologia foi Destutt de Tracy, que a empregou como um conceito neutro, sem conotações definitivas, caracterizando-a como "doutrina geral acerca das idéias". A sua utilização por Napoleão tornou o termo acessível a um maior número de pessoas. Napoleão empregou o termo ideologia como expressão depreciativa, referindo-se às concepções dos seus inimigos. Com esta conotação negativa, o termo persistiu mesmo depois de sua adoção por Marx.

Marx não fez da ideologia o conceito fundamental de sua obra, mas o termo está muito associado à sua teoria, provavelmente pela repercussão de suas obras.

Chamando de "ideologias" as construções intelectuais, ou melhor, corpos de proposições falsas, Marx as define por algo que não pode ser válido, correto ou verdadeiro. Para explicar suas origens utilizou o conceito de "alienação e falsa consciência", apreciados em seu livro A Ideologia Alemã em uma especulação filosófica da Alemanha da década de 1840.

"Marx alargou o sentido deste termo e incluiu ostensivamente a ideologia no jogo dialético que caracteriza a engrenagem

gem dos fenômenos sociais totais"⁵⁵. Segundo Marx, as relações sociais se dividem em relações materiais e ideológicas. As últimas se constituem em superestrutura das primeiras. As ideologias são portanto meros reflexos das condições materiais.

Apesar de fortemente influenciado por Marx, Mannheim apresenta alguns pontos bastante divergentes em relação à teoria marxista. Marx, na justificativa do caráter ilusório das ideologias, criou duas categorias, "o falso" e o "verdadeiro" no processo social. Mannheim recusou estas categorias, e em seu livro Ideologia e Utopia manifesta-se a favor do relativismo e tenta isolar diversos estilos do pensamento e relacioná-los com os grupos em que aparecem: "O conhecimento visto à luz da concepção total de ideologia não constitui de forma alguma uma experiência ilusória; é que a ideologia em seu conceito relational não se identifica absolutamente com a ilusão"⁵⁶. A posição marxista considera a ideologia como parciais centradas nas classes sociais; Mannheim considera as ideologias como totais, isto é, não limitadas a nenhuma classe social "existem em um estrato flutuante, relativamente alheio às classes: a "intelligentsia" socialmente independente"⁵⁷.

Alguns problemas fundamentais da obra de Mannheim podem ser assim sintetizados, segundo o prefácio de sua obra escrito pelo professor Wirth:

- Determinação dos deslocamentos dos focos de interesse intelectual, associado a transformações na estrutura social.
- Análise da mentalidade de um estrato social prestando a devida atenção aos fatores que determinam a aceitação ou a recusa das idéias particulares que partem de certos grupos.
- Estudos sobre a valorização social de diferentes tipos de conhecimento.

(55) Gurvitch - Dialética e Sociologia - p. 181.

(56) Mannheim - Ideologia e Utopia - p. 112.

(57) id. *ibid.*, p. 270.

- Estudo das instituições que facilitam, orientam ou obstaculizam a transmissão e difusão de idéias e conhecimentos.

Os estudos sobre ideologia realizados por Marx e Mannheim e por numerosos sociólogos restringiram o tema principalmente a um tipo de conhecimento, o conhecimento político. Mais recentemente, estudos sociológicos têm sido efetuados sobre outros tipos de conhecimento, buscando sistematicamente a relação entre o conhecimento e a estrutura social. Robert K. Merton⁵⁸ assinala que a maioria dos sociólogos não tem dado a devida atenção a esta relação. É necessário, segundo ele, estabelecer uma interação entre o conhecimento e a estrutura social, estabelecendo também tal relação com referência a tipos particulares do conhecimento sob o mesmo caráter de interação.

Com este tipo de preocupação surge uma nova linha teórica que se volta para o nível de interação nas análises ideológicas. O conceito de J.S. Horowitz, entre outros, representa a nova tendência: "A ideologia é um processo de adoção das idéias dominantes em uma dada sociedade e, posteriormente, o enquadramento dos objetivos dentro da estrutura social ao qual o indivíduo opera"⁵⁹.

"Todas as dificuldades acerca do papel das ideologias começam, contudo, no plano da prática científica, e portanto, aí começa também a questão da responsabilidade dos cientistas sociais e do seu compromisso com a verdade"⁶⁰. Ao apresentar sua teoria sobre ciência e ideologia, Veron formula concepções que assim assimilamos: - Todas as áreas de Ciências Sociais que não são suscetíveis de decisão através de procedimentos científicos, isto é, regras e métodos formais, constituem o campo da ideolo-

(58) - Robert K. Merton - La Sociologia de lo conocimiento - Cap. VI - Vol. 1º - História e elementos de La sociologia del conocimiento - direção de L. Horowitz.

(59) - L. Horowitz - Formalización de La Teoría General de La Ideología Y La Utopía - Cap. VIII - Vol. II - obra cit. p. 88

(60) - E. Veron - Ideologia Estructura e Comunicação - p. 185.

gia. Bastante amplas, representam aquelas áreas que suscitam mensagens ideológicas conotativas e que, por não serem aleatórias, têm uma função proposital dentro da comunicação social. Em geral, o que se supõe, é que a função proposital dos sistemas de signos se apresenta definida institucionalmente no sistema social. Mas, a partir dos estudos realizados por L. Strauss sobre o pensamento classificatório e dos recentes trabalhos sobre a teoria científica da comunicação, conclui-se que todo o signo tem uma dimensão "normativa", na medida em que exerce um efeito sobre o receptor. Com esta força normativa opera num plano inconsciente, a força de sua significação deve ser mais determinista que aquela cuja função está afeta aos propósitos institucionalizados. Neste caso, a ideologia "não se caracteriza como um tipo de discurso ou de linguagem, mas como um nível de significação de todo discurso transmitido em situações sociais concretas, relativo ao fato inevitável de que, por sua própria natureza, toda a mensagem transmitida na comunicação social possui uma dimensão conotativa"⁶¹. Contrariamente à linguagem ideológica, a científica se situa pela eliminação constante das conotações. A linguagem ideológica, conotativa por excelência, assim se manifesta, mas sempre ocultando sua operação. A linguagem científica se esforça para demonstrar como elege determinado nível de análise de busca e apresentá-lo como único possível.

Somente a partir das condições concretas de transmissão e das operações de emissores e receptores, pode-se estabelecer uma diferença entre ciência e ideologia. "Não se trata, portanto, de distinguir a ciência da ideologia como duas formas de linguagem: são dois níveis de significação"⁶².

Nesta nova linha teórica se situam as concepções de Althusser e Poulantzas, levando a uma reformulação do pensa-

(61) E. Vcron - Obra cit. P. 181.

(62) L. Althusser - Pour Marx - P. 238.

mento marxista. A ideologia deixa de ser a "falsa consciência" ou um estado de "alienação" para ser uma estrutura essencial para a vida histórica das sociedades". As sociedades humanas se gregam a ideologia como o elemento indispensável para a sua respiração, para a sua vida histórica"⁶³.

"Na ideologia, os homens com efeito expressam, não as relações com as condições de existência, mas o modo em que vivem as relações com suas condições de existência"⁶⁴. Portanto, a análise ideológica se prende à dimensão significativa do sistema de relações sociais especificada em termos de sistemas de operações.

Estabelecendo as diferenças fundamentais entre o discurso ideológico e o discurso científico, Poulantzas diz: "A ideologia ao contrário da noção científica do sistema, não admite em seu seio a contradição e procura resolvê-la eliminando -a (...) ocultando as contradições reais, reconstrói em um plano imaginário, um discurso relativamente coerente que serve de horizonte ao vivido dos agentes, dando forma às suas representações, segundo as relações reais e inserindo-lhe na unidade das relações de uma formulação"⁶⁵.

Tal como Althusser, quando afirma que "A ideologia concerne à relação vivida dos homens com o mundo"⁶⁶, Poulantzas, em perspectiva semelhante expressa-se em termos diferentes: "A ideologia está a tal ponto presente em todas as atividades dos agentes, que não pode diferenciar-se de sua experiência vivida (...) o que quer dizer que as ideologias se referem em última análise ao vivido humano, sem que por isso se reduza a uma problemática do sujeito consciência"⁶⁷.

(63) - L. Althusser - obra cit. p. 240

(64) - " " - " " p. 240

(65) - N. Poulantzas - obra cit. p. 265

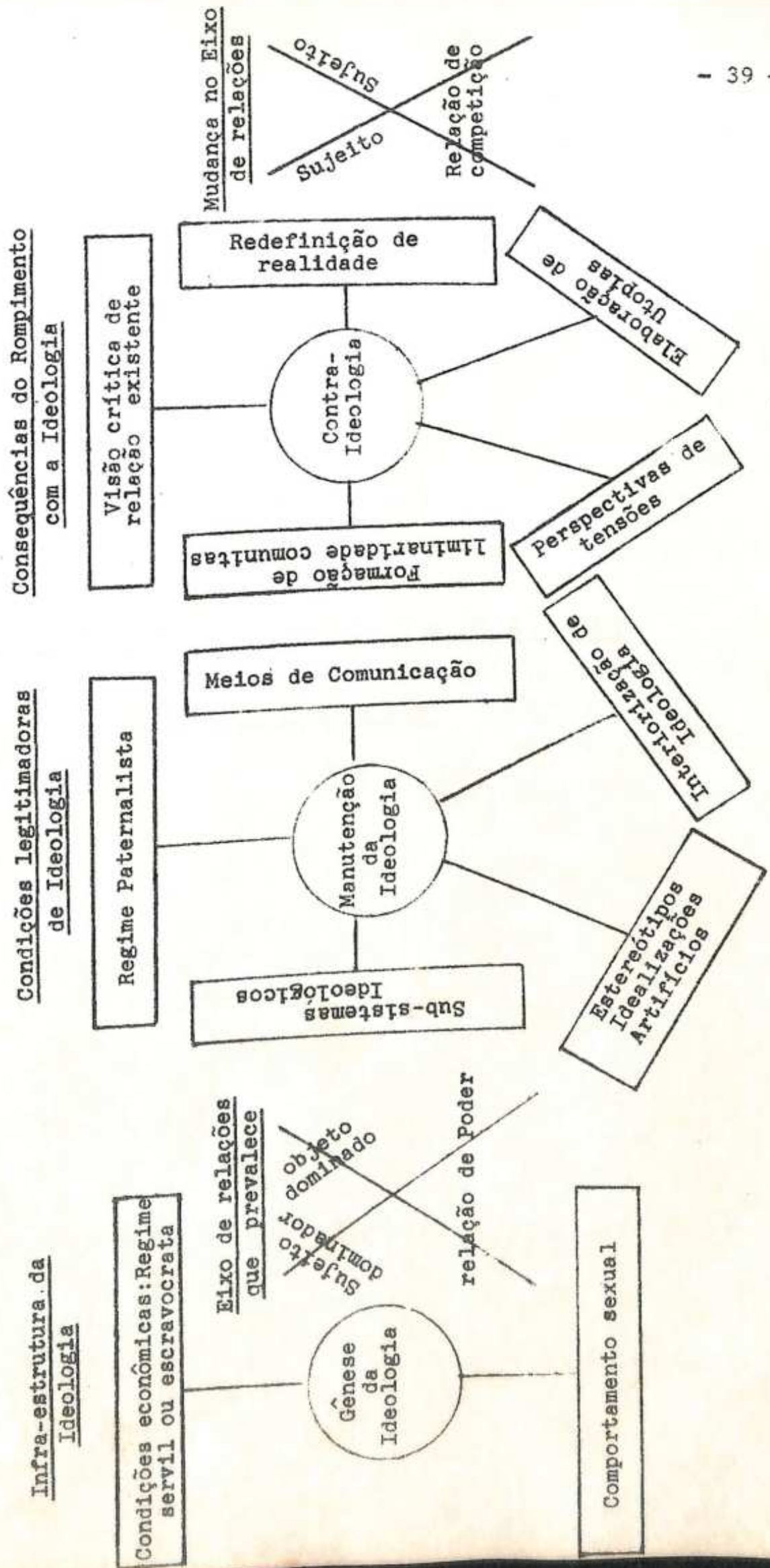
(66) - Althusser - obra cit. p. 240

(67) - N. Poulantzas - obra cit. p. 266.

A ideologia deixou de ser a "falsa consciência" ou a visão deformada da realidade; a sua ação pode estar submetida à consciência, mas as regras e as formas de codificação pertencem ao domínio do inconsciente. Neste sentido, a ideologia já não é mais uma concepção representacional, mas sim, uma concepção ope racional dos significados do sistema social.

PRECONCEITO E PERCEÇÃO

ESQUEMA



II CAPÍTULO

GÊNESE DA IDEOLOGIA RACIAL

BRASILEIRA

II CAPÍTULO

GÊNESE DA IDEOLOGIA RACIAL BRASILEIRA

A ideologia racial brasileira se manifesta através de representações que se configuram em sua maior parte por formas de comportamento impostas aos negros pelos brancos. A situação social e econômica vivida pelos negros ficou impregnada por estereótipos, ações e representações preconceituosas que pré-determinam as condições materiais e morais desta comunidade.

Durante vários séculos, os negros e seus descendentes foram os únicos agentes do trabalho escravo. O trabalho braçal era considerado exclusivo do negro. A possibilidade de participar de outro tipo de atividade era vedada ao escravo, devido a sua incapacidade civil.

Com a extinção da escravatura, suprimiu-se a condição determinante da inferioridade do negro, que até então era evidenciada pela associação deste elemento com o trabalho braçal. Mas a extinção da escravatura não foi a liberdade do negro. O estigma persiste. Aglutinou-se e garantiu a persistência das marcas no simbolismo da cor. O sistema escravocrata havia transformado o negro em cativo e o cativo em negro. A cor tornou-se herdeira dos atributos negativos de um tipo de trabalho considerado inferior, "o trabalho amaldiçoado do escravo". Era como se o regime destituído continuasse "aprisionado na cor". Como símbolo herdeiro de atributos negativos, ela se incorpora na consciência social do branco e do negro e fundamenta as idealizações definidoras de distinção social.

A escolha da cor como atributo social é uma escolha sem perspectivas de alterações. Tratando-se de um dado biológico, a sua escolha como um critério selecionador, marca, inevitavelmente, o ser humano com uma condição "sem saída", estigmatizando-o de forma absoluta. O preconceito do período escravo -

crata tinha maior possibilidade de eliminação, pois jogava-se mais com a discriminação de uma categoria de trabalho. O preconceito após a abolição, absorvido na cor, tornou-se inconfundível, fixo, cristalizado em um dado imutável e definitivo.

Mas a cor é um símbolo portador de ambigüidades, na medida em que sua utilização não é totalmente negativa (o regime não foi capaz de negar todas as qualidades humanas do escravo). Em determinadas circunstâncias, ela é identificada em imagens mais humanas. E neste caso as representações aparecem em termos de fidelidade, quando associadas ao "preto velho", ou na dedicação da "mãe preta", ou quando ainda se manifesta como símbolo de sensualismo. Tais circunstâncias refletem toda a inconsistência da estrutura, que reifica a cor com todos os atributos negativos quando associada às condições materiais, psicológicas e culturais da raça, e, por outro lado, permite que o símbolo se envolva com representações amenas ou excitantes, que comovem e atraem o branco.

Faz-se necessário buscar a gênese destas idealizações centradas no simbolismo da cor. Para apreender as relações entre a conduta e as representações, e os fenômenos de significação, é preciso determinar os verdadeiros níveis reguladores destas representações. Dois substratos, o social e o psíquico, em suas manifestações econômica e sexual, podem dar conta das determinações dos conteúdos ideológicos. O grau de comprometimento da cor nas idealizações raciais do negro prende-se a dois níveis distintos de análise, que podem ser apreendidos através da avaliação de conceitos marxistas e da teoria psicanalítica, simultaneamente. Tanto o marxismo como a psicanálise dão conta das representações e da conduta, indo até à área mais básica, ou seja, aquela que faz o limite entre a natureza e a cultura. O regime escravocrata e o comportamento sexual do negro aparecem como condições básicas ou primárias, decisivas na compreensão do mecanismo das relações inter-étnicas de negros e brancos.

1 - Condições econômicas

Dada a extensão no sistema do que é absorvido pelo presuposto marxista, vamos nos deter, em princípio, nas condições econômicas do regime escravocrata.

A sociedade escravocrata é uma ordem social centrada na força do trabalho escravo e que marcou a maneira como foram ordenadas as relações entre brancos e negros. Destacando as condições básicas, Marx diz: "O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual. A estrutura econômica da sociedade constitui a base real, sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência"¹.

A estruturação da economia escravocrata aparece no contexto histórico como a opção viável resultante das seguintes características: a extensão de terras disponíveis e o escasso contingente da força do trabalho. A extensa área de trabalho só tem valor econômico significativo, na medida em que pode ser utilizada como meio de produção, e isto só ocorre sob o efeito da força do trabalho. Sendo extensas as terras, e poucos os que nelas podiam trabalhar, só restava aos proprietários sujeitarem a escassa força do trabalho à condição permanente de dependência, caracterizada no sistema escravocrata do trabalho. Surge assim o regime servil, dando certeza ao grupo dominante do valor da terra como meio de produção.

Por outro lado, à medida que uma comunidade deixa de depender de uma economia de subsistência e começa a produzir excedentes, instala-se o ato da troca e a mercantilização do produto. Com a disponibilidade de terras, de capitais, e contando com a obrigatoriedade do trabalho escravo, surge uma economia de mercado que depende da mão de obra escrava.

(1) K. Marx - Contribuição à Crítica da Economia Política -p.31

O trabalho braçal, destinado aos escravos, tornou-se um dado classificatório de atividade inferior. Em uma classificação hierarquizada do trabalho, tal atividade é considerada como a forma ínfima de utilizar a energia humana. Contaminada por tal marca, os homens livres se recusam a participar das atividades manuais. O trabalho apoiado na força física torna-se amaldiçoado, profano e indigno. Para o seu desempenho são solicitadas as camadas "inferiores" do corpo social. Avilta-se o trabalho braçal, e com ele, a força do trabalho. Caio Prado Júnior tece a seguinte consideração: "A utilização universal do escravo, nos vários misteres da vida econômica e social, acaba reagindo sobre o conceito do trabalho, que se torna ocupação pejorativa e desabonadora"². O trabalho desqualificado, reservado ao escravo, adquire condição qualificadora quando utilizado para a caracterização do negro. A condição escravo é a condição do não ser. É existir como "coisa" ou "instrumento". Tal condição, simbolizada na cor, vai afetar a convivência social, permitindo que se coloquem em posição de superioridade ou liderança aqueles cuja cor não corresponde às implicações desfavoráveis de um símbolo.

Na realidade, uma categoria de trabalho ou um ser humano, no exercício desta atividade, por si só não se aviltariam, não fosse imprimido, neste modo da produção e nesta força do trabalho, o domínio coercitivo e prepotente do branco, que num traço de onipotência absoluta enfeixa a própria existência do negro em suas mãos.

Os códigos, as leis, os suportes morais, as doutrinas e os valores que regem a consciência do branco deixam de existir no limite da senzala. Esta auto-liberação dos brancos só pode ter lugar na medida em que os negros são colocados fora do universo limitado por seus símbolos. O negro fabricado pelo re-

(2) Caio Prado Júnior - Formação do Brasil Contemporâneo - p.277

gime é diferente do branco em seus atributos e em suas possibilidades, e, de alguma forma, deve ser mantido afastado do convívio social dos brancos.

"Os mesmos homens, que estabelecem as relações sociais de acordo com a sua produtividade material, produzem também os princípios, as idéias, as categorias de conformidade com as suas relações sociais"³.

Ao elaborar socialmente os atributos raciais e ao utilizá-los como índice de categoria social, a sociedade está utilizando o resultado de uma "bem sucedida" fórmula de ordenação social que permitiu manter e pontificar nos devidos lugares a - quele que detinha o domínio e o outro que se submetia a ele.

Com a abolição e o desaparecimento do regime, se a categoria escravo deixa de existir, persiste a do negro, abrigan-do todas as conotações negativas e peculiares àquela categoria. "O negro equivalia ao indivíduo privado de autonomia e liberdade e o escravo correspondia ao "indivíduo de cor"⁴.

Através do processo histórico social, a cor, como marco social, se cristaliza como atributo e passa a interferir nas avaliações e nas expectativas do branco e na auto-avaliação do próprio negro.

Os atributos favoráveis e ideologicamente construídos em função da cor branca só podem ser mantidos, se a categoria referencial oposta persistir impregnada de avaliações negativas, e que vai destacar e evidenciar "supostos" valores brancos. "As fontes de distinção e de separação não eram primariamente raciais, mas convertiam-se em tal, na medida em que atrás do senhor estava o "branco" e, por trás do escravo, ocultava-se o negro ou o mestiço"⁵. Daí a manutenção dos atributos negativos associados à cor

(3) Karl Marx - Misère de la Philosophie - p. 127.

(4) Florestan Fernandes e R. Bastide - Branços e Negros em São Paulo - p. 114.

(5) Florestan Fernandes - O Negro no Mundo dos Brancos - p.98.

após a abolição, o que não foi tarefa difícil, dada a base de realidade que o próprio negro ofereceu através de uma imagem de "desordeiro" e "ocioso". E nisto talvez resida a maior responsabilidade do branco na situação dos negros, "o branco não criou apenas essa representação do negro: fê-lo, de fato, agir dessa forma. E o fez, tanto porque criou as condições de vida e de opção para os negros indicados como desordeiros e ociosos, quanto porque passou, ao mesmo tempo, a representá-los de conformidade com essa imagem"⁶.

No momento em que se julgava liberto da pior condição da espécie - a de não ser livre - e julgava neste novo estágio encontrar a sua identidade perdida, nada ocorre para confirmar sua aspiração mas, pelo contrário, de agente de trabalho que era, tornou-se indesejável e preterido pela nova mão de obra, produto da imigração. Sem condição para nenhuma forma de vida organizada, o negro, sobre tal pressão, descaracterizou-se de uma vez por todas, passando a sobreviver na periferia dos empregos subalternos, em luta constante pela sobrevivência. Daí a marginalidade, daí à condição pejorativa de moleque, ladrão, vadio, mãe solteira, prostituta e criminoso, não houve distâncias. Por permanecer agregado aos centros urbanos, do que nunca desistiu (a cidade talvez tenha sido o único e expressivo símbolo de sua liberdade), as cenas do submundo em que se viram envolvidos repercutiam e desagradavam às demais comunidades.

A herdada condição de inferioridade do seu antigo trabalho de escravo, as vicissitudes e rejeições da nova sociedade em que tentavam se ajustar, propiciaram níveis de apatia e de acomodação justificadores de que "o negro nasceu para sofrer". "Era preciso modificar, mais do que uma atitude, uma situação social na qual o preconceito se cristalizara como uma forma de

(6) F.H.Cardoso - Capitalismo e Escravidão - P. 282.

comportamento que, se ao constituir-se, fora imposta pelos brancos, aparecia, depois, como um componente real, objetivo, do mundo negro"⁷.

Os atributos e as avaliações dos negros como agente escravo se revigoram e se reelaboram na confirmação de sua "incapacidade" que acaba por detê-los nas ocupações relegadas e rejeitadas pelos brancos. Instala-se uma condição de anomia dificilmente vencida. O ex-escravo cristaliza-se nas avaliações dos brancos, nos empregos que lhe estão afetos, na ausência de melhores oportunidades, em sua relação com os brancos, em seu lugar ao longe do sistema e no seu próprio auto-reconhecimento.

Na realidade, a abolição não foi a libertação do homem negro, a abolição foi principalmente a libertação de uma forma de trabalho contaminada pela força do trabalho escravo, e que a partir deste momento, foi expurgada do seu caráter de inferioridade e exorcisada de sua maldição, entrando no "mercado" como um trabalho em condição de ser aceito pelo branco e pelo colono imigrante.

Faltou ao negro que se libertara, condições dialéticas que o engajassem a um sistema livre. Criado para ser escravo, vivendo na dependência do senhor, sem condições mínimas de cogitar possibilidades históricas diferentes do que até então viveu, agindo e pensando em função da estreiteza de seus limites sócio-culturais, o negro nada possuía que pudesse integrá-lo naturalmente a uma condição de homem livre. "A incorporação do africano e seus descendentes foi perturbada pelas condições estruturais em que eles se encontraram inseridos. A natureza escravocrata do sistema econômico-social operou negativamente sobre os negros e mulatos, pois que os colocou sempre numa situação social circunscrita, relativamente fechada, tolhidos, o que

(7) Fernando H. Cardoso - Capitalismo e Escravidão - p. 283.

se exprime plenamente na condição de casta"⁸.

A cor marcando, definindo e delimitando socialmente um grupo humano, tornou-se o componente essencial da ideologia racial brasileira, determinando as expectativas de comportamento recíproco de negros e brancos.

2 - A ambigüidade do símbolo - Repercussão diversa de um mesmo símbolo.

O conteúdo do símbolo não é só representativo, ele absorve um conteúdo afetivo capaz de se revelar em manifestações e atitudes altamente emocionais. Um mesmo signo é capaz de polarizar em determinadas circunstâncias e em condições excepcionais, imagens e sensações inteiramente opostas às reveladas em situações regulares e rotineiras.

A evocação imagética sensorial se desloca de uma ponta a outra, desfazendo o elo existencial entre o signo e o referente, no exato momento em que condições instintivas e naturais rompem o elo do símbolo construído no plano cultural. Isto é, as funções simbólicas da cor, metacomunicadas negativamente, quando utilizadas como diferenciadoras de castas, na ordenação sócio-econômica de pretos e brancos, se desfazem e se refazem em outro plano, em construção altamente afetiva, permitindo, mais uma vez, que a natureza sobrepuje a cultura.

A cor, como símbolo negativo de uma série de ordenações culturais, pode desaparecer aparentemente, à medida que se faz representar por sutis elaborações e tramas, adquirindo fórmula "independente" de operacionalidade. Na realidade, mesmo que o signo se distancie progressivamente do objeto de experiência e se situe no domínio da abstração, continua ocultamente operando a operacionalidade. Na série cultural, a ação social

(8) Octavio Ianni - As metamorfoses do Escravo - p. 251.

pode tornar-se "espontânea" e aparentemente dissociada do signo. Na série natural, o símbolo adere ao objeto da experiência, e está sempre presente e é revivido na força do seu estímulo.

A valorização sexual da mulher negra determinou fatores de interação social que pareciam paradoxais dentro do processo contínuo de distanciamento e afastamento do jogo de relações entre senhor e escravo. Tais circunstâncias vão explicitar a contradição existente entre determinadas práticas e a representação ideológica que o sistema propõe. Só no sistema de ação consegue-se apurar a inadequação radical entre regras efetivamente praticadas nas decisões ideológicas e aquelas objetivadas ao nível da ação.

O intercursos sexual entre senhores e escravas, analisado a partir das condições vigentes de moral e de predominância de certos valores-chaves, permite uma melhor compreensão de como se instalou a preferência amorosa do branco.

Na época vitoriana, quando estava em moda a negação dos impulsos e sentimentos sexuais (o sexo era assunto proibido entre pessoas bem educadas), ninguém, como as mulheres ocidentais, internalizou os valores culturais ligados ao sexo e bloqueou tanto os seus impulsos vitais. Era a moral cristã da época, recalçando e reprimindo atitudes emocionais consideradas impuras.

Os homens, no contraponto, aderiam até certa forma à ordem imposta (condensada na admirável e respeitosa figura patriarcal), mas sempre encontravam formas subterrâneas de compenetração. A mulher branca imprimindo em sua essência afetiva as marcas de restrição da moral dominante, obscurece a sua vontade, alienando-se de seu próprio corpo, favorece complexos padrões de relacionamento entre o homem e a mulher.

A mulher negra, emancipada das repressões de uma cultura cristã, sem o bloqueio de seus impulsos vitais, devolve ao

homem branco a fonte de sua identificação. "A vontade impulsiva desloca-se constantemente para escapar à interdição que s bre ela pesa e intenta encontrar substitutos para o proibido: objetos e atos substitutivos. Por isso a proibição varia e recai, sucessivamente, sobre o novo alvo escolhido pelo desejo proibi - do"⁹.

Nas oscilações de atitude do homem branco, entre a sua mulher, para onde canaliza seu sentimento de proteção e a - feição, e a mulher negra, objeto de sua satisfação sexual, acen - tua-se a dicotomia do sagrado e do impuro. Numa série de oposi - ções bem delineadas se juntas às categorias: sagrado e impuro , as do "homem social" e as do "homem de respeito" à primeira ca - tegoria e ao do "homem instinto" à segunda. Das mais significa - tivas são as categorias "dentro de casa" e "fora de casa", para onde converge a real significação da figura do homem a quem , "privilegiadamente", é permitida dupla ação e personalidade.

As teorias psicanalíticas mais recentes, inclusive as da linha freudiana, esclarecem as causas dos impulsos vitais a - través da teoria do deslocamento da libido. "Um impulso incons - ciente não precisa ter surgido precisamente onde o encontramos exteriorizado; pode originar-se de um ponto completamente dis - tinto, recaindo sobre outras pessoas e outras relações, só pas - sando ao lugar em que afinal se evidencia pelo mecanismo de des - locamento"¹⁰ ; esta foi a explicação originariamente dada por Freud sobre a teoria do impulso, porém escolas mais recentes a - firmam que o desejo humano já não é só um simples apelo das ne - cessidades primitivas, exigindo satisfação; o mecanismo não es - tá simplesmente na dependência do deslocamento da libido, alte - ra-se de forma mais relevante com as associações simbólicas."Os

(9) S. Freud - Obras Completas, Volume VII. Totem e Tabu, p. 400

(10) id., ibid., p. 446.

simbolismos é que se desviam não o impulso do id"¹¹.

Se a energia sexual se condensa em torno do símbolo, ela fica orientada e desperta em função dele. Ora, se é a mulher negra que invoca a simbolização da satisfação do desejo sexual, a cor (elemento contrastante por excelência da mulher legítima e da escrava), absorve as conotações simbólicas e passa a mediatizar as cogitações amorosas do homem branco.

Por outro lado, o homem branco, na utilização da mulher negra como objeto sexual, reafirma a relação de poder (dominador-dominado), caracterizado no regime escravocrata. Suas relações amorosas não têm apenas uma significação sexual. Como diz Freud "o contato sexual encerra os conceitos mais gerais de agredir, apoderar-se, fazer valer a própria pessoa"¹².

A miscigenação crescente foi a comprovação mais evidente de que a cor não era somente um símbolo de repulsa. Quando aderida a determinada representação sensorial, pode assumir conotações inteiramente diversas das imagens difundidas.

De qualquer forma, a ideologia racial brasileira fica idealizada em suportes simbolizados, onde a cor é sempre o símbolo subjacente, quer em associações negativas metacomunicadas, quer em mensagens favoráveis, endereçadas aos sentidos.

3 - Eixo relacional prevalecente

A consistência reveladora da totalidade ideológica está ao nível das relações. Tanto mais legitimada será uma ideologia quanto mais consolidados se encontrarem os grupos opostos em sua articulação ou melhor, quanto mais os pares em oposição se afirmarem, um em função do outro, mais ordenada se revelará a estrutura.

(11) Rollomay - Eros e Repressão - P. 234

(12) S.Freud - Ob. cit., p. 450

A ideologia das relações oferecerá a chave da percepção, o "mapa da mina" que possibilitará a penetração no real e em particular na realidade social.

Somente ao determinar o eixo de relações que prevalece na ideologia racial, ou seja, as condições que definem a relação de brancos e negros, é possível explicar o sistema de codificação da realidade social vivida por eles. Segundo formulação de Marx: "os homens modificam o seu modo de produção ao adquirir novas forças produtivas e ao mudar o modo de produção alteram também suas relações sociais"¹³.

Para se entender as relações estabelecidas entre senhores e escravos, é necessário avaliar os mecanismos sociais que manipulavam essas relações, os valores, padrões, normas e idéias predominantes e, principalmente, o regime de produção fundado na utilização da força de trabalho. Todo um complexo psicossocial e cultural, emergindo desta conjuntura, institucionalizou as relações estabelecidas entre pretos e brancos.

Em sua ordenação, as relações entre senhores e escravos aparece "perfeita" ao nível da articulação com o sistema. "A ideologia, deslizando em todos os pisos da edificação social, tem essa função particular de coesão, estabelecendo, no nível do vivido dos agentes, relações evidentes-falsas, que permitem o funcionamento de suas atividades práticas - divisão do trabalho etc., na unidade de uma formação"¹⁴.

Fora da área produtiva onde se concentravam as relações entre senhores e escravos, as relações sociais entre eles eram permeadas por obstáculos intransponíveis. O trabalho é o fator por excelência de condição relacional. Senhor e escravo são resultantes do trabalho servil. Em graus diversos e com fi-

(13) K. Marx - Misère de la Philosophie - p. 427

(14) N. Poulantzas - Poder Político Y Classes Sociales - p.265.

nalidades diferentes, o trabalho os une, e ambos são produtos do regime. O sistema econômico que produziu o escravo produziu também o senhor. "No escravismo dá-se a alienação do escravo e do senhor, isto é, ao produzir a sociedade escravista, ambos se produzem reciprocamente"¹⁵.

Nem o senhor nem o escravo possuem uma consciência social clara da condição histórica de sua situação. Para o senhor o escravo era um objeto, um instrumento de trabalho. A reificação da condição negativa do escravo, iniciava-se nos seus primeiros anos de vida; o tratamento dispensado ao escravo ou ao negro, mesmo em seus simples folguedos, era de submissão e domínio, onde toda sorte de capricho e perversidade era permitido. "Assim como era socializado o filho do senhor para tornar-se senhor, da mesma forma socializava-se o filho de escravo para ser escravo"¹⁶.

Em sua condição jurídica o escravo era considerado "como morto, privado de todos os direitos, sem representação alguma"¹⁷. Em sua condição de coisa, era por um lado instrumento de produção, por outro um ser "teleguiado", incapaz de exprimir vontade própria, orientando-se e organizando-se nas imposições dos senhores. A categoria de submisso espelhava a consciência alienada do escravo, reproduzindo passivo das determinações do branco. Por outro lado, a vontade do senhor ficava na dependência da execução de suas ordens e do trabalho escravo, colocando-o em falsa posição, pois este dependia da existência e do trabalho do escravo para se caracterizar.

A estrutura econômica escravocrata só se transforma em categoria histórica pelo modo de produção e a força de trabalho

(15) Octavio Ianni - As Metamorfoses do Escravo - p. 280.

(16) Octavio Ianni - id., ibid., p. 236.

(17) Antonio Marques Perdigão Malheiros - A Escravidão no Brasil - Ensaio Histórico Jurídico Social, Volume VII, p. 17.

eminentemente escravizante do sistema.

A legitimidade do regime escravocrata é exercida dentro de normas de violência e coerção, confirmadas em inúmeros testemunhos e registros. Naturalmente que houve bons e maus senhores, mas ficou sempre evidenciada a dominação senhorial. "Nas charqueadas, só era possível manter a disciplina no trabalho e o respeito aos senhores e à ordem escravocrata, através do controle estrito da vida do escravo e da violência institucionalizada que o capataz exercia"¹⁸.

Os mores senhoriais justificavam e acobertavam as violências e as desumanidades reveladas pelos senhores ou pelos seus capatazes na pessoa do escravo. Também o código de moral cristã legitimava a coação imposta ao escravo à medida que permitia sua desqualificação como pessoa, ao assumir a condição de escravo. "Os preconceitos de cor marcavam-se nitidamente, até mesmo no terreno religioso, pois havia irmandades exclusivamente de brancos, exclusivamente de negros, e exclusivamente de mulatos"¹⁹. "O negro era relegado para fora da capela do senhor, assistia do pórtico a missa dos brancos; quando podia penetrar no interior da igreja é porque havia duas missas distintas, uma para os pretos e a outra para os brancos"²⁰. A ideologia estendida-se e contaminava outros níveis da estrutura social. "Outras ideologias funcionam tomando da região dominante suas próprias noções ... Poderia dizer-se de certo modo que o papel da ideologia consiste aqui, não simplesmente em ocultar o nível econômico sempre determinante, mas também em ocultar o nível que tem o papel dominante"²¹.

Objetiva e subjetivamente não era permitido ao escla-

(18) F.H. Cardoso - Obra cit. P. 149

(19) e (20) Rogers Bastide - Estruturas Raciais e Religiões A - fro Brasileiros - Ano VII - Volume XVI - p.229 -231

(21) N. Poulantzas - Obra cit. P. 269.

vo ser reconhecido como pessoa humana; rígido controle era exercido de forma deliberada ou velada para impedir que desejos de liberdade se transformassem em realidade. A liberdade do escravo seria a condenação do senhor. Este só existia em função da - quele. "A manutenção de negros e mulatos na casta de escravos ou na condição de membros do grupo cativo, era uma das condições para a manutenção do status quo"²².

O perfil do senhor se configura e se evidencia tanto mais nitidamente, quanto mais as características do escravo como força de trabalho e de objeto se delinearem no pano de fundo do regime.

Em tais circunstâncias, caracteriza-se nitidamente a relação do poder claramente evidenciada na forma relacional entre dominador e dominado. Na relação senhor-escravo confirma-se a relação sujeito-objeto, característica esta apreendida na própria legislação, quando mantém, em suas regulamentações, conexões estreitas entre escravo e negro tratado como ser inferior e semovente. Manifesta-se ainda quando não só a força de trabalho, mas o próprio escravo é colocado como mercadoria, quer sob a forma de anúncios, "Precisa-se comprar uma negrinha ou um moleque de 8 a 10 anos..."; "Compra-se um escravo oficial de sapateiro..."; "Troca-se escravo, moço e robusto, sem vício, por escravo nas mesmas condições"; "Aluga-se um cozinheiro pardo" , quer exposto em praça pública, examinado, medido, pesado e apalrado na busca de justificativa de um bom preço. O ponto alto de legitimação do "negro objeto" é dado na institucionalização desta formalidade, quando os cofres públicos recebem a taxa de venda dos escravos e os impostos pagos sobre sua saída²³.

O ato de posse integral e de dominação absoluta do ne

(22) Octavio Ianni - Obra cit. P. 262

(23) Anúncios selecionados: "O 19 de Dezembro" e Relatórios apresentados na Província do Paraná - citação Octavio Ianni P. 138 - 140 - Obra cit.

gro como objeto é dado no direito sobre a vida e sobre a morte que o senhor detinha em relação ao escravo. A morte podia ser infringida ao escravo sem que fosse necessário recorrer à metrópole. Era o que autorizava o Conselho Ultramarino.

Destruindo no escravo os atributos de pessoa humana, evidencia-se a distância entre os dois grupos sociais. Esta distância não é apenas econômica e social, ela é também psicológica e moral. À medida que se consubstanciam essas diferenças, mais o negro se desloca do universo humanizado do branco. Quanto mais jogado à natureza, mais confirma o poder natural do branco "culturalizado" sobre o negro. O distanciamento do homem livre não permitia ao negro sequer cogitar de imprimir em suas atitudes o modelo branco. "O reconhecimento social, a expectativa de aprovação, o escravo teria de procurar em si mesmo, comparando-se aos animais e não aos homens livres"²⁴. Na realidade, era mais fácil identificar-se aos animais, cuja proximidade natural e livre, possibilitava-lhe graus de integração, o que aliás, mais tarde, proporcionou a elaboração de uma infinidade de estereótipos ao nível de identificação animal: "burro de carga", "cão-fiel", "negro de canela fina é como cavalo de raça, é mais ligeiro", etc. Por conta destas afinidades, inúmeras associações foram feitas, favoráveis ou pejorativas, mas sempre de forma a situar o negro no plano da natureza, condição que justificava a onipotência do branco como símbolo cultural absoluto, que na utilização desta diferença, impossibilitava qualquer identificação entre pólos tão marcados.

(24) F.H. Cardoso - Obra cit. p. 136.

III CAPÍTULO

COMO SE MANTÊM E TRANSMITEM

AS IDEOLOGIAS

III CAPÍTULO

COMO SE MANTÊM E TRANSMITEM AS IDEOLOGIAS

No afastamento da matriz geradora, a ideologia racial brasileira se sustenta e se legitima no processo de transmissão do conteúdo ideológico, mantendo elos de conexão entre a estrutura interna, atos e ações. Expectativas, atitudes, aspirações e propósitos provêm de um princípio ordenador que mantém a coerência do universo vivido. Este princípio ordenador resulta das condições históricas que continuam operando em nível de abstrações, envolvidas em estereótipos, fórmulas paternalistas e artíficos que, interiorizados nas consciências dos agentes brancos e negros, manifestam-se em representações adequadas aos papéis que lhes são atribuídos.

A legitimidade da ideologia fica comprovada na manifestação racional e coerente entre os diversos níveis da realidade. Quanto mais se absorvem todos os conjuntos sociais e se unificam as diversidades, mais se confirma a legitimidade da ideologia dominante.

Na ordenação deste universo simbólico, procuramos avaliar os diferentes níveis em que se manifesta o conteúdo ideológico, como se integra e como se transmite.

De posse das causas determinantes da gênese da ideologia, verificaremos de que modo, as instituições e os organismos sociais sedimentam e estendem o seu corpo de heranças e tradições.

1 - A herança da escravidão

As documentações existentes, do período pós-abolição, revelam que do ponto de vista econômico houve uma regressão no aproveitamento do ex-escravo, desde que o trabalho disponível não tinha condição, pelo menos aparente, de ser absorvido por aquela mão de obra. Acresce que, por esta razão, incentivava-se a vinda de imigrantes, o que permitia reformular os processos de produção, ao mesmo tempo, estabelecer novos níveis de rela-

ção permitindo uma valorização do trabalho até então conside-
do indigno. Muitas implicações determinaram os movimentos pró-
imigração, mas o que se evidenciava era a crítica às formas de
produção do regime escravo. "Se, por um lado, o movimento pela
imigração constituía uma crítica indireta ao regime escravocrata e, nesse sentido, repercutiu sobre o destino do escravo, por
outro lado não levou à reconsideração do problema do negro. Ao
contrário, para a consciência do "branco ilustrado", que se em-
penhava pela renovação das práticas do trabalho de suas terras,
o negro passou, mais ainda, diante do imigrante próspero e pro-
prietário, a simbolizar, mesmo depois de livre, o aviltamento
do trabalho, a inépcia, para as tarefas grandiosas, o anti-ho-
mem"¹.

Na realidade, acentua-se cada vez mais a contradição
entre o êxito da economia sob a responsabilidade dos imigran-
tes e a situação do negro que, sem preparo para as novas condi-
ções, regride e se revela incapaz para a condição de emancipa-
ção. Marcado pelo regime que o gerou, o ex-escravo mantinha a
sua inferioridade e a sua condição de dependência. Desta forma,
a abolição, como fator crítico do regime servil, nada signifi-
cou: o mundo vivido na escravidão persiste na sociedade livre
e aquilo que as categorias, senhor e escravo, significavam an-
teriormente, prolonga-se em desempenhos de papéis semelhantes.
O francês A. Rendu assim se exprimia relatando a situação do li-
berto: "Os negros livres têm poucas necessidades; dormem o tem-
po todo em que não estão a caçar ou a pescar (...) não é raro
encontrar negros que, sob a condição de escravos, se revelam
bons, ativos e trabalhadores; e que uma vez em liberdade, tor-
nam-se corruptos, beberrões, libertinos e gatunos"².

(1) F.H. Cardoso - Capitalismo e Escravidão, P. 222/223.
(2) A. Rendu - Études sur le Brésil, P.31/47 - Cit. Otavio Ianni obra cit., P. 246.

Somente nas condições histórico-sociais podemos tender como se cristalizou o preconceito e o que representam na ideologia racial brasileira, os atributos negativos da escravidão e do negro a ele identificados. Na sobrevivência deste processo, foram fundamentais as especificações das relações entre brancos e pretos. Assim, o preconceito de cor e a mística do branqueamento foram gerados paulatinamente pela escravidão e pela abolição.

2 - Relações paternalistas

A dialética das relações entre brancos e negros se define sob formas contraditórias. Gilberto Freire em Casa Grande e Senzala nos fala dos contrastes entre a imagem de um senhor prepotente e dominador e a sua outra face, complacente e humanitária, revelada sobretudo na relação entre o senhor e a escrava. Os escravos, embora sujeitos a certas limitações e, embora algumas vezes, cruelmente tratados, chegavam com frequência a ter um papel emocionalmente significativo na vida íntima de seus senhores brancos.

Em geral a figura paternalista do senhor não está identificada com o período colonial, ela se configura principalmente no Brasil-Império. Segundo ressalva Charles Boxer: "A crença comum de que o brasileiro era um senhor de escravo excepcionalmente bondoso, aplica-se apenas ao século dezanove sob o Império, e é contrariada no que se refere ao período colonial"³.

A imagem paternalista reaparece neste século, na tentativa de confirmar a "democracia racial brasileira" e sustentar "o preconceito de não ter preconceito", limitando-se a tratar o negro com tolerância e até mesmo com polidez, porém já mais com igualdade. Esta ambigüidade neutraliza o caráter de

(3) Cit. Marvin Harris - Padrões raciais nas Américas, p. 123.

Somente nas condições histórico-sociais podemos entender como se cristalizou o preconceito e o que representam na ideologia racial brasileira, os atributos negativos da escravidão e do negro a ele identificados. Na sobrevivência deste processo, foram fundamentais as especificações das relações entre brancos e pretos. Assim, o preconceito de cor e a mistificação do branqueamento foram gerados paulatinamente pela escravidão e pela abolição.

2 - Relações paternalistas

A dialética das relações entre brancos e negros se define sob formas contraditórias. Gilberto Freire em Casa Grande e Senzala nos fala dos contrastes entre a imagem de um senhor prepotente e dominador e a sua outra face, complacente e humanitária, revelada sobretudo na relação entre o senhor e a escrava. Os escravos, embora sujeitos a certas limitações e, embora algumas vezes, cruelmente tratados, chegavam com frequência a ter um papel emocionalmente significativo na vida íntima de seus senhores brancos.

Em geral a figura paternalista do senhor não está identificada com o período colonial, ela se configura principalmente no Brasil-Império. Segundo ressalva Charles Boxer: "A crença comum de que o brasileiro era um senhor de escravo excepcionalmente bondoso, aplica-se apenas ao século dezenove sob o Império, e é contrariada no que se refere ao período colonial"³.

A imagem paternalista reaparece neste século, na tentativa de confirmar a "democracia racial brasileira" e sustentar "o preconceito de não ter preconceito", limitando-se a tratar o negro com tolerância e até mesmo com polidez, porém já mais com igualdade. Esta ambigüidade neutraliza o caráter de

(3) Cit. Marvin Harris - Padrões raciais nas Américas, p. 123.

subordinação e de hierarquização das relações entre eles.

Tais disfarces e subterfúgios revelam a impotência do branco em ordenar a sociedade sobre condições reais de equidade e justiça social.

A figura paternalista é uma categoria típica da falsa democracia racial.

Eventualmente, a condição do bom senhor se manifesta, a fim de obter um maior rendimento de seus subalternos.

Diz um informante:

"Meus patrões sempre foram muito bons para mim.

Eu sempre fiz o possível e o impossível para cumprir com o meu dever".

Nesta formulação, o patrão é considerado bom, porque lhe dá as condições necessárias para subsistir. É a unidade superior que lhe permite sobreviver.

A existência do preconceito é sempre negado pelos que aceitam a relação paternalista, e esta negação é legitimada no conformismo e na acomodação dos agentes discriminados.

"Pelos lugares que passei, minha cor não criou problemas e acho que nunca vai criar, pois tenho personalidade bastante. Não dou importância à cor, o que é importante é o caráter, enfim é saber ser homem com dignidade, é conhecer o seu lugar".

A legitimação da ideologia é tanto maior, quanto maior o grau de acomodação e até mesmo de satisfação entre as pontas do sistema. "Entra em ação uma maquinaria inteira de legitimação, com o fim de manter cada um em seu devido lugar e, se pos

sível, que ambos assim procedam com satisfação"⁴.

"O meu patrão e eu sempre nos demos muito bem. Ele está satisfeito com o meu trabalho e eu com a consideração que ele tem comigo. Já me disse muitas vezes que eu 'sou um preto de alma branca'".

O "estado de graça" da integração se manifesta na perfeita aceitação do "status quo" sem que se revele nenhum questionamento de um lado e nenhum "problema de consciência" do outro. Coroada de êxito em seus intercursos, desaparece toda e qualquer possibilidade de autonomia dos negros e se instala uma "integração voluntária", obscurecendo a diferença entre uma consciência falsa e a consciência verdadeira.

A manipulação de símbolos de proteção e apoio pode atingir o máximo de elaboração no exagero da manifestação de apreço e valorização, e na forma do preconceito às avessas. A preocupação está em não revelar uma imagem preconceituosa.

"O meu relacionamento no trabalho é muito bom, os meus superiores tendem a se tornar muito paternais para comigo".

"Durante cinco anos eu fui professor de música em um colégio particular, e tive uma experiência muito interessante. As pessoas me davam um tratamento ultra-atencioso, serviam-me lanches, etc. Tinham uma preocupação enorme de não deixar que os alunos revelassem de alguma forma, estranheza pelo inusitado do professor de música preto. Tratava-se de um colégio de bom padrão".

O paternalismo é, geralmente, a solução adotada quando

(4) P. Berger - A Construção Social da Realidade, p. 121.

do o comportamento do negro corresponde às expectativas dos seus desempenhos historicamente determinados. A personalidade do negro quando se manifesta nas peculiaridades a ele atribuídas, determina condições dialéticas ideais na correspondente a atitude paternalista.

Negros e mulatos conscientizados manifestam repulsa por esta fórmula de tratamento:

"A forma paternalista do branco é hor -
rível. Quando percebo esta necessidade
de proteção e apoio, recalco ainda mais
os meus problemas.

- Quando eu entrei na Faculdade, de repente eu percebi que estavam me tratando bem demais, bem demais mesmo. Eu era o único preto da sala. Tive a sensação de estar servindo ao processo. Era como se eles dissessem: - Aí está um negro fazendo Faculdade, nós realmente não somos racistas".

É também nestas condições de excepcionalidade, que se fundamenta a "democracia racial brasileira". A exceção que confirma a ideologia propaga o mito e determina socializações profundas que impedem a visualização da realidade.

É bem verdade que nos contatos e levantamento de entrevistas, observam-se tentativas de alguns, de se reajustarem criticamente diante das desigualdades representadas como "coisa natural". Na visão conservadora da democracia racial, nas manobras ideológicas de mascaramento, colocam-se reavaliações e questionamentos.

A atitude paternalista do branco colabora na impossibilidade do negro situar sua verdadeira identidade. A acomodação da relação inter-étnica, mantida e acobertada por uma ca

pa de protecionismo, impede os negros de se caracterizarem, por lhes faltar condição indispensável de aglutinamento, através de uma oposição declarada, ou de uma receptividade sem restrições.

3 - Estereótipos, idealizações e artifícios

Os estereótipos são supostas verdades que adquirem sempre condições de tabus e sobrevivem como integridades abstratas, com a força do provérbio, às vezes se apresentando como tal. São verdadeiros escudos de ordem ideológica, mantendo e preservando em seus devidos lugares a distribuição socialmente determinada pelo sistema dominante. Os estereótipos, as máximas e as construções mitológicas sustentam a legitimidade do universo simbolizado, manipulam as contradições e podem ser avaliados através da Filosofia analítica, quando diz: "O que as criaturas querem dizer ... quando dizem ... se relaciona com o que não dizem..."⁵.

Na elaboração de estereótipos relacionados ao problema racial, as qualidades negativas dos negros ficam evidenciadas, tornando-se atributos naturais e peculiares. Transformados em processos de interiorização, determinam identificações subjetivas que adquirem força normativa. Com tais definições procura-se manter os negros dentro dos limites da ordem tradicionalmente instituída.

Neste sentido, um dos estereótipos mais identificados com a legitimidade do posicionamento do negro no sistema, é o que diz que o negro conhece o seu lugar. Na verdade, o que se pretende evitar é que "os negros deixem os seus lugares", no impedimento de sua participação em certas categorias de trabalho e na aceitação em outras.

(5) Marcusa - A Ideologia da Sociedade Industrial, p. 185.

"Se eu for exímio no samba e jogar o fino do futebol, sou bem aceito. Recebo pancadinha nas costas. Uma amiga de cor foi tentar cantar no Municipal. Linda voz. Houve reações, dificuldades e ela não se apresentou".

Para manter a "regra do jogo" é necessário estar de acordo com a expectativa do que se espera de cada um. O padrão cultural do negro já está pré-estabelecido. Mudar a regra significa alterar a ordem da ideologia dominante.

"Uma vez eu fui a uma festa de classe mé dia. Havia um piano na sala e eu toquei o Noturno Opus 9, nº 82. Então reparei, não uma forma de espanto ou de respeito, mas uma forma de frustração, como quem diz: - Mas não era um sambinha que ele ia tocar?"

"Quando passei para a Faculdade, ganhei um carro. Sempre tomavam-me como chofer e olhavam para o banco de trás procurando o patrão branco. Chegaram mesmo a di zer: Tire daí o carro de seu patrão".

É possível pressentir, mesmo quando não emitido pela linguagem, formas de reação através de atitudes ou de gestos. A conotação é veiculada pela expressão do emissor imediatamente apreendida pelo receptor:

"Sempre que abro pela primeira vez a porta do meu consultório, para um novo cliente, percebo o impacto que causo por ser um médico negro. Às vezes chegam a olhar para dentro do consultório buscando en-

contrar o 'verdadeiro médico'".

Mesmo aquelas pessoas, de características físicas comuns, podem reagir quando são modificados os papéis atribuídos aos seus semelhantes:

"No princípio, quando eu era a pretinha modelo, me apresentava como mandava o meu figurino, bem vestida, cabelos alisados, modos recatados e humildes, me aceitavam bem. Um dia me conscientizei da verdadeira situação e resolvi assumir minha negritude. Passei a usar "black-power", calças manchadas e maneiras desenvoltas. A reação foi imediata por parte de colegas e alunos; até um aluno pretinho como eu, disse-me um dia quando saíamos da escola: Porque você está agora? Todos estão dizendo que você está uma negrinha muito metida a besta".

No receio de infringir a ordem estabelecida, e de ser alvo de chacotas ou atitudes de depreciação, muitos negros limitam o seu universo e evitam tentar romper as barreiras que eles consideram invioláveis:

"Algumas vezes eu me machuquei, mas hoje eu tenho um cuidado tremendo naquilo que faço. Às vezes chego até a me tornar puritano".

Em quase todas as entrevistas ficou evidenciado o problema do "negro que conhece o seu lugar". A maneira mais expressiva de caracterizá-lo está na utilização de duas conhecidas figuras do futebol brasileiro: Pelé e Paulo César. Pelé e Paulo César podem ser identificados por aque-

las categorias do negro bom, e do negro abusado, respectivamente. Isto é, aquele que se encaixa no sistema e com ele se articula e aquele que rompe (embora inconscientemente), com a ordem estabelecida e incomoda a negros e brancos.

"Paulo César veste umas roupas coloridíssimas, tem umas 350 camisas - Paulo César tem carro europeu último tipo. Deu entrevista para revista italiana cercado por mulheres louras. Paulo César é tido como o oposto de Pelé. Recebe vaias, brigas, discute, sofre pressões e cria problemas. Ele está cobrando alguma coisa e não sabe o que é. É só emocional. Tem cara de Zumbi e alma de pai Tomás".

No discurso de nossos informantes, a figura de Pelé é avaliada de forma bastante controversa. Todas aquelas entrevistas realizadas com negros e mulatos que negam a existência do preconceito no Brasil (diga-se de passagem, é um número bastante significativo), nas representações confirmadoras desta negação, ou na simbolização coerente dos seus universos, a imagem de Pelé é a mais favorável possível.

"Pelé é o ídolo negro brasileiro. É o rei. Pelé é extraordinário. Continua a mesma simplicidade, a mesma humildade, apesar de ser o craque espetacular que é. É um exemplo para nós de cor. A história do negro no Brasil tem dois períodos: um antes de Pelé e outro depois. O sucesso dele representou para os de nossa raça a confirmação do que somos capazes. Ele é admirável como jogador, chefe de família,

homem de negócios e bom brasileiro. -Pelé é o exemplo de que em nosso país não existe preconceito".

Na realidade, Pelé é o símbolo do "bom moço" e do "negro bom", aquele que "valoriza a raça". É a idealização per feita dos valores sociais mais sagrados. As categorias que o definem o colocam como "símbolo da continuidade social" e alimentam a "visão de um cosmos super-ordenado"⁶.

Justifica-se o prestígio e a aceitação de Pelé pela sociedade: Pelé foi aquele que, correspondendo à imagem da expectativa do sistema - do negro humilde e simples - ascendeu até onde a estrutura permite, no devido lugar (no futebol). É um símbolo aqui e lá fora da democracia racial brasileira e ainda consubstancia o "slogan" etnocêntrico: - "Temos o melhor futebol do mundo e o maior jogador de todos os tempos".

A imagem de Pelé torna-se controvertida na avaliação daqueles que provam a existência do preconceito no Brasil e estão, até certo ponto, conscientes das condições ideológicas que o mantêm:

"Uma pessoa como Pelé, prestigiada e aceita, tinha condições como poucos de lutar pela integração das pessoas de cor. Veja o que fez, casou-se com uma branca e passou a viver no "mundo dos brancos", deixando escapar uma grande chance... -Se Pelé tivesse consciência de negro, com o "status" que tem, poderia mudar alguma coisa para a nossa classe. Pelé preferiu o caminho do 'preto de alma branca'".

(6) R. Da Matta - Ensaaios de Antropologia Estrutural, p.153/154

Mais adiante, quando falarmos da ideologia do so, a figura de Pelé poderá ser melhor compreendida.

Numerosos estereótipos, na maioria de conotações negativas, atuam como regras de avaliação e condições limitado-
ras de melhores possibilidades e perspectivas para os negros; neste sentido, avaliador e restritivo, e como aviso de caute-
la, situa-se a conhecida referência ao trabalho falho ou ina-
cabado, ou a atitudes duvidosas ou condenáveis:- "Negro quan-
do não suja na entrada, suja na saída". Os atributos "sujo" e
"sujeira" significam incapacidade de agir honestamente ou com
decência - ato indigno condenado pela sociedade.

Os estereótipos podem se apresentar ambíguos em suas
proposições: - "Preto de alma branca" - é a confirmação etno-
cêntrica da "supremacia" dos valores brancos, isto é, de co-
mo o negro bem qualificado pode "aspirar", como forma de reco-
nhecimento de sua atuação, ser guindado à categoria de bran-
co.

Quadro simbólico, altamente significativo, são as
inúmeras associações de negros com animais. Das mais comuns, e
revelada pela maioria de nossos informantes, é a identifica-
ção entre pretos e macacos como tentativa de caracterização fí
sica. Mas, nem só os atributos negativos permitem tais associa-
ções; a superioridade biológica do negro, manifestada em sua
resistência e capacidade física, possibilita outras represen-
tações: "Negro é como gato - tem sete vidas" - "Negro traba -
lha como burro de carga" - "Negro de canela fina é ligeiro co
mo um cavalo de raça". A cor, em suas conotações depreciati-
vas, pode revelar mau presságio: "asa negra"; impossibilidade
de socialização: "é a ovelha negra da família"; ou ainda, jus
tificadora de falhas e erros nas opções: "no escuro os gatos
são pardos".

Na realidade, todas estas múltiplas associações do

Mais adiante, quando falarmos da ideologia do sucesso, a figura de Pelé poderá ser melhor compreendida.

Numerosos estereótipos, na maioria de conotações negativas, atuam como regras de avaliação e condições limitadoras de melhores possibilidades e perspectivas para os negros; neste sentido, avaliador e restritivo, e como aviso de cautela, situa-se a conhecida referência ao trabalho falho ou incapado, ou a atitudes duvidosas ou condenáveis:- "Negro quando não suja na entrada, suja na saída". Os atributos "sujo" e "sujeira" significam incapacidade de agir honestamente ou com decência - ato indigno condenado pela sociedade.

Os estereótipos podem se apresentar ambíguos em suas proposições: - "Preto de alma branca" - é a confirmação etnocêntrica da "supremacia" dos valores brancos, isto é, de como o negro bem qualificado pode "aspirar", como forma de reconhecimento de sua atuação, ser guindado à categoria de branco.

Quadro simbólico, altamente significativo, são as inúmeras associações de negros com animais. Das mais comuns, e revelada pela maioria de nossos informantes, é a identificação entre pretos e macacos como tentativa de caracterização física. Mas, nem só os atributos negativos permitem tais associações; a superioridade biológica do negro, manifestada em sua resistência e capacidade física, possibilita outras representações: "Negro é como gato - tem sete vidas" - "Negro trabalha como burro de carga" - "Negro de canela fina é ligeiro como um cavalo de raça". A cor, em suas conotações depreciativas, pode revelar mau presságio: "asa negra"; impossibilidade de socialização: "é a ovelha negra da família"; ou ainda, justificadora de falhas e erros nas opções: "no escuro os gatos são pardos".

Na realidade, todas estas múltiplas associações do

negro com o mundo animal confirmam nossa afirmativa do capítulo anterior: por conta destas afinidades, os negros eram lançados à natureza, evidenciando a supremacia do branco como símbolo de cultura.

Numerosos artifícios colaboram com a trama restritiva da possibilidade de integração dos negros. A rejeição do negro como agente de trabalho, principalmente em determinadas áreas, se manifesta por complexas elaborações de artifícios, quer sob a forma de anúncios, quer em critérios de seleção.

Ao escolher a categoria ocupacional, no nosso primeiro trabalho sobre a integração do negro, nos foi possível observar a dinâmica restritiva e avaliadora que opera em termos de obstáculos, nas aspirações do negro como agente de trabalho.

Uma fórmula dos anúncios restringirem suas vagas é exigir dos candidatos "boa aparência". Esta categoria confirma os valores estéticos aprovados: "Boa aparência"- aquele que tem os atributos físicos do branco, no que se conclui que "má aparência" caracteriza a imagem do negro. Boa parte dos negros já está consciente deste artifício:

"O próprio anúncio quando exige "boa aparência" está dizendo que não quer gente de cor. A princípio eu ainda tentei me apresentar nestas firmas, mas depois eu compreendi o que significa "boa aparência".

O "lugar já foi ocupado" ou "volte depois", são justificativas das mais frequentes, utilizadas pelos selecionadores, entre outros artifícios para evitar o enquadramento na "Lei Afonso Arinos" que proíbe a discriminação.

"Quando me apresentei a vagas de empresas onde teria que lidar com o público, sempre ouvi: "o lugar já foi preenchido". Inú

meras vezes pude testar a inverdade desta afirmativa, quando as próprias agências de emprego continuavam mandando outros candidatos".

"Volte depois, ouvi em minhas peregrinações em busca de emprego. A princípio, eu voltava inutilmente, agora sei que isto não passava de um truque para que a gente não fosse aproveitada".

Os testemunhos incontáveis de artifícios preconceituosos, não só na esfera ocupacional como também em hotéis, clubes, casas de diversão, portarias de edifício, comprovam a existência dos canais ordenadores da sociedade, confirmando que o negro não faz parte das estruturas aprovadas.

4 - A interiorização do preconceito

Ao avaliar a contaminação do processo ideológico nos diferentes níveis, até à individuação, e como a condição dialética se instala entre a consciência do indivíduo e o seu universo simbolizado, analisaremos o fenômeno, não só invocando as representações do próprio negro, manifestadas através de seus discursos, como também, utilizando o fruto de observações em ocasiões significativas.

A identificação do sujeito com o seu papel social é o selo final da legitimação definitiva da ordem instituída. O ser socializado é aquele que apresenta condições dialéticas com o mundo em que vive. O processo se inicia quando a internalização da subjetividade do emissor passa a ser significativa e plena de sentidos para o receptor: "A interiorização constitui a base primeira de compreensão de nossos semelhantes e em segundo lugar, de apreensão do mundo como realidade".

dade social"⁷.

Somente quando passamos a entender as situações partilhadas e, através de metacomunicação, transmitimos a imagem que o receptor possui da própria relação, "passamos a viver no mesmo mundo e participamos cada qual do ser do outro"⁸.

As primeiras interiorizações são as mais legítimas para o indivíduo; forte teor emocional imprime marcas definitivas em sua apreensão. "Por meio desta identificação com os outros significativos, a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível"⁹.

Imprimindo na criança a raça e a casta, pode-se perceber como a cor se cristaliza como símbolo de condição social inferior. Um fato presenciado por nós, reconstitui um momento deste processo: Patrícia, de três anos, resiste aos apelos de sua babá, pretinha de 13 anos, para que fosse tomar banho. Em vão a babá utiliza os mais variados recursos para convencê-la. Como se estivesse consciente da força do seu último apelo, a meação: - "Se você não vier tomar o seu banho, amanhã você vai acordar pretinha que nem eu" - só então foi prontamente atendida.

O efeito denotado pela mensagem, selecionado em um campo de alternativas, reflete o grau de identidade do emissor na incorporação de um estigma, e as consequências em possuí-la "O indivíduo constrói a imagem que tem de si próprio, a partir do mesmo material, do qual, as outras pessoas já construíram a sua identificação pessoal e social"¹⁰.

Em sua auto-concepção, o indivíduo não só se desvalora

(7) P. Berger - A Construção Social da Realidade, P. 174.

(8) Id., ibid., P. 175.

(9) Id., ibid., P. 177.

(10) Erving Goffman - Estigma, P. 117.

riza, como revela, no pronunciamento de sua desqualificação, alto grau de conformismo. A pronta aquiescência da menina revela o estímulo da mensagem, na seleção do seu repertório de alternativas, por força de conotações negativas tão cedo interiorizadas.

Na mensagem emitida pela babá negra evidenciam-se as associações marcadas por normas que caracterizam a idéia de limpeza: se você tomar banho, você fica limpa; se fica limpa, continua branca; ou o reverso: se não tomar banho, você fica suja, ficando suja, você fica preta. Segundo Roberto da Matta, "a idéia de limpeza física ou o uso metafórico da água e do banho, servem como veículos para ressaltar as idéias fundamentais relativas ao bom cumprimento de um dever, tarefa ou obrigação e o uso da palavra "sujo" ou "sujeira" para denominar falta de caráter ou atos anti-sociais"¹¹. Não temos condição de atribuir à formulação simplista da garota, estes componentes mais elaborados. Mas a transcrição pode ocorrer por conta de nossas próprias associações. De qualquer forma, a relação branco-limpeza/negro-sujeira, tem a evidência dada no conteúdo da mensagem por ela emitida.

A integração das características marginais começa a ocorrer na própria socialização familiar, sem que seus agentes se dêem conta do efeito lesivo de suas orientações.

No processo utilizado para a integração social, constem manobras coercitivas, atitudes ideais de conduta, negação da imagem pré-concebida, conformismo e, sobretudo, a utilização de todo um aparato referencial dos valores brancos usados como parâmetro, consciente ou inconscientemente.

Ao imprimir atitudes e comportamentos aos negros, acionava-se o dispositivo de auto-avaliação negativa:

(11) R. da Matta - Ensaaios da Antropologia Estrutural, p.136.

"Minha mãe nunca deu colher de chá pra gente. Ela dizia sempre: você é negro, filho, lembre que você é preto e tem que procurar fazer as coisas melhor que os outros. Vai bem limpo para a escola, seja humilde e respeite os mais velhos. Vê se valoriza a raça. A gente se valoriza pelo que faz e não pelo que é".

Ao assumir sua própria imagem, apreendia os valores e o conteúdo emocional da avaliação. "Esta integração das realidades de situações marginais, predominantes da vida cotidiana, tem grande importância, porque estas situações constituem a mais aguda ameaça à existência naturalmente aceita e rotinizada na sociedade. Se concebermos esta segunda existência (socializações normais) como o "lado diurno" da vida humana, então as situações marginais constituem o "lado noturno" que se conserva escondido agourentamente na periferia da consciência cotidiana"¹².

A família da classe média evita falar em casa no problema da cor, em um silêncio muitas vezes carregado de intencionalidade, ou "tenta" atenuar o que chama de "complexo", com representações de auto-estima ou formulações ressentidas de provocações, que produzem efeito contrário ao objetivado, principalmente porque o referencial branco não desaparece:

"Você não é inferior a ninguém. Vale mais que muitos brancos, Alma não tem cor. Vá e mostre a eles do que o negro é capaz. Estude bastante e esqueça que é negro".

Contribuindo com a família na interiorização das mar

(12) P. Berger - Obra cit., P. 135.

cas da marginalidade, as experiências nas escolas, com grupos da vizinhança e amigos, confirmam sua identidade estigmatizada:

"Uma vez na escola o meu colega furou o meu braço com a ponta fina de um lápis e disse: 'Quero ver de que cor é o seu sangue'. Esta história do lápis me marcou muito, tive vontade de não voltar mais à escola".

"Quando eu fazia qualquer coisa errada na escola, o padre italiano dizia para toda a classe: 'Negro é assim mesmo, quando não suja na entrada, suja na saída'".

"Tranco com muitos rapazes brancos, que dizem que a cor não influi, mas alguns, principalmente aqueles que parecem ser mais meus amigos dizem: 'Você deve ter cuidado, negro deve evitar de chamar a atenção'".

"Na minha roda, muitos brancos em vez de me chamar pelo nome dizem: Oh crioulo! - Você aí neguinho - ou se cometo algum erro ou engano dizem: Deixe de criolice".

A expressão "criolice" absorve toda a marginalidade atribuída ao negro. Todo nome é determinante de uma localização, define uma atribuição específica em seu universo. A identificação com o nome é automática.

Os brancos absorvendo perspectivas de uma camada considerada inferior, estabelece tipificações, canalizando para elas suas avaliações. Basta um símbolo particular para despertar outros signos que "confirmem" um juízo de valor.

cas da marginalidade, as experiências nas escolas, com grupos da vizinhança e amigos, confirmam sua identidade estigmatizada:

"Uma vez na escola o meu colega furou o meu braço com a ponta fina de um lápis e disse: 'Quero ver de que cor é o seu sangue'. Esta história do lápis me marcou muito, tive vontade de não voltar mais à escola".

"Quando eu fazia qualquer coisa errada na escola, o padre italiano dizia para toda a classe: 'Negro é assim mesmo, quando não suja na entrada, suja na saída'".

"Tranço com muitos rapazes brancos, que dizem que a cor não influi, mas alguns, principalmente aqueles que parecem ser mais meus amigos dizem: 'Você deve ter cuidado, negro deve evitar de chamar a atenção'".

"Na minha roda, muitos brancos em vez de me chamar pelo nome dizem: Oh crioulo! - Você aí neguinho - ou se cometo algum erro ou engano dizem: Deixe de criolice".

A expressão "criolice" absorve toda a marginalidade atribuída ao negro. Todo nome é determinante de uma localização, define uma atribuição específica em seu universo. A identificação com o nome é automática.

Os brancos absorvendo perspectivas de uma camada considerada inferior, estabelece tipificações, canalizando para elas suas avaliações. Basta um símbolo particular para despertar outros signos que "confirmem" um juízo de valor.

"Branco pode andar depressa à vontade. Mas se o preto correr na rua, principalmente à noite e levando embrulho, gritam logo: - Pega ladrão! ... Leu o caso do jornalista do Haiti, que passeava, à noite, em Copacabana carregando embrulhos e andando ligeiro? Foi preso. Os jornais deram isto".

Na convencionalizada padronização dos critérios da beleza branca, este padrão tornou-se o símbolo absoluto de classificação e hierarquização dos atributos físicos¹³. Esta apreensão apresenta-se acentuada na contrapartida de avaliação subjetiva da desvalorização das características físicas do negro. Esta dialética de identificação implica numa auto-avaliação positiva das características brancas e a consequente antinomia desvalorativa dos atributos negros.

"Eu queria ser branca. A princípio eu dormia de touca para alisar os meus cabelos, depois passei a usar "henê", evitava o sol e cheguei ao cúmulo de prender um pregador de roupa em meu nariz durante muito tempo por mais de meia hora, tendo que respirar pela boca".

"Em minha casa são 9 irmãos; uns mais claros puxaram a minha mãe, outros mais escuros saíram ao meu pai. Quando brigamos o que mais sai é negócio da cor. Os mais

(13) "De algum tempo para cá, aparecem nos Est. Unidos, nas comunidades negras, elaboradas programações com o fim de desidentificar os negros dos condicionamentos aos atributos estéticos negativos. Denominam de "lavagem cerebral". No calendário escolar há os dias reservados para este fim. Professores no trabalho de descontraimento destas características obrigam os alunos repetir por horas seguidas: "Black is beautiful" (Transcrito da Revista Americana Ebony).

claros dizem para os mais escuros: - Você é o negrinho da casa... O meu cabelo é muito melhor que o seu".

"Preto é considerado horrível para o branco. Fizeram os valores estéticos de que branco é bonito e o preto é feio. Os pretos assumem isto e se julgam horríveis".

"No Brasil há uma mistura fabulosa. Com o tempo vamos purificar a raça. Não vai existir mais preto".

"Melhor" e "purificar", grifados por nós nos discursos dos entrevistados, são categorias que constituem marcos hierarquizados de avaliações, localizados nos pontos altos das referências estéticas positivas.

Presos aos padrões brancos de beleza, os negros assumem ou renunciam a certos símbolos, buscando não fugir dos critérios estéticos pré-estabelecidos:

"Eu não podia usar determinadas cores. Minha mãe dizia que tal cor não ornava para mim. Eu me lembro, que chegava a rezar, pedindo para mudar de cor, para usar vestidos vermelhos ou roxos".

"Nunca tive coragem de botar um vestido branco".

Dada a condição de importância da dialética das relações, quanto maior o grau de interiorização nos agentes daquilo que um espera do outro, mais rotineiras e cotidianas vão se tornando as avaliações e simbolizações. "A realidade da vida cotidiana mantém-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização"¹⁴.

(14) P. Berger - Obra cit., P. 198.

5 - Sub-sistemas ideológicos

Os sub-sistemas ideológicos realimentam a ideologia dominante. "Os sub-conjuntos ideológicos estão, por sua vez, do minados pela ideologia dominante; estes sub-conjuntos também contêm elementos procedentes de outras ideologias (...). Poderia dizer de certo modo que o papel de suas ideologias consistiria em ocultar o nível que tem papel dominante (...). A região dominante da ideologia é precisamente a que melhor cumpre, por numerosas razões, essa função particular de máscara"¹⁵.

O "falso" unitarismo com vista à manutenção e à legi timidade da ordem ideológica requer uma articulação perfeita entre os diferentes níveis do sistema. A institucionalização da coexistência não permite incoerências nas ordenações. Qualquer rutura, em um determinado ponto, provoca alterações em todo o sistema.

No levantamento dos sub-sistemas ideológicos, selecionamos aqueles que, manifestos nos discursos dos informantes, nos proporcionaram condições de caracterizá-los em outros níveis do sistema, e inter-relacioná-los com a ideologia dominante.

a) Ideologia religiosa

"A ideologia religiosa é precisamente a região da ideologia que melhor permite, graças a sua estrutura própria, mascarar o papel dominante da ideologia e também sua própria função"¹⁶.

As religiões que mantêm a transitoriedade da vida terrena, acomodam minorias desprivilegiadas na esperança do de

(15) N. Poulantzas - Obra cit., P. 269

(16) id., ibid., P. 270.

pois. Incutem níveis de aceitação das dificuldades da realidade, na expectativa de uma vida extra-terrena, deixando implícito que sua recompensa não está neste mundo.

"A riqueza dentro de nós foi dada por Deus. Nossa alma não tem cor. Todos somos filhos de Deus. Quando seguimos este homem que se chama Cristo, não nos importamos com as palavras dos outros homens, só nele encontraremos a salvação".

A significação do presente, do aqui e do agora, não faz parte dos seus indicadores da existência e passa a atribuir, ao acontecido, manifestações da vontade divina.

"Sou pastor protestante, tenho uma missão religiosa a cumprir. Meu exemplo é Cristo que tanto sofreu por nós. O que passo aqui não é nada, comparado com aquilo por que passou o maior dos homens".

Na transcendência, a realidade é atribuída à vontade divina. O mundo recriado por esta vontade é sempre um mundo humanizado e tem sua paternidade definida.

"Se nasci preto foi porque Deus quis. Eu tenho que aceitar o que Deus pai determina".

"O indivíduo pode assim saber quem é, ancorando sua identidade em uma realidade cósmica, protegido ao mesmo tempo das contingências da socialização e das malevolentes auto-transformações da experiência marginal"¹⁷.

Na transcendência, a expectativa de uma vida após a

(17) P. Berger - Obra cit., p. 137.

79 -
78 -
morte e a certeza das origens, proporcionam acomodação e condições de segurança.

"Isto aqui é uma passagem. O que conta é estar com Deus e a Virgem depois que deixar este mundo. É para este fim que eu me preparo".

Um alto grau de fatalismo invalida esforços no sentido de mudar o curso normal dos acontecimentos.

"Na minha religião não existe o homem de cor. Existe só o homem, filho de Deus. Ele fez o homem e não a cor. O que tivermos que passar por aqui, já foi determinado por Deus".

"O esclarecimento interno propiciado pelo pietismo, não vai oferecer solução alguma para a maioria dos problemas da vida cotidiana se, de súbito, se tornar necessário atuar no processo histórico, procura-se interpretar os acontecimentos da História como se fossem indicações da vontade de Deus"¹⁸.

b) Ideologia do sucesso

O domínio "legítimo" do espaço social reservado aos negros, e neles interiorizado, confirmado no estereótipo de que o "negro conhece o seu lugar", pode ser rompido por um esforço de desempenho.

O sistema capitula ante o sucesso e a estrutura absorve a excepcionalidade. Na montagem da estrutura, na ordenação dos esquemas de padrões e valores, o nível de aglutinação não se apresenta inviolável. Reservas existem projetadas e edificadas com a estrutura. São os interstícios do sistema que e-

(18) Mannheim - Ideologia e Utopia, p. 117

ventualmente podem ser ocupados pelos que ultrapassam as marcas de "performance" normalmente hierarquizadas pela ideologia dominante. Estas áreas não são pré-determinadas ou codificadas pelas categorias do "sagrado" e do "profano". São, na realidade, interstícios ou espaços que serão naturalmente ocupados por excepcionalidades objetivamente convincentes.

O sistema não ignora concessões, mas há sempre um "preço alto" a pagar por aquele que se propõe a merecê-las. Não há ônus para a estrutura, se na violação de padrões ou valores, ela incorpora um dado a mais em suas perspectivas etnocêntricas. O "sucesso" ou a "excepcionalidade do desempenho", quando ao nível individual, não desarticula a ordenação estrutural e, acima de tudo, colabora para evidenciar os organismos e as instituições socialmente aprovadas. Na incorporação de "handicaps", o sistema cresce e se projeta sem alterar sua rede de valores, sem mudar conceitos ou princípios, pois que, como já foi dito, há sempre território livre para aqueles que ultrapassam as marcas. O que sensibiliza o homem, em grau excepcional, sensibiliza o sistema. Aquele que contribuir para confirmar nossos mais "sagrados" valores etnocêntricos, terá da sociedade todas as sanções e reconhecimentos: "Pelé tornou o Brasil conhecido lá fora. Pelé é o rei do futebol do mundo inteiro".

O dado com e suas conotações negativas são simplesmente ofuscados pelo refinamento de "performance" e da boa atuação. As restrições são neutralizadas na evidência de um "bom desempenho". O julgamento rigoroso atenua-se, em face da excepcionalidade da ação. É nesta formulação que encontramos justificativas da valorização do esforço pessoal no processo de ascensão. As características de restrição do sistema, os limites das classes sociais, as oportunidades condicionadas pelo

sistema político-econômico, não são levadas em consideração.

"Eu assumo minhas responsabilidades, levo tudo muito a sério; a minha produção é a maior da empresa. Quando a gente se esforça a gente vence. Hoje eu já sou chefe de setor".

"Para subir a gente tem que ser "fora de série", excepcional mesmo".

"Eu sempre procurei dar tudo de mim".

"Aqui nesta empresa, sobe quem é trabalha dor, mas isto depende muito da gente, te mos que dar o melhor de nossos esforços e cumprir bem os nossos deveres".

"O preto tem que ser excepcional, não pode apenas ser bom. Tem de suplantar para subir".

"Eu procurei me projetar pela inteligência. Era ótima aluna, principalmente na matemática. Fui sempre a primeira da classe. Eu era respeitada e querida, mas tudo isto porque eu era boa aluna".

"Você para conseguir um emprego bom, tem que ser um "expert" na coisa. Você não pode ser meio termo. É aquele negócio, negro é inferior, mas existem exceções. Você tem que provar que é exceção".

Em quase todos os discursos dos negros que ascenderam, fica evidenciado que sempre ultrapassaram as exigências a provadas pelo sistema ou as expectativas normalmente relacionadas às possibilidades deste grupo. Nas perspectivas de ascensão, os negros têm por meta, alcançar o "mundo vivido pelos brancos". Entretanto, as exigências para alcançá-lo ultrapassam

sam os critérios de mensuração normalmente empregados para dimensionar o desempenho de um branco. Pagam um preço bem mais elevado para terem os mesmos direitos. O reconhecimento de seus méritos exige comprovação em dobro, para obterem "passe livre". Tal conclusão pode ser confirmada em frases ditas com certa frequência por patrões brancos, no reconhecimento da excepcionalidade de seu empregado.

"Não troco (este negro) por dois brancos".

Na verdade, o negro em ascensão, ao aderir aos valores brancos, apura o seu universo, torna-se o mais perfeito cumpridor de leis e exigências. O negro que ascende, excede-se. No processo de resocialização, procura, ao se ajustar aos novos modelos, um cumprimento rigoroso dos novos padrões e valores:

"Quando entrei para o magistério estadual, fui o primeiro classificado, com 9,8; o segundo colocado tirou nota 8. Desde que comecei a trabalhar, nunca faltei um só dia de aula. Mesmo doente tenho ido trabalhar. Quando o diretor necessita, faço hora extra".

"Este é o nosso drama, temos que fazer um esforço além da medida, não só no trabalho como em nossa vida particular".

"No meu trabalho os brancos levam mais broncas que os pretos. Os pretos são muito mais bem comportados, trabalham mais que a maioria dos brancos. Respeitam mais as autoridades".

"Sou bem tratado pela diretoria, o meu cartão de visita é a minha excelente pro

dução. Até agora ninguém passou na minha frente".

"Logo aprendi toda aquela burocracia, che gou um momento que eu estava dominando a coisa de ponta a ponta. Eu era capaz de fazer um pouco de tudo. Eu assessorava a todo mundo dentro da empresa: departamento de pessoal, gerência, contabilidade. Cheguei a galgar a posição de chefe".

Ao ascender a categorias mais elevadas, cargos de chefia ou de direção, ou ele se excede em exigir o cumprimento de obrigações e deveres e assume atitudes fiscalizadoras, principalmente quando os subalternos são de sua própria cor, ou são retraídos e pouco comunicativos. Qualquer das duas manifestações refletem o processo de socialização e as marcas de insegurança de suas origens e experiências.

"Já trabalhei com um chefe preto, que não adiantava o nosso lado", dava o pior tratamento aos funcionários de cor. Dizia que ela era o "coringa", que podia substituir qualquer um que faltasse. Dizia que exigia muito porque dava muito".

"Lá na repartição, os meus funcionários a cham que eu exijo muito deles. Ouvi um deles me chamar de "Caxias". Faço assim, porque sei que sendo de cor não é fácil exigir respeito".

"Às vezes eu procuro conversar com o meu diretor, mas ele é um sujeito muito calado. Tenho a impressão que a sua atitude reflete o grande sacrifício que ele teve que enfrentar para chegar onde chegou.

Acho que ele tem medo de fazer algum pronunciamento e colocar em perigo o cargo dele".

"O chefe aqui é negro, é excelente, não fala uma palavra, é bem educado e calmo".

O negro que ascende, comumente afasta-se do seu grupo inicial de relações ou do seu grupo de origem. Adota novos valores e se integra a novos grupos. A ascensão significa para a comunidade de origem a perda do seu membro. Também para o que ascende, o rompimento de laços familiares e de grupos im - plica na fase de adaptação, custos emocionais e afetivos. Na acomodação de um novo status ele troca a ascensão pela sua identidade negra. Nega a existência do preconceito e evita qualquer colocação em torno do problema racial.

"Ele agora subiu e esqueceu de nós. Vive em outro ambiente. Negro é assim mesmo, quando fica bem na vida esquece que é negro e procura fazer com que os outros esqueçam dele".

"Você pergunta se eu namoro moças negras. Na verdade eu nunca tive namoradas da minha cor. Acontece que na situação que eu me encontro agora, tenho certas exigên - cias e certos interesses que uma garota negra não tem condição de corresponder. De um modo geral, se o negro brasileiro não tem grandes culturas, muito menos a mulher negra. Aliás eu não gostaria de falar mais sobre este assunto".

No grupo que ascendeu, aqueles cujas características físicas são menos acentuadas, costumam, com frequência, negar a ascendência negra, preferindo identificar-se como descendentes.

te de índio. Nesta opção de origem está implícita a escolha da condição livre vivida pelo índio contra a condição escrava vivida pelo negro. A marca "infamante" da escravidão sobrevive na atitude de rejeição daqueles que negam sua ascendência negra.

"Acho que não descendo do negro. O que sempre ouvi dizer é que a minha bisavó era índia e foi laçada no mato pelo meu bisavô".

No processo de ascensão existem categorias, onde o êxito do negro é aceito consensualmente. São áreas aprovadas e reconhecidas socialmente como prováveis redutos daqueles que aí se destaquem. No caso brasileiro estas áreas correspondem ao futebol e à música.

A neutralização da ideologia racial, pela ideologia do sucesso aparece nas seguintes situações:

- quando ocorre nos domínios pré-determinados socialmente
- quando a disponibilidade individual é caracterizada pela melhor "performance".
- quando alimenta valores etnocêntricos.

As áreas pré-determinadas são aquelas aprovadas pelo consenso da sociedade e que não ferem as perspectivas da ordenação social. A disponibilidade individual depende de condições intrínsecas: força física, agilidade, destreza, ritmo e cadência. As condições físicas foram os primeiros atributos, ainda no período da escravidão, reconhecidos no negro. Quanto ao aprendizado, a avaliação do contexto econômico-social permite de imediato o reconhecimento desta possibilidade: criado em favelas ou fora da zona urbana, sempre dispõe de ambientes para suas "peladas" ou "rodas de samba". Sem nenhuma exigência de pré-requisitos, os negros se voltam frequentemente para estes setores. Quanto ao processo de interiorização, ele é tam -

bém alimentado na aprovação consensual: os negros sentem que é na "bola" e no "pé", ou no samba que compõem, que está a sua aceitação. Já as mulheres negras sentem que é no espetáculo do seu corpo ou no seu "rebolado" que está o reconhecimento de sua identidade e se excedem em desempenhos.

A consciência etnocêntrica é facilmente identificável no orgulho de possuímos o melhor futebol do mundo, Pelé, o carnaval, as mulatas e o samba. "É um lugar comum dizer-se que na consciência estrangeira o Brasil é um país cuja melhor idealização é realizada pelo futebol e pelo carnaval"¹⁹.

A condição estratégica à disposição do negro que ascende, para desarticular a trama ideológica é anulada pelas seguintes condições:

- a) apesar da possibilidade de visualizar e perceber, em sua trajetória de ascensão, a manipulação ideológica racial, tal não ocorre; a perspectiva do "sucesso", ordenado pelo sistema vigente, obscurece sua redefinição da realidade. Na verdade, ele não só não desmistifica a ideologia, como acaba se integrando e assimilando a nova ordem, possibilitando a continuidade social. Ao assumir o "mundo dos brancos", ao absorver a ideologia do sucesso, ele acaba por redimir o mundo que o negou.
- b) Por outro lado, a ideologia quando rompida ao nível individual, não é dinâmica, ela permite tão somente a percepção e a conscientização. Não é assumida nem acionada. Como, na realidade, a ascensão do negro no Brasil se dá tão somente ao nível individual, deixa de existir a representatividade coletiva propiciadora da ação. Além do mais, as concessões feitas na manutenção do novo status impossibilitam qualquer forma de ação coletiva.

(19) R. da Matta - Ensaio da Antropologia Estrutural, p. 121.

c) A ideologia do sexo

Quando tratamos do comportamento sexual do senhor e da escrava, no período colonial, ressaltamos o conteúdo simbólico da cor nas representações sexuais. A persistência simbólica da cor, como atributo sexual se mantém e se revigora através da propaganda e publicidade, de filmes e peças teatrais, do carnaval e de shows, em uma série de mensagens subjetivas endereçadas aos sentidos.

A simbolização continua concentrada preferentemente na mulher de cor, negra ou mulata. Não são raros os empresários brasileiros que têm enriquecido na utilização das mulheres de cor como objeto de atração, propiciando evocações imagéticas, carregadas de sentido e de interpretação sexual.

Considerada como "produto nacional", a imagem da mulata é projetada até mesmo no exterior, sempre valorizada através dos seus atributos físicos.

Embora ainda ocorrendo com pouca frequência, começa-se a observar a aceitação do negro por mulheres brancas. As formulações ideológicas de nossos informantes revelam nova idealização: os negros como objeto sexual. Tal atitude pode ser avaliada como um "modismo" ou pela força de atração consubstanciada no mito da sexualidade dos negros. Como vimos, no passado os "mores" e os princípios da moral cristã impediam a mulher branca de exteriorizações e manifestações independentes, principalmente no que diz respeito ao comportamento sexual. Com a liberação da mulher de determinados tabus (principalmente em certos setores: jovens, artistas e universitários), desapareceram certos conceitos imprimidos em sua essência afetiva.

"Agora está acontecendo no Brasil o que já acontece na Europa há muito tempo, a atração da mulher branca pelo homem de cor. É só ir em Ipanema pra vê".

"Há cinco anos atrás, desfilar com uma mulher loira causava aquele impacto; diziam logo: ou ele é jogador de futebol, ou artista, ou filho de bicheiro. Agora não, tem muito negro "transando" com mulher branca".

"Você me pergunta porque sendo branca escolhi um homem negro por companheiro. Eu acho que os negros causam uma impressão plástica impressionante. O seu exotismo e suas características exercem forte atração. Os negros da atualidade se colocam como africanos poderosos e machões".

Os controles sociais, acentuados pela visão crítica dos agentes sociais, imprimem inibições nas relações ostensivas de brancos e pretos, apesar de julgamentos valorativos menos rígidos de alguns segmentos da sociedade, manifestados em representações notadamente de jovens e artistas.

"Quando comecei no teatro, quando cenava com artistas brancas cenas amorosas, vivíamos momentos difícilísimos, tínhamos que repetir as cenas várias vezes. Depois, o problema era com o público, a gente sentia que sempre causava aquele impacto. Agora já não há tanta reação".
"Essa história de cor para mim não conta. Se ela me atraiu, não me importo que seja branca ou preta. Ultimamente tenho visto muitos casais formados de pretos e brancos".

Quando não ostensivas, as relações amorosas entre negros e brancos são muito mais frequentes. Boa parte de nossos

informantes em suas representações, revelam sua convicção afetiva no momento do rompimento com os padrões de relações socialmente estabelecidos:

"A gente sempre gosta do proibido".

"Se não reparassem tanto, talvez fosse menor a atração que sentimos".

Muitos dos negros por nós entrevistados, manifestam em suas concepções idealizadas o grau de comprometimento com os valores estéticos brancos, dimensionados na preferência por aqueles atributos:

"Eu acho muito bonito o olho azul e o cabelo loiro. Se elas me aceitam, eu vou em frente".

"A mulher branca para o homem negro é muito mais mulher que a mulher negra".

"Eu só gosto de namorar branco".

Em outro nível pode estar situado o interesse do negro pela mulher branca: frequentemente, o negro que ascende, busca confirmar o seu status na aquisição de valores que compõem o quadro simbólico de ascensão. A mulher branca faz parte deste esquema.

6 - O processo de comunicação da ideologia

Não pretendemos, em um campo tão complexo como o que estamos abordando, apanhar analiticamente todas as formas assumidas pelo processo de comunicação na transmissão da ideologia. Por mais relevante e significativa que seja a interpretação ideológica, através da estrutura de comunicação, nos sentimos impossibilitados de classificar o fenômeno em seus diferentes níveis. Trata-se, portanto, de uma tentativa cujas limitações são inevitáveis, mas cuja abordagem é indispensável, pois

é na estrutura da comunicação que se consolida a estrutura da ideologia.

Ao discernir o nível de comunicação, que se torna significativo em termos de conteúdo ideológico, buscaremos, na medida do possível, os mecanismos simbólicos subjacentes aos sociados às mensagens.

A legitimação daquilo que é emitido depende da percepção do outro. "Existe comunicação quando aquilo que é dito é significativo para quem diz e significativo para quem recebe, vale dizer que o pensamento sem símbolo não é transmissível"²⁰.

A estrutura da comunicação se confirma no plano das relações. A codificação e a simbolização são processos mentais que efetivam o entendimento e a percepção. A estrutura psíquica é fundamental na totalidade da comunicação. O estímulo externo se integra no psiquismo e se manifesta em respostas carregadas de reação e afetividade. A condição arbitrária do signo tem sua relatividade determinada ao nível das estruturas psíquicas. A dinâmica das motivações é que vai determinar as opções seletivas entre aquelas à sua disposição.

Por outro lado, a realidade do contexto e a consciência histórica dos fatos são decisivas na relação da unidade de significação. O significado da mensagem vai depender do universo de onde provém. Na pluralidade de sentidos destes múltiplos níveis é que se verifica o processo da comunicação.

Na decisão da escolha entre diferentes mensagens, estão implícitas as considerações pragmáticas e as características sociais e históricas. Cada mensagem refere-se a um fenômeno que se metacomunica e "que pode ser estudado em relação ao sistema empírico da comunicação em seu conjunto: os emissores, os receptores, e a situação concreta em que a comunicação se

(20) Carlos Campos - Ensaio sobre a Teoria do Conhecimento
p. 124.

produz"21.

Se a ideologia, como diz Poulantzas, "está de tal modo presente em todas as atividades dos agentes, que não se pode diferenciar de sua experiência vivida"22 ou, como diz Althusser, "A ideologia concerne à relação vivida dos homens com o mundo"23, ela é inevitavelmente "o estudo dos campos semânticos que definem a matriz dos sistemas de relações sociais, quando esses sistemas são analisados em relação ao funcionamento da sociedade global em suas diversas áreas de atividade"24.

Na elaboração de seu universo significado, os agentes da ideologia codificam a realidade e utilizam um sistema de regras semânticas, que organizam significativamente o sistema de relações vividas. A importância da comunicação nesta elaboração é obviamente evidenciada. Essas condições que operacionalizam a ideologia se situam ao nível do inconsciente. É na comunicação que se manifesta a concretização da mensagem ideológica.

Selecionaremos alguns planos da realidade, em cujo particularismo são mais evidentes os conteúdos ideológicos racionais, e que se manifestam através de comportamentos comunicativos.

Uma simples formulação verbal pode determinar múltiplas e variadas relações associativas de substituição, cuja interação semântica vai determinar conotações depreciativas:

"Toda a imprensa relatou o fato: do transeunte que foi severamente castigado por que chamou o guarda de trânsito, preto,

(21) E. Veron - Obra cit., p. 178

(22) N. Poulantzas - Obra cit.

(23) L. Althusser - Pour Marx, p. 240

(24) E. Veron - Obra cit., p. 189

de macaco".

"Quando criança, nas brincadeiras da escola, as crianças de cor eram sempre escolhidas para serem o "bicho papão" ou aquele que metia medo".

"Se eu gostasse de negro, andava com o telefone debaixo do braço". (Em linguagem de "malandro" telefone é chamado de "macacô").

A mensagem emitida pela transmissão verbal tem o seu sentido acentuado através de mensagens concomitantes, reveladas na expressão fisionômica, no timbre da voz ou na expressividade dos gestos. No nível de comunicação a linguagem é o suporte máximo da interação, mas, a significação dos processos comportamentais determina uma intensidade maior à mensagem transmitida:

"Um dia entrei no ônibus e sentei junto de uma moça branca, ela se afastou tanto que eu pensei que ela ia sair pela janela".

"Na escola eu ficava quase sempre fora das brincadeiras; as meninas brancas procuravam fazer amizade com as colegas da mesma cor".

"Quando entro com o meu marido negro em determinados lugares, sempre noto a surpresa que causamos".

Um fragmento da ação, ou de uma sequência de conduta, captada em cartazes, fotografias de revistas e jornais, e em propagandas, constituem mensagens que, conduzidas em uma sequência de contigüidade, levam a conotações de imagens subjetivas

vas carregadas de sentidos: cartazes e fotografias que ressaltam os atributos físicos das mulatas. Fotografias de escola de samba com o negro em evolução pela avenida de garotos abandonados, de assaltantes, de favela, etc.

Através de uma convencionalizada subjetividade, metáforas, são utilizadas sutilmente na construção de simbolizações semânticas evocadoras de imagens negativas. Entre as formações deste tipo, ligadas aos negros, as mais frequentes ocorrem nas associações aos vocábulos: diabo, macaco, burro de carga. Nestas superposições fundem-se dois conceitos associados ao negro: a imagem do animal e do personagem e as conotações pejorativas e maléficas a elas identificadas.

Nas operações seletivas e combinatórias, as mensagens tornam-se dinâmicas, apoiadas na intenção do emissor e no mecanismo projetivo do receptor. Nos programas humorísticos de rádio e televisão, as pessoas de cor são apresentadas em condições depreciativas, onde se acentuam negativamente os atributos físicos: "a beizola do crioulo", "cabelo duro", "cabelo de arame", "cheiro de negrão", "os túneis do nariz do crioulo"²⁵. Tais expressões propiciam seqüências de conduta que, em processo de recuo, vão atingir os "absolutos" e "legitimados" atributos brancos, hierarquizados como padrões estéticos de beleza.

A comunicação está de tal forma integrado com a ideologia do sistema, que somente papéis secundários são atribuídos aos negros em filmes, teatros e novelas. São personagens confirmadoras dos papéis socialmente aprovados na realidade e que correspondem às expectativas do público. O nível de idealização é de tal ordem que, mesmo quando os personagens foram historicamente negros, ou assim concebidos pelos autores, tratando-se de um papel de destaque, o ator negro, mes-

(25) Expressões ouvidas nos seguintes programas de televisão: "Fantástico"; "Piadas de Chico Anísio"; "Satiricon" e "Azambuja e Cia."

mo quando bem qualificado, é quase sempre preterido pelo ator branco que se apresenta maquilhado de preto:

"Quando a novela, A Cabana do Pai Tomás foi levada na televisão, apesar da boa qualidade de alguns dos nossos artistas, o papel principal foi entregue ao ator Sérgio Cardoso, que teve que pintar a cara de preto para fazer o papel".

"Fiz um concurso para o teatro e na prova de interpretação deram-me um texto de Shakespeare: papel de um romano. Enquanto representava, ouvi nitidamente um membro da banca dizer para o outro: nunca vi romano preto!".

A permissividade comunicativa do carnaval, possibilita relações mais liberadas entre pretos e brancos. A abertura do carnaval permite uma interação mais livre entre os diversos segmentos da sociedade. Roberto da Matta observou analiticamente o fenômeno, quando estudou "o carnaval como um rito de passagem" onde o comportamento cotidiano, o tempo, o espaço e a relação entre os sexos se invertem, "rompendo com a rotina da vida diária" "onde tudo é possível". "Com a abertura carnavalesca, (vem) à tona tudo aquilo que deve ser escondido da ordem".

Mas, se por um lado, o carnaval propicia a integração racial, por outro revigora a condição ideológica, apresentando em suas alegorias o índio e o negro "como femininos e infantis, contribuindo apenas passivamente na formação da nacionalidade, com sua música, comida, temperos e uma religiosamente chamada de afro-brasileira, nunca de brasileira"²⁶.

(26) R. da Matta - Ensaios da Antropologia Estrutural, p. 168

Nos desfiles atuais das Escolas de Samba, nova condição ideológica da supremacia do branco pode ser apreendida por observadores mais perspicazes. Neste caso se coloca o nosso informante quando observa:

"Veja o que está acontecendo nas Escolas de Samba; os brancos estão invadindo a escola, ocupando os lugares de destaque, tudo de acordo com o status deles, e com isso, os negros estão cada vez mais empurrando as alegorias, tocando tambor e bateria. A Escola de Samba está perdendo sua autenticidade".

Na realidade, o carnaval é um meio de comunicação bastante paradoxal: propicia, no rompimento da ordem, a integração inter-racial, e por outro lado, legitima a ideologia e a continuidade da ordem estabelecida, pelos quadros simbólicos expressos nas alegorias.

Nos jornais e revistas, veículos por excelência de comunicação, o negro está sempre presente nas páginas reservadas aos acontecimentos marginais. Em reportagens de crimes e roubos, principalmente na imprensa sensacionalista, quando se relata o ocorrido, acentua-se a participação do negro, com adjetivação pejorativa.

A marginalidade do comportamento do negro, comunicada e difundida, possibilita "a posteriori" evocações depreciativas de imagem, determinando interações semânticas, estruturadas por conotações negativas.

O universo de significação é basicamente recortado nos primeiros processos de socialização. As ideologias metacommunicadas no ambiente familiar e nas escolas, imprimem marcas profundas na personalidade. Ao iniciado são transmitidas a imagem que o emissor possui, proveniente de sua experiência e

de suas relações com o mundo. As opções seletivas, ainda muito restritas no início da socialização, determinam o grau de interiorização das mensagens transmitidas:

"Minha mãe tinha o maior cuidado com a minha aparência, cuidava de minhas roupas, alisava o meu cabelo e quase sempre me recomendava: - Vê lá como se porta, quando a gente é preto, tem que andar no capri - cho".

"Eu era bom aluno e muito comportado, minha professora sempre dizia: Você valoriza a raça, é um preto de alma branca".

Com o fim de manter as ideologias, diz P. Berger, "entra uma maquinaria inteira de legitimação, propaganda racional e irracional, mistificação e manipulação de símbolos"²⁷.

(27) P. Berger - Obra cit., P. 120.

IV C A P Í T U L O

R U T U R A C O M A I D E O L O G I A

IV CAPÍTULO

RUTURA COM A IDEOLOGIA

A análise e a reflexão sobre a situação racial brasileira, se manifestou até agora por uma contribuição efetiva por parte de alguns sociólogos e através de movimentos, débeis e pouco duradouros, das camadas negras, surgidos em processos espontâneos.

A partir de 1951, apareceram novas perspectivas para a avaliação do problema racial do Brasil, com o interesse revelado pela Unesco em torno do tema. Sob a direção de Alfred Métraux, que posteriormente passou a contar com a colaboração de sociólogos, tais como, Roger Bastide, Costa Pinto, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, René Ribeiro e outros, foi levado a efeito projeto de pesquisa que se propunha a estudar a real condição de negro no Brasil¹. O resultado, deste trabalho, apresentado através de numerosa documentação, comprovou as contradições da chamada "democracia racial brasileira".

No campo de investigações sobre relações inter-étnicas, a qualidade de trabalho dos nossos sociólogos reflete o grau de especialização e o nível de seriedade científica com que abordam o problema, motivados pelos estímulos de sua própria vivência sócio-cultural da realidade racial brasileira. Entre outros citaremos: Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Florestan Fernandes com várias obras publicadas², centadas e aprofundadas na realidade racial brasileira. Tais obras, não só analisam a estrutura econômica do período escravocrata, os reflexos desta economia nos diferentes níveis da

(1) A maioria, das obras resultantes deste trabalho, está citada em nossa bibliografia.

(2) Obras citadas na bibliografia.

sociedade e as conseqüentes relações entre pretos e brancos como também revelam a forma pela qual ocorrem as manifestações preconceituosas e a sùtil interferência de valores e estereótipos no processo de integração racial. Apesar de atingir a um restrito grupo da camada social, esses trabalhos, explicando os aspectos sócio-econômicos responsáveis pela posição do negro no espaço social e os fatores dinâmicos das relações inter raciais, permitem uma visão crítica e níveis de reflexão.

Os determinantes ideológicos não são apreendidos somente através do plano cultural e científico, Outros setores, notadamente os formados pelas pessoas de cor, desmistificam a realidade através de uma conscientização espontânea, sempre afirmada sob a forma de protestos pacíficos. O grau de conscientização é tanto mais interiorizado, quanto maiores as incursões nos quadros sócio-econômicos mais elevados e quanto mais freqüente a tentativa de rompimento da ordem estabelecida.

Os protestos negros têm sido protesto dentro da ordem, representada por minorias e que não chegam a alterar a montagem sistêmica. Os projetos ambiciosos em sua formação, acabam por não se concretizar, não só pela impossibilidade de desarticularem a inter-conexão estrutural, historicamente definida e socialmente aprovada, como também por não arregimentarem representatividade significativa em seu grupo de origem. Algumas destas associações chegam a ter tradição histórica. Entre outras se evidenciam: - a Frente Negra Brasileira organizada em S. Paulo em 1931, tendo como órgão oficial, o jornal "Voz da raça", - União do Homem de Cor (Nagacê) que se destacou principalmente, como reivindicadora de soluções para atender os problemas imediatos de dificuldades socio-econômicas do grupo. Contavam com o jornal "Himalaya", onde expunham os

seus problemas e solicitavam apoio. Frente Negra Pelotense no Rio Grande do Sul, Associação dos Brasileiros de Cor em Santos, União Cultural do Homem de Cor no Rio, foram outras tantas associações. Todas elas mantinham posições relativamente conservadoras. O mais expressivo desses movimentos foi o denominado: Teatro Experimental do Negro, organizado por Abdias do Nascimento; surgiu como um grupo teatral de protesto e chegou a organizar o Iº Congresso Brasileiro de Negros em 1950 cujas principais teses versavam sobre a contribuição do negro na formação da cultura brasileira. Na declaração final deste primeiro congresso, foram reveladas as condições ideológicas - raciais, em que vivia o negro brasileiro. Em seu livro - Dramas Para Negros e Prólogo Para Brancos, Abdias conclama os negros a assumirem a negritude: "Sem dúvida estamos assistindo ao encerramento da fase do caos para o negro ex-escravo. Assumindo, no Brasil, as consequências e as implicações que a negritude contém, ele afia os instrumentos de sua recusa, engendrada na espoliação e no sofrimento: recusa da miscigenação compulsória; recusa à humilhação; recusa à miséria; recusa à servidão. O Teatro experimental do negro é isto: um instrumento e um elemento de negritude"³.

Apesar do TEN não ter sobrevivido, tornou-se um marco de referência. As associações, hoje existentes, a partir de uma atitude crítica em relação a experiência de Abdias do Nascimento, centralizaram seus esforços no sentido de redefinirem o universo social do negro, adotando novas estratégias. São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro contribuem com o maior número de entidades e agremiações voltadas para a comunidade negra. Entre elas algumas se destacam, pelo acúmulo de conhecimento crítico da situação racial brasileira e pela posição da resocialização do negro visando sua participação no

(3) Abdias do Nascimento - Dramas Para Negros e Prólogo para Brancos, p. 25.

contexto sócio-econômico e político. Estes grupos contam sempre com elementos mais esclarecidos e atuantes que orientam e coordenam as atividades. "As redefinições da realidade produzem seu próprio pessoal especialista"⁴.

As influências externas, têm estimulado as tendências desmistificadoras destes grupos. Jornais, revistas e filmes revelam através de ficções, documentários e reportagens, reações, protestos e considerações, facilmente aprendidos e reflexionados. Numerosas entrevistas realizadas no Rio e com negros em S. Paulo demonstram a influência recebida, notadamente dos Estados Unidos, nas novas estratégias assumidas. Observa-se que a maior parte, principalmente os seus dirigentes, são conscientes das condições sócio-econômicas do negro americano e do caráter discriminador do processo inter racial deste país como inteiramente diversos da realidade brasileira. A condição da existência vivida pelo negro americano, e a forma como foi estruturada sua participação nessa sociedade impossibilitam o negro brasileiro importar este modelo como experiência. Existe uma conscientização, em quase todos eles, destas diferenças. O que não impede que comportamentos e padrões, principalmente ligados à aparência física e às atitudes, venham sendo imprimidos no meio negro brasileiro.

A redefinição da realidade proposta por grupos negros brasileiros, não implica em desorganização ou anomia social. A substituição de um conjunto de regras e valores faz parte da dinâmica social, principalmente quando não ultrapassa os limites extremos da ordem estabelecida. No rompimento do consenso, ao violarem as ideologias estabelecidas, estão possibilitando a reestruturação político-social mais humanizada e saudável.

Na medida em que as condições humanas do negro se

(4) P. Berger - Obra cit. P. 160.

evidenciam, os setores das artes e das letras inspiram-se nesta constatação e refletem nos modos de sentir, pensar e calcar sua visão e percepção da realidade apreendida. Em muitas das poesias e crônicas, dos poucos escritores negros existentes, transparecem o ressentimento e o pessimismo das condições marginalizadas em que vivem:

"Eu conheço um grito de angústia,
e eu posso escrever este grito de angústia
e eu posso berrar este grito de angústia
quer ouvir?

"Sou um negro, Senhor, sou um ... negro!"

"Encontramos a esperança
toda em pranto debulhada ...
E nos perdemos na noite,
não achamos a alvorada,
queremos subir na vida
não encontramos a escada ...
E estamos diante de vós,
chorando o não sermos nada ..." ⁵.

O negro marcado, o negro torturado manifesta-se através da sensibilidade de Osvaldo Camargo na constatação das dificuldades impostas à sua gente, Com uma nova perspectiva, o autor publicou recentemente um livro de contos O Carro do Exito, onde os temas mais focalizados são os que falam de marginalização do negro, do seu alienamento, de sua dependência econômica e das tentativas dos negros mais esclarecidos em atenuar as dificuldades do seu grupo racial. Poesias, crônicas e músicas ouvidas por nós, em

(5) Osvaldo Camargo - Trechos de poesias extraídas do livro Um Homem Tenta Ser Anjo - dos respectivos poemas: O Grito de Angustia e A Modo de Súplica.

associação negra recentemente organizada, não só rememoram as tradições tribais como exploram temas de protestos. A preocupação já não é mais a empatia daqueles que lhes ouvem. Objetivam acima de tudo, com suas mensagens, a reflexão.

A linguagem dos poetas e artistas sofrem menos sanções que as demais, mesmo quando contestadora da ordem estabelecida. Transcendendo aos fatos cotidianos são consideradas como pertencentes a uma outra dimensão da realidade. "Qualquer verdade que possa estar contida na literatura é uma verdade "poética", qualquer verdade que possa estar contida no idealismo crítico é uma verdade "metafísica". "Qualquer modo de pensar que não está restrito à orientação pragmática dentro do status quo pode reconhecer os fatos e reagir a eles somente "chegando por trás deles"⁶.

A liberdade de expressão dos poetas e artistas, através de suas dimensões estéticas, permite adiantar a verdade que está por vir. Suas sensibilidades e a apreensão intuitiva das coisas, os tornam testemunhos antecipados das manipulações ideológicas e elaboradoras das utopias. "Quanto mais espetacularmente irracional se torna a sociedade, tanto maior a racionalidade do universo artístico"⁷.

Enquanto o corpo social institucionalizado e os especialistas da ordem estão permanentemente legitimando o universo estabelecido, artistas e poetas, mantêm-se descompromissados com a institucionalidade. "O intelectual aparece como um contra-especialista no trabalho de definir a realidade"⁸.

Quando versões diferentes da realidade transcendem a poesia e a arte e passam a ser partilhadas por grupos sociais mais amplos, a redefinição torna-se objetivada e fortalecida.

(6) Marcuse - A Ideologia da Sociedade Industrial - p. 175.

(7) " " " " " " - p. 220.

(8) P. Berger - Obra cit. p. 169.

lecida com a participação consciente dos membros dos subuni -
versos. De posse do caráter mistificador da ideologia novas
possibilidades de relações podem ocorrer gerando grupos de
oposição em relação à ideologia dominante.

No contato com um destes grupos nos foram possíveis
avaliações concretas de conduta e posicionamento assumidos pe
los seus participantes após o momento de conscientização. Ape
sar de termos acompanhado de perto o surgimento e as condi -
ções ainda precárias de sua sobrevivência e contarmos com nu
merosas entrevistas concebidas por elementos deste grupo, al
gumas razões, principalmente as centradas no fator tempo, nos
impedem e dificultam uma avaliação mais profunda e minuciosa
desta experiência.

Considerando as condições excepcionais que oferecem
de oposição à ideologia, tentaremos no futuro uma abordagem
mais analítica do grupo, ao mesmo tempo que sugerimos esta
oportunidade àqueles que estejam interessados em estudar o
problema racial brasileiro. Neste caso faremos sucinta avalia
ção, apenas para caracterizar empiricamente, o que ocorre quan
do do rompimento de uma ideologia.

- Centro Afro Brasileiro

Contando com a participação de jovens (alguns uni -
versitários), artistas ou de pessoas de alguma forma ligadas
a arte, jornalistas, professores e boa parte dos frequentado
res do Clube Renascença, surgiu no início de 1974 o Centro
Afro Brasileiro e se instalou provisoriamente junto ao Cen -
tro Afro-Asiático da Faculdade Candido Mendes. Os idealizado
res do grupo com o fim de evitarem as falhas de outras inicia
tivas semelhantes e a improvisação, coordenaram planos de con
duta e de ação visando o esclarecimento e a integração sócio-
econômica de sua gente. Tendo à sua disposição a biblioteca

da faculdade que conta com importante acervo sobre a África, buscam conhecer suas origens como forma de confirmação de sua identidade negra. Reuniões, debates e espetáculos propiciam a aproximação de vários membros da comunidade negra que participam dos trabalhos de desmistificação da ideologia racial brasileira.

O plano de ação do grupo inicia-se com uma revisão da realidade através de uma atitude observadora e crítica. É na liberação de estruturas arcaicas, que mantem uma estereotípica atrofiadora da percepção e propiciadores de acomodação, onde se concentra o trabalho inicial do grupo. A primeira posição se caracteriza pela teorização, mas a segunda é pragmática, ao nível da ação.

O grupo, ao caracterizar-se pela libertação da manipulação ideológica, manifestadas através de sua atitude e de sua aparência, refletem a condição de "liminaridade".

Em torno da aparência, são assumidas as primeiras transformações. Libertar-se dos padrões de beleza do branco, é a nova ordem. Das características físicas adotadas a maior alteração foi na moda dos cabelos. O cabelo está entre os atributos que mais se modifica com a moda, por outro lado o cabelo é também usado como uma categoria simbólica: o corte acentuado dos militares ou o cabelo displicente e despenteado dos hippies são respectivamente símbolos da institucionalidade e do rompimento com a ordem do sistema. Sendo das características físicas a que melhor oferece condições às manifestações criativas, por ser plasticamente trabalhável, torna-se significativa em termos de simbolização. O poder negro (Black Power) simbolizado pelo cabelo Afro, moda americana, bem aceita pelos negros e mulatos brasileiros, tornou-se aqui, como lá, sinal de emancipação da influência branca e símbolo de auto identificação. Os membros do grupo Afro-Brasileiro, na

transformação de sua imagem, não só passaram a usar o cabelo denominado Black Power como também "trancinhas" e "nozinhos" tal como seus antepassados tribais. Suas roupas tornaram-se mais coloridas cortadas em túnicas longas ou curtas, as mulheres usam argolas nas orelhas e vistosos turbantes. "Emocionalmente nada satisfaz tanto como o comportamento extravagante ou ilícito temporariamente permitido"⁹.

Como o local de suas reuniões fica em Ipanema, circulam por lá naturalmente, sem causar maiores impactos. A tradição do bairro, de flexibilidade e abertura, permite absorver sem dificuldades as liminaridades surgidas.

Já que muitas das famílias dos membros deste grupo não concordam com a posição assumida por seus filhos e se recusam a participar de seus hábitos e idéias, alguns deles passaram a residir em grupos dedicando-se intensamente à causa a que se propõem.

Situando-se como entidade liminar, tal grupo apresenta-se nas condições sugeridas por Victor Turner: "A primeira fase abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um "estado") ou ainda de ambos"¹⁰.

Nesta fase, ainda de organização, divergências e dificuldades de adaptação são observadas com certa frequência entre os membros do Centro Afro-Brasileiro. A ambigüidade, caracterizada nestes comportamentos, é peculiar aos conjuntos que se instalam nos interstícios do sistema. Resulta da indefinição entre o condicionamento da primeira socialização e a ordem transgredida. A validade da ideologia, até então vivida,

(9) Victor Turner - O Processo Ritual, p. 23.

(10) Victor Turner - Obra cit. p. 166

e posta em questão, produz em sua fase inicial alto grau de ambivalência, caracterizada pela indecisão entre a estrutura estabelecida e a visão divergente da realidade. "As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio, entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial"¹¹ e o universo redefinido pela contra-ideologia.

A aceitação, mais ampla deste grupo, por outros conjuntos e setores institucionalizados está prejudicada por desconfianças e incredulidade. Ao contrário do que ocorre com a mudança de status no plano individual que é imediatamente absorvida nos interstícios da estrutura, tal como vimos no capítulo anterior; a posse deste espaço por conjuntos liminares não conta com a mesma receptividade e o mesmo grau de absorção. Mary Douglas no livro, Purity and danger confirma a observação quando nos informa que as coisas que não podem com clareza identificar-se com as categorias da ordem estabelecida e se classificarem segundo os critérios determinados são consideradas como "contaminadoras" e "perigosas".

Alguns membros deste grupo estão realmente identificados com os ideais e propósitos de se libertarem de sua marginalização, outros porém mais ingênuos e bisonhos se integram ao grupo, buscando novas experiências e contatos. "Em sua liminaridade (buscam) um envolvimento mais profundo numa estrutura que, mesmo sendo apenas fantástica e fictícia, ... possibilita entretanto experimentar, por um breve período de tempo legitimado uma espécie diferente de "libertação" de um diferente tipo de destino"¹².

Na tentativa de modificar a ordenação social que não os absorve, o grupo Afro-Brasileiro, além da tomada de

(11) (12) Victor Turner - Obra cit. p. 242/117

consciência e de processos de interiorização da realidade, busca meios de auto-afirmação e tenta sensibilizar outros níveis do sistema. As suas intenções são reveladas em proposições utópicas no duplo sentido da palavra; imaginando concretamente possibilidades para o futuro, como se fosse um ante-projeto plausivelmente realístico ou idealizando condições impossíveis de se articularem com os arranjos da estrutura.

Na busca da neutralização da ambigüidade, esforçam-se em encontrar uma relação possível entre a estrutura e a posição assumida. Tentam um denominador comum que os reaproxime. A operacionalidade é a mesma das ideologias, ambas buscam a coerência das diversidades. A ideologia procura a unicidade das diferenças visando uma relação de Poder; a posição da contra ideologia é, ao redefinir a mesma relação, libertá-la do caráter de dominação e sujeição e reintegrá-la ao sistema, não mais centrado no eixo relacional sujeito-objeto, mas no eixo de equivalência, sujeito-sujeito, preenchendo a terceira das condições por nós levantadas no primeiro capítulo, quando tratamos da contra-ideologia.

As perspectivas de tensões que tais grupos possam surgir, podem ser invalidadas a medida que, manifestas as contradições ideológicas, advertem o sistema e as colocam em condição de sobreaviso possibilitando-o a reformulações. Na realidade atuam como colaboradores para aperfeiçoamento do sistema.

Muito mais revolucionária é a posição dos inconscientes. A persistência de uma ordem social que tem por objetivo a supremacia de um grupo sobre o outro, está sempre ameaçada pela inconsistência de sua ordenação. A distribuição adversa de seus membros é que absorve a potencialidade revolucionária. A inconsciência desta potencialidade revolucionária. A seu posicionamento, mesmo que os seus agentes a neguem ao nível da ação.

CONCLUSÃO

Em nossa apreciação sobre ideologia, tivemos por objetivo relacionar as recentes teorias sobre o tema e o suporte antropológico que lhe serviu de base.

Ao integrar a parte teórica ao tema proposto, foi nossa preocupação não perder de vista os pontos essenciais demarcados na teoria. Buscamos analisar nos dados à nossa disposição como se instala, como ocorre e como se mantém a ideologia racial e o momento de contestação deste processo.

Por estarmos voltados para a apreensão do caráter ideológico do problema, fomos levados a um tipo de abordagem que se preocupou fundamentalmente em absorver os diferentes níveis ideológicos do preconceito, as condições básicas determinantes, a forma velada ou sugerida de sua manifestação, e como ocorrem a conscientização e a percepção do fenômeno.

As representações e as categorias levantadas, nos dão conta da ordenação do processo ideológico e da visão dos nossos informantes sobre o problema racial.

Para obter a coerência e a coesão da ordenação do universo simbolizado, estendemos a análise aos níveis onde ocorrem as ideologias julgadas indispensáveis para a compreensão do tema.

Na impossibilidade de calcar os dados teóricos sobre o discurso de um grupo demarcado (o grupo encontrado posteriormente, quando da fase de elaboração do nosso trabalho, não dispunha ainda de contorno definido em sua caracterização; por outro lado, não contávamos mais com o tempo necessário para uma análise minuciosa deste conjunto), valemo-nos de entrevistas selecionadas aleatoriamente, mas que nos permitiram dar cobertura plausível à condição teórica.

Poderíamos ter examinado o fenômeno por outros ângu-

los, mas para sermos coerentes com a nossa proposição, procuramos, sem nos deter exaustivamente em cada aspecto, determinar o referencial indispensável que permitisse a reconstrução do caráter ideológico do preconceito, como operam e como se manifestam suas regras e seus sintomas. Considerando o objetivo central de nossa abordagem teórica, procuramos demonstrar por onde deslisa a ideologia racial e como "cimenta" sua estrutura. Nos discursos à nossa disposição, buscamos extrair os elementos indicativos dos princípios estruturais.

A partir das peculiaridades (analisadas no capítulo I) do pensamento classificatório das sociedades simples e os de nossa sociedade, nos foi possível estabelecer confrontos e distinções entre os dois modelos operacionais: o do totemismo e o da ideologia.

A técnica operacional que ordena os grupos humanos é a mesma em todas as sociedades, variando apenas em grau e em seus objetivos. O pensamento classificatório dos povos simples se organiza em perfeita fidelidade à ordem natural, escrupulosamente cingido à concretude da natureza. A ordem relacional concebida com bases neste modelo é sempre "desinteressada" e autêntica. Com a redefinição da divisão de trabalho, e a hierarquização de castas e de classes, instala-se a competição e a noção de supremacia. Desloca-se o eixo relacional. As regras do jogo são agora detidas pelo plano cultural. A auto-confiança em seu mundo culturalizado possibilita a troca do referencial. A natureza deixa de ser o esquema adequado para a sua ordenação. A artificialidade relacional das diferenças desta sociedade só pode apoiar-se em si mesma. Somente o universo culturalizado, carregado de contradições e ambigüidades, pode fornecer um falso e inconsistente modelo de ordenações. É desta forma que a ideologia concentra-se como instrumento operacional.

O ponto de vista emitido quanto à legitimidade das

ideologias, envolve o conceito das "ordens" de Lévi-Strauss. De tivemo-nos no controle das "ordens vividas" sobre as "ordens concebidas". As elaborações ordenadoras do totemismo ou das ideologias são confirmadas na existência das espécies concretas. A racionalidade de suas funções mediadoras e as possibilidades operacionais disponíveis estão limitadas pelo grau de peculiaridade das espécies. Quanto mais numerosos e complexos forem os suportes em que se apoiam as idéias, mais a força lógica do operador exigirá uma estratégia para não perder a coerência do prolongamento do seu universo.

A linguagem como meio de comunicação é a condição operacional indispensável. A legitimidade da coerência do universo simbolizado tem o seu definitivo reconhecimento ao nível da interiorização de desempenhos e papéis.

O caráter de supremacia de certas condições ideológicas sobre outras é quase sempre conferido pelos especialistas do assunto, ao nível político. Acreditamos que por força de unidade bem caracterizada, principalmente dos sub-sistemas, o levantamento de uma ideologia dominante deve ser pertinente ao momento da investigação, a partir da evidência do próprio contexto. Hierarquizá-la aprioristicamente e tentar usá-la como modelo de análise, é, em muitas ocasiões, impossibilitar a real dimensão de um fenômeno.

Por mais coerente que seja o plano de afirmação ideológica e por mais que a legitimidade da ordem se comprovem há sempre pontos não consolidados; são aqueles onde ocorrem as contradições. Aí, onde quase sempre surgem as rupturas, conflituam-se as relações entre a estrutura e as representações ideológicas, e as ambigüidades decorrentes comprometem a coesão do universo estabelecido.

Ao aplicar o embasamento teórico às nossas investigações, procuramos manter fidelidade aos dados teóricos ordena-

dos. Começamos por identificar as raízes do preconceito centras no plano mais básico da estrutura. No levantamento das condições sócio-econômicas, inevitavelmente modeladoras das atitudes preconceituosas e mesmo discriminadoras, tivemos boa documentação à nossa disposição. Quanto aos condicionantes do comportamento sexual, nada de relevante foi registrado até o presente momento, com exceção de meras e rápidas citações das preferências amorosas do senhor.

Na gênese da ideologia racial brasileira, enfatizamos o comprometimento da cor como símbolo dinâmico e operacional das avaliações e restrições ao comportamento e às atitudes do negro. Por ser um atributo físico inalterável, a cor assume condição de estigma e marca inapelavelmente o ser humano. A imediata percepção da cor ordena e mediatiza, através do impacto causal, toda a série de conotações valorativas estabelecidas a posteriori. Na inferiorização de uma categoria de trabalho, exatamente aquela que absorveu o negro escravo, está o elo de conexão que contamina e profana a cor, de forma que na libertação do escravo, não ocorreu a libertação do negro, cujas marcas infamantes do trabalho servil foram mantidas e revigoradas, não obstante as intenções abolicionistas.

Por outro lado, a persistência da simbolização é também confirmada em sua condição de referencial dos atributos etnocêntricos da auto-avaliação do branco.

As observações feitas sobre o conteúdo simbólico da cor foram demonstrativas do caráter ambíguo do signo. A alteração de suas conotações pode ser amplamente variável, ora em condições negativas, quando utilizada como diferenciadora de castas e de classes, ora quando polariza imagens e sensações emocionais e afetivas. A cor torna-se positivamente conotativa quando mediatiza o intercuro sexual entre senhores e escravas. Sua condição valorativa se acentua no confronto entre a ausên-

- 111 -

cia de repressão da mulher negra e as restrições dos valores cristãos e da moral vitoriana, imprimidas na essência afetiva da mulher branca.

As relações entre brancos e negros são a manifesta-
ção mais consistente da legitimação ideológica. No regime es-
cravocrata, elas são comprovadas sob a forma de coerção e de
normas de violência, quando não, pelo distanciamento bem marca-
do entre senhores e escravos, excepcionalmente rompido. Situa-
do em pólos tão bem caracterizados, torna-se impossível ao ne-
gro absorver o processo de socialização do branco, o que pos-
sibilitaria sua emancipação. Além do mais, era imprescindível
a permanência deste posicionamento, único condicionante da via-
bilidade do sistema servil.

De posse das causas determinantes da gênese da ideo-
logia racial, analisamos, no momento presente, a sedimentação
e a continuidade da ordenação ideológica. Através de estereóti-
pos, manifestações paternalistas, tramas, artifícios, e do
grau de interiorização na consciência de brancos e negros, ma-
nifestados em suas representações e desempenhos, foi possível
dimensionar a extensão do campo ideológico. A comunicação como
agente, circulador das ideologias, foi alvo de nossa abordagem.

As condições históricas continuaram operando de for-
ma subjetiva no plano da ação e objetivadas no distanciamento
conservado nas relações de pretos e brancos. Inicialmente, a
contradição se acentuou na preferência dada ao imigrante como
força de trabalho em detrimento da mão de obra negra.

A imagem paternalista do branco, evidenciada neste
século, é a figura simbólica da decantada "democracia" racial
brasileira. Bem sucedida como fórmula sustentadora da ideolo-
gia, obtém vantagens quando, por este meio, consegue do negro,
excepcional cumprimento do dever. Propiciadora de acomodações
e satisfação mútua, a figura paternalista é um dos sérios obs-

táculos à emancipação social do negro.

Os estereótipos, quase sempre evidenciadores das qualidades negativas do negro, operam subjetivamente na contenção de negros nos lugares previamente demarcados pelo sistema. Mudar o negro do seu respectivo lugar, altera a ordenação ideológica. Os estereótipos e as idealizações, colaboracionistas do processo ideológico, obstaculizam as tentativas de ascensão do negro.

Outra fórmula de manipulação restritiva é observada, quando da tentativa do negro em tornar-se agente de trabalho. Elaborados artifícios, sob a forma de anúncios ou de critérios seletivos, impossibilitam a concretização das aspirações do negro às categorias de trabalho.

A ideologia racial torna-se definitivamente legítima da na interiorização de sua essência na consciência de negros e de brancos. A apreensão da realidade passa a ser mediatizada pelos conceitos e julgamentos imprimidos em suas socializações. A lógica do entendimento partilhada em suas relações é tanto mais coerente, quanto maior o grau de interiorização da realidade vivida pelos dois agentes. O negro, em sua auto-concepção e nas atitudes assumidas, revela, na negação de sua identidade, o grau de comprometimento com a sua imagem desvalorizada. Na interiorização de suas características marginais, incorpora, não só a convicção de "superioridade" do branco, geradora do conformismo, como também, internaliza os valores brancos como meta a alcançar.

No levantamento dos sub-sistemas ideológicos que realimenta a ideologia dominante, buscamos aqueles cujo grau de interrelacionamento era de tal ordem, que os elos de conexão tornavam-se identificáveis. Selecionamos a ideologia religiosa que, ao invalidar a significação do presente, em decorrência da transitoriedade terrena, mas também, na promessa de outra vida,

possibilita um maior grau de resignação e aceitação da realidade, sempre atribuída à "vontade divina".

Ao se envolver com a ideologia do sucesso, o negro, apesar da possibilidade estratégica de desmistificar a ideologia racial, não a absorve. O grau de envolvimento com a ascensão é de tal ordem que anula outros níveis de percepção.

O êxito é uma das expectativas mais sagradas na ordenação hierarquizada dos valores. O êxito é quase sempre a comprovação do esforço pessoal e a condição de participar em esferas até então fora do seu alcance. Na ascensão do negro, estas duas características se acentuam: no desempenho redobrado e na forma de sua absorção.

Quando, eventualmente, ocorre a ascensão do negro, a não existência de áreas estruturalmente deferidas para absorvê-lo, ocasiona sua integração nos interstícios do sistema. Estes espaços projetados com a estrutura absorvem as excepcionais perspectivas etnocêntricas, realimentadas pela excepcionalidade, absorvem a concessão da estrutura.

Determinadas áreas são mais aprovadas que outras para aqueles que se destacam. O futebol e o setor artístico, principalmente o ligado à música, correspondem às áreas pré-determinadas consensualmente como aquelas viáveis para o desempenho do negro. Estas reservas permitem a continuidade das expectativas nos atributos exigidos em tais setores, tradicionalmente conhecidos como peculiares aos negros.

Na ideologia sexual vivida em nossos dias, as características da mulher de cor, em sua simbolização sexual, persistem e se revigoram. Novas idealizações foram identificadas agora em relação ao homem negro. Com a liberação das mulheres de preceitos e tabus e, possivelmente, na fixação do modelo masculino como símbolo de emancipação, essas assumem experiências até então exclusivas do homem. A aceitação do negro em

suas relações amorosas é um dos muitos aspectos do seu novo esquema.

A estrutura da ideologia só se consolida através da comunicação. No caso da ideologia racial brasileira, a transmissão ao nível do processo de comunicação é feita através de mecanismos simbólicos subjetivamente associados às mensagens.

O sistema de relação vivida, codificada e emitida, torna operacional a ideologia. Através de mensagens verbais ou não, o preconceito é apreendido em fragmentos de imagens carregadas de sentido, em metáforas sutilmente elaboradas, em múltiplas associações, e até mesmo, através de gestos e atitudes. A metacomunicação de ideologia ocorre na receptividade do emissor às mensagens, determinadas por suas perspectivas pragmáticas e por sua consciência histórica.

No último capítulo foi nossa preocupação investigar as manifestações de ruptura com o processo ideológico. A desmistificação da realidade vivida pelos negros não ocorre somente através do plano cultural e científico; formas de conscientização e de protestos espontâneos são constatados em minorias negras. Poucas associações se caracterizam como grupos de oposição à ideologia dominante. Uma delas nos permitiu avaliar o nível de percepção e o grau de conscientização a que chegou. Por razões justificadas anteriormente, deixamos de fazer uma análise mais minuciosa deste grupo, esperando que esta oportunidade futuramente se nos apresente.

BIBLIOGRAFIA

- Textos específicos sobre o negro

- Breves resenhas:

1) AZEVEDO, Thales

1955 - As Elites de Cor - Editôra Nacional - São Paulo.

Estudo sobre negros e mulatos na Bahia. Levantamento do preconceito em entrevistas realizadas com negros e brancos, provenientes de diferentes setores e status. Demonstração de que pretos e mulatos, à medida que adquirem consciência de seus direitos civis e políticos, mostram-se menos inibidos em seu contato com os brancos. Conclui que em parte é verdadeiro a não existência do preconceito na Bahia.

2) ALBUQUERQUE, Paulo Medeiros

1974 - As Escurinhas - Editôra Mundo Musical - São Paulo;

Livro de ficção, contendo uma coletânea de contos, relatando a marginalidade da mulher negra.

3) BASTIDE, Roger - FERNANDES, Florestan

1953 - Estereótipos de Negros através da Literatura Brasileira - Caderno Afro-Brasileiro - Série III - Boletim CLIV - USP - S.P.

Análise dos estereótipos e sua consolidação na vida social. Os falsos conceitos baseados em avaliações este-reotipadas que se interpoem entre a realidade e a percepção. As suas avaliações se prendem principalmente ao negro e sua simbolização na literatura brasileira.

1959 - Branços e Negros em São Paulo - Cia. Editôra Nacional - 2ª edição - S.P.

Estuda o preconceito de cor em S. Paulo e sua

justificativa em uma sociedade de classe. Os estereótipos e como atuam. Apresentação de pesquisas realizadas na esfera ocupacional e social (Bastide).

1959 - Sociologia do Folclore Brasileiro - Editôra Anhambí S/A - S.P.

Coletânea de trabalhos inéditos, publicados em jornais, revistas, livros, reunidos e apresentados por Paulo Duarte. Atribuindo um sentido amplo ao termo folclore, analisa costumes, festas, lendas e provérbios em uma abordagem sociológica.

4) BICUDO, Virginia Leone
1954 - Relações Raciais Entre Negros e Brancos em São Paulo - Anhambí - Ano IV - nº 38 - Vol. XIII - R.J.

Estudo realizado com alunos, através de aplicações de testes e observações de suas atitudes em relação aos seus colegas de cor.

5) BRINK, William e HARRIS, Louis
1966 - Negros e Brancos - Editorial Ibis. Tradução de Fernando Figueiredo.

Inquéritos realizados sobre questões raciais. Analisa as atitudes dos brancos para com os negros nos E.E.U.U. - o negro na política e na vida profissional e a ausência de liderança.

6) CARDOSO, Fernando Henrique - IANNI, Octavio
1960 - Cor e Mobilidade Social em Florianópolis-Cia. Editôra Nacional - S.P.

Estudos sociológicos das relações entre negros e brancos no Brasil Meridional. A Comunidade escolhida apresenta características típicas do Sul do Brasil. Nesta região, por não ter se desenvolvido a exploração de produtos tropicais, que exigiu ampla mão de obra escrava, as diferenças em

tre negros e brancos não foram tão acentuadas, quando as existentes nas áreas das grandes propriedades escravocratas. A intensidade da rejeição social do negro e do mulato manifesta-se por força dos sistemas de acomodação inter-raciais. O trabalho foi dividido em duas partes: Estudos sobre o desenvolvimento econômico e social de Florianópolis, mobilidade e ideologia racial.

1962 - O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul - Difusão Européia do Livro - S.P.

Focaliza as condições sócio-econômicas do regime servil e as relações entre senhores e escravos. Aborda a peculiaridade do regime no Brasil Meridional e esclarece as feições assumidas por ele.

1962 - Capitalismo e Escravidão - Difusão Européia do Livro - S.P.

Investigação centrada no Rio Grande do Sul revelando as características singulares da escravidão brasileira nesta região. Demonstra que ao mesmo tempo que ela foi o recurso possível para a economia sulina integrar-se no mercado capitalista foi também o obstáculo fundamental para o desenvolvimento das formas modernas do capitalismo. Apresenta duas situações básicas sobre a situação do negro escravo: a primeira, como atuaram os mecanismos do sistema sobre o escravo e a segunda as consequências do regime sobre os negros.

7) CAMARGO, Oswaldo

1959 - Um Homem tenta ser anjo. Edição do autor. S.P.
Poemas reveladores do drama de ser negro, poesias principalmente de ressentimento.

1972 - O Carro do Êxito - Livraria Martins Editôra S/A - S.P.

Contos que exploram a vivência negra urbana numa sociedade de brancos. Exprime sua negritude em seus temas.

Alguns deles, no entanto, reafirmam a força dos valores brancos em suas aspirações.

8) CRUZ E SOUZA

1961 - Obra completa - Ed. Comemorativa do Centenário - rio. Editôra José Aguilar Ltda. R.J. (Compilado por Andrade Muricy).

Poemas e crônicas, onde o mais expressivo em termos de envolvimento com a sua condição de negro é o O Emparedado - onde revela a opressão dos "sem saída", no drama irreversível da cor.

9) CARNICHAEL, Stokely e HAMILTON V. Charles

1973 - Poder Negro - Siglo Veintiuno editores S/A - Argentina.

Analisa o poder branco na fase colonial e o poder negro atual, justificando sua importância. Termina sugerindo novas formas de atitudes ao negro americano.

10) FERNANDES, Florestan

1965 - Integração do negro à Sociedade de Classe - Dominus Ed. 2. vol. USP - S.P.

Estuda o paralelismo entre a cor, estigmatizada como uma categoria racial, e a condição social do negro. Analisa o preconceito de cor e suas manifestações contraditórias e as formas de percepção do problema por parte dos negros. Estabelece um quadro do sistema de relações raciais e as consequências de integração do negro na ordem social.

1972 - O Negro no Mundo dos Brancos - Difusão Euro - péia do Livro - S.P.

Coletânea de ensaios sobre a situação do negro e do mulato na sociedade brasileira, tendo todos elas em comum a mesma preocupação: como ocorre o controle e a supremacia dos brancos e a participação do negro no mundo socialmente modelado por eles.

11) FREYRE, Gilberto

1958 - Casa Grande e Senzala - José Olympio Editôra -
4ª edição - S.P.

1958 - Sobrados e Mocambos - José Olympio Editôra -
S.P. 2ª edição.

Reconstrução histórica das relações entre brancos e pretos no Brasil, focalizando as comunidades açucareiras. Estuda o ingresso dos negros na sociedade brasileira, o ambiente que encontrou e o destino que nela encontraram.

12) FANON, Frantz

s/d - Pele Negra Mascaras Brancas - Editôra A. Ferreira Porto - Portugal - Trad. Alexandre Po-mar.

Estuda duas dimensões do negro americano: a relação do negro com o branco e do negro com o próprio negro. Tenta desmascarar e desarticular os mecanismos sociais, econômicos e psicológicos que produzem a discriminação racial nos Estados Unidos.

13) IANNI, Octávio

1962 - As Metamorfoses do Escravo - Difusão Européia do livro - S.P.

Analisa o universo escravocrata de Curitiba e os fatores decisivos de sua transformação e expansão. Suas características peculiares, refletendo o contexto em que surgiram, ligando, as contradições entre os componentes da civilização agrícola constituída no passado às exigências da civilização capitalista, justifica a situação social e econômica do negro.

14) IBGE (Publicações)

1940 - Análise do Censo Demográfico - Cap. IV. Atividade e posições do negro na esfera ocupacional do então Distrito Federal.

1950 - Análise do Censo Demográfico - Cap. V. Composição da população segundo a cor, nas diversas regiões fisiográficas brasileiros.

1966 - O Brasil em Números - Resultado dos Censos demográficos de 1872 a

1960.

15) NOGUEIRA, Oracy

1955 - Preconceito Racial de "Marca" e Preconceito Racial de "Origem". Revista Anhembi - Ano V - nº 55 - Vol. XVIII - S.P.

Análise das correntes brasileiras que se especializaram no estudo do negro: corrente Afro brasileira que se espelha nos estudos históricos e a corrente sociológica. Estuda comparativamente as situações raciais dos Estados Unidos e do Brasil. Designa por preconceito de "marca" o observado no Brasil e de "origem" ao que ocorre nos Estados Unidos.

1955 - Relações Raciais no Município de Itapetininga Editôra Anhembi - S.P.

Avalia o problema racial do município de Itapetininga, onde foi possível constatar, toda a gama de condições raciais observadas no Brasil. Analisa a situação da população de cor no decorrer de cinco décadas e conclui que o "status" do negro, em relação ao do imigrantes e seus descendentes, não sofreu alteração. Observa, ainda, os laços de solidariedade de classe entre imigrantes italianos e a população de cor.

16) NASCIMENTO, Abdias

1961 - Dramas para Negros e Prólogo para Brancos - Edição do TEN - R.J.

Coletânea de peças teatrais do autor e de outros. O tema central das peças e o drama coletivo dos negros e de seus descendentes.

1968 - O Negro Revoltado - Edições GRD - RJ.

Reune documentos, relatório do Iº Congresso do Negro Brasileiro e teses entre as quais destacamos: a UNESCO e as Relações de Raça de Guerreiro Ramos, - A Criminalidade Negra no Estado de São Paulo de Roger Bastide.

17) MARVIN, Harris

Padrões Raciais nas Américas - Cap. V, VI, VII e VIII
Apostila rodada no ICHF - UFF.

Analisa os contrastes entre os padrões raciais brasileiros e os americanos e o fenômeno ideológico racial do Brasil. Tece observações em torno do paternalismo do Senhor e investiga sobre os diversos códigos sobre a lei da descendência.

18) PINTO, Costa S.A.

1952 - O Negro no Rio de Janeiro - Cia. Editôra Nacional. S.P.

Pesquisa sobre relações de brancos e negros no Rio de Janeiro, focalizando, os aspectos demográficos do grupo de cor através de dados censitários de 1940 do Distrito Federal. Interpreta estereótipos raciais colhidos em entrevistas, estuda os problemas da vida associativa inter-étnicas e as tensões raciais.

1951 - Sobre as Relações de Raças - Revista Cultural - Ano II - nº 4 - S.P.

Contendo a "Declaração sôbre a Raça" - Expri-me o que a ciência já havia estabelecido sobre a igualdade racial.

19) PIERSON, Donald

1945 - Branços e Pretos na Bahia - Editôra Nacional - S.P.

Estuda as diferentes estratificações da vida do negro e do mulato. Mostra como ascensão do mulato como gru-

po, sobrepuja o grupo negro, que sofre ainda, por influência da escravidão, maior pressão em consequência das características mais acentuadas de cor. Determina, a composição racial das classes, na sociedade baiana com tabulações referentes às ocupações. Explica as ideologias raciais e as atitudes sociais nas mesmas perspectivas de Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Oliveira Viana.

20) PEREIRA, João Batista Borges

1967 - O Negro e o Rádio em São Paulo - Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais - USP - S.P.

Investigação da distribuição dos elementos de cor pelos diferentes status das empresas radiofônicas paulistas em termos sócio-econômico. Analisa a oportunidade de convivência entre pretos e brancos, dentro de um sistema de relações sócio profissionais, inéditos até certo ponto. Aborda o interesse de profissionalização numa esfera de atividades, onde a perspectiva de alta remuneração, de prestígio e popularidade, até agora limitados, surgiu tentadora para o grupo de cor.

21) RAMOS, Arthur

1943 - Introdução à Antropologia Brasileira - Editôra Casa do Estudante do Brasil - R.J. 2 volumes.

Análise dos grupos africanos que se deslocaram para o Brasil e a origem de suas culturas. Sua integração e a sua contribuição à herança cultural brasileira.

1956 - O Negro na Civilização Brasileira - Editôra Casa do Estudante do Brasil. R.J.

Estuda o negro como elemento fundamental da nacionalidade brasileira, sua contribuição no cultivo do solo, na exploração das minas e nos desbravamento das terras virgens. Focaliza as insurreições negras no Brasil e analisa os

quilombos. No movimento abolicionista estuda a atuação das Confrarias, Irmandades Católicas e os jornais abolicionistas.

22) ROCHA, Wagner

1972 - Momento Nina Rodrigues - Apostila UFF.

Um estudo avaliativo dos conceitos sobre o negro, de Nina Rodrigues.

- Textos gerais

1) AGUIAR, Neuma

1974 - Hierarquia em Classes - Zahar Editôra - R.J.

2) ALTHUSSER, L.

1959 - Pour Marx - Editôra François Maspero - Paris.

3) BERGER, Peter.

1973 - A Construção Social da Realidade - Editôra Vozes - Petrópolis - Tradução Floriano de S. Fernandes.

4) CAMPOS, Carlos -

1959 - Ensaio sôbre a Teoria do Conhecimento - Editôra Cardal - B.H.

5) DURKHEIM e MAUSS

- Algumas Formas Primitivas de Classificação - (Apostila - ICHF - UFF).

6) EXPEDITO, Teles e outros

1973 - Fundamentos Científicos da Comunicação (Coleção) - Editôra Vozes - Petrópolis.

7) FREUD, S.

1959 - Obras Completas - Vol. VII - Totem e Tabu - Editôra Delta S/A. RJ.

8) GURVICH, Georges

1961 - Dialética e Sociologia - Publicação D. Quixote - Tradução Manoel Vitorino Dias Duarte.

9) GOFFMAN, Erving

1975 - Estigma - Zahar Editôra R.J. Tradução Márcia
Bandeira de Mello Leite Nunes.

10) HOROWITZ, Luis Irving

1968 - História Y Elementos de La Sociologia del Co-
nocimiento - (Coletânea) Tomo I e II - Editó-
rial Universitaria de Buenos Aires.

Textos selecionados:

- História del Término "Ideologia" desde Destutt de Tracy has-
ta K. Marx - Arne Naess.
- Marx Y Weber - Reflexiones sobre la decadencia de la Ideolo-
gia - G. Lucaks.
- Marx Y Mannheim - Tom B. Bottomore.
- Prólogo de la "Contribucion" a la critica de la economia polí-
tica - K. Marx.
- La Sociologia del conocimiento - Robert K. Merton
- Ciência e Ideologia - Joseph Schumpeter.
- La ideologia como medio de contral social - Joseph S. Roucek.
- Ideologia Y Alienacion - Stanley Moore.
- El fin de la ideologia? - Seymour Martin Lipsit.
- Formalizacion de la teoria general de la ideologia y la uto-
pia - Irving L. Horowitz.
- La institucionalizacion de las ideologias - Talcott Parsons.
- Las funciones de una ideologia racial - Lewis Copeland.
- Mas allá de la utopia: hacia una nueva orientacion del anali-
sis sociologico - Ralf Dahrendorf.

11) LEACH, Edmond

- Aspectos antropológico da Linguagem - Categorias a
nimais e tratamento verbal - (Apostila do ICHF-UFF)

12) Marx, K.

1968 - L'Idelogie Allemande - Edition Sociales - Pa-
ris.

- 13) MANNHEIM, K.
1968 - Ideologia e Utopia - Zahar Editores - RJ. Tradução Sérgio M. Santeiro.
- 14) MARCUSE
1973 - A Ideologia da Sociedade Industrial - Zahar Editores - Tradução Giasone Rebuá.
- 15) MAY, Rollo
1973 - Eros e Repressão - Editôra Vozes - Petrópolis
- 16) MATTA, Roberto
1973 - Ensaio da Antropologia Estrutural - Editôra Vozes - Petrópolis.
- 17) POULANTZAS, N.
1968 - Poder Político Y Classes Sociales - Siglo Veintiuno Editôra S/A - México.
- 18) PRADO JÚNIOR, Caio.
1953 - Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia) - Editôra Brasiliense - S.P.
- 19) STRAUSS, Lévi Claude
1970 - O Pensamento Selvagem - Editôra Nacional - S.P. Tradução Maria Celeste de C. Souza - Almir Aguiar.
1967 - Antropologia Estrutural - Ed. Tempo Brasileiro - RJ. Tradução Chaim S. Katz.
1960 - Raça e História - Coleção Raça e Ciência - Editôra Perspectiva.
1962 - Le Totemisme Aujour d'hui - Press Universitaires de France - Col. "Mythes et Religions" - Paris.

20) TURNER, Victor

1974 - O Processo Ritual - Editôra Vozes - Petrópolis - Tradução Nancy Campi de Castro.

21) VERON, Eliseo

s/d - Ideologia, Estrutura e Comunicação - Editôra Cultrix - S.P. - Tradução de Amélia Cohen.